

Universidade Federal de São Carlos  
Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

***VIVENDO A TERCEIRA IDADE EM VITÓRIA DA  
CONQUISTA: um estudo de caso acerca do impacto  
do programa da Terceira Idade da prefeitura municipal  
de Vitória da Conquista***

**Gabriel Azevêdo Costa Lima**

São Carlos  
2008

**Gabriel Azevêdo Costa Lima**

***VIVENDO A TERCEIRA IDADE EM VITÓRIA DA  
CONQUISTA: um estudo de caso acerca do impacto  
do programa da Terceira Idade da prefeitura municipal  
de Vitória da Conquista***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Inês Rauter Mancuso**

**São Carlos  
2008**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

L732vt

Lima, Gabriel Azevêdo Costa.

Vivendo a terceira idade em Vitória da Conquista : um estudo de caso acerca do impacto do programa da terceira idade da prefeitura municipal de Vitória da Conquista / Gabriel Azevêdo Costa Lima. -- São Carlos : UFSCar, 2008. 171 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2008.

1. Sociologia. 2. Velhice. 3. Políticas públicas. I. Título.

CDD: 301 (20<sup>a</sup>)



**Universidade Federal de São Carlos**  
**Centro de Educação e Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em Sociologia**  
Rodovia Washington Luís, Km 235 – Cx. Postal 676  
Fone/Fax: (16) 3351.8673 Endereço eletrônico: [ppgs@ufscar.br](mailto:ppgs@ufscar.br)

***Gabriel Azevedo Costa Lima***

Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovado em 21 de Maio de 2008

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria Inês Rauter Mancuso  
Orientadora e Presidente

Profa. Dra. Rosemeire Ap. Scopinho  
Universidade Federal de São Carlos

Profa. Dra. Margareth Ap. Santini de Almeida  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Dedicado aos ilustres senhores(as) participantes do Programa *Vivendo a Terceira Idade*, verdadeiros *alquimistas* que *transmutam* os seus cotidianos constantemente, na árdua busca de uma existência mais digna e feliz.

Em memória aos meus honrados e estimados avós paternos, Dona Maria José Mendonça Costa Lima e Dr. Altamirando da Costa Lima; aos honrados e estimados avós maternos, a senhora Isaura Antunes de Azevedo Silva e o senhor Adson da Silva Costa. Devo a vocês a minha inspiração neste processo, em meio às ricas lembranças de nossa convivência e aprendizado comum.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Inácia Maria de Azevedo Silva e Francisco Gabriel Mendonça Costa Lima, pela torcida e apoio no que se refere à minha luta e aos meus projetos.

À minha esposa, Ana Lucia Castilhano de Araujo, que, sem dúvida, foi a minha grande mentora nos assuntos da academia e um grande suporte afetivo em todos os momentos.

À minha garotinha, Jade, e aos meus garotões, Gabriel e Lorenzo, *pequenas grandes pessoas* responsáveis por me estimularem a tentar ser alguém melhor.

Aos generosos tios do *clã familiar dos Costa Lima*, tia Virgínia da Costa Lima, tio Vivaldo da Costa Lima (destacado antropólogo e grande incentivador), tio Sinval da Costa Lima e tia Perolina da Costa Lima. Tenho muita gratidão pelo apoio dos senhores(as) em momento delicado, além de orgulho por conhecer e conviver, mesmo que muito brevemente, com essa geração tão brilhante da família.

À minha formidável orientadora, Dra. Maria Inês Rauter Mancuso, uma pessoa que se destaca pela doçura, enorme paciência e, sobretudo, pela sua competência como cientista social.

À professora Dra. Rosemeire Aparecida Scopinho, membro da banca do meu exame de qualificação que, com admirável simpatia mostrou-me pertinentes possibilidades para a construção da dissertação.

À professora da UFSCAR, Dra. Maria da Glória Bonneli, um dos meus primeiros contatos com o PPGCso, pela contribuição intelectual e pelas grandes sugestões e dicas.

À Maria Ivone Novaes, coordenadora do programa *Vivendo a Terceira Idade*, da prefeitura municipal de Vitória da Conquista, por toda presteza e amizade, indispensáveis para o sucesso da minha *investigação científica*.

À Paula Varlanes, grande amiga, ex-monitora do programa, por ter me ajudado com sua competência e boa vontade ao longo da realização da *observação participante*.

À toda equipe do programa *Vivendo a Terceira Idade*, verdadeira *família* que me acolheu com muita alegria ao longo de todo o processo.

À Manuela Correia, grande amiga, que fez a correção detalhada do português do texto.

Aos queridos colegas do mestrado, com os quais dividi alegrias e incertezas.

À UAC, creche da Universidade Federal de São Carlos, suporte importantíssimo para poder realizar os meus estudos em São Carlos, recebendo e cuidando dos meus filhos.

Aos amigos, gente simples e prestativa de São Carlos, cidade que foi *minha terra* por dois memoráveis anos. Em especial a André Mariano e à senhora Cidinha; aos meus vizinhos, o senhor Toninho, a senhora Lucíola e a que foi minha grande amiga, a senhora Mafalda Manduca, que partiu desta vida há dois anos.

## SUMÁRIO

<b>Sumário.....</b>	<b>6</b>
<b>Índice de Tabelas.....</b>	<b>7</b>
<b>Índice de Fotos.....</b>	<b>8</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>9</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>10</b>
<b>Apresentação.....</b>	<b>11</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>13</b>
<b>1-Horizonte Teórico.....</b>	<b>17</b>
<b>2-Metodologia Aplicada.....</b>	<b>21</b>
2.1-Campo de Pesquisa.....	21
2.2-Problema e Objetivos.....	22
2.3-Método e Técnicas do Levantamento de dados.....	23
2.4-Nuances do Objeto.....	25
<b>3-A Constituição das Gerências da Velhice.....</b>	<b>32</b>
<b>4-O Envelhecimento e as Políticas Públicas.....</b>	<b>44</b>
<b>5-No Interior do <i>Vivendo a Terceira Idade</i>.....</b>	<b>55</b>
5.1-Visão Interna.....	58
5.2-As Assimetrias.....	62
<b>6-Os Microcosmos.....</b>	<b>68</b>
6.1-Gênero.....	68
6.2-Trabalho.....	74
6.3-Família.....	78
6.4-Cidadania.....	84
6.5-Ressignificando.....	88
<b>Conclusões.....</b>	<b>96</b>
<b>Referências.....</b>	<b>100</b>
<b>Anexos</b>	



**ÍNDICE DE TABELAS**

<b>Tabela 1.....</b>	<b>22</b>
<b>Tabela 2.....</b>	<b>63</b>

**ÍNDICE DE FOTOS**

**Foto 1.....65**

**Foto 2.....66**

## RESUMO

Este trabalho trata-se de um estudo de caso realizado com idosos da cidade de Vitória da Conquista, na Bahia, que participam do programa *Vivendo a Terceira Idade*. O programa investigado está vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Social da prefeitura municipal de Vitória da Conquista, tendo sido implantado em 1997. Até o período da observação, realizada no primeiro semestre de 2006, foi constatado que o programa tinha em seus registros quatrocentos e setenta e um idosos cadastrados, os quais, em sua maioria, eram provenientes de bairros populares e de baixa renda. As atividades desenvolvidas, de cunho educativo e de lazer, acontecem nos espaços dos grupos de convivência, que estão espalhados em oito bairros, e também na própria sede do programa. O objetivo principal da pesquisa foi buscar compreender qual a influência do programa frente aos idosos abarcados por ele. A delimitação da população observada referiu-se aos idosos *inativos*, que recebem algum *benefício* periódico advindo de políticas de seguridade social (aposentadoria, pensão, etc). Tendo por norte teórico a sociologia de Pierre Bourdieu, incidimos a nossa observação nas *vivências* experienciadas pelos idosos ao longo de suas participações nas atividades promovidas pelo programa. Partindo dos dados levantados pela observação participante, pelas entrevistas, pelos questionários e pela apreciação dos documentos do programa, sistematizamos nossa discussão a partir da construção de cinco categorias de análise: *gênero, trabalho, família, cidadania e ressignificando*. Por meio da metodologia adotada, em consonância com o referencial teórico, buscou-se desvelar como os idosos, em meio a todo o processo de participação em um programa da Terceira Idade, ressignificam suas referências de vida em termos identitários, e de posturas sociais adquiridas. A análise, em termos gerais, sugere que os idosos passam por verdadeiros processos de *revisão de vida*, a partir do questionamento de valores arraigados e da construção de novas prioridades para nortearem as suas vidas. Essa nova realidade, além de redesenhar as identidades, não obedecendo necessariamente a um padrão, também proporciona mudanças no centro das relações do idoso com a sua família e com a sua sociedade de modo amplo.

### **Palavras-chave:**

Programa Vivendo a Terceira Idade - Idosos de Vitória da Conquista - Envolvimento com a Terceira Idade - Novos aprendizados - Ressignificações.

## ABSTRACT

This research is about a case study assigned with old people from Vitória da Conquista, Bahia. These people participate in a program called *Vivendo a Terceira Idade*. This program belongs to Social Development Secretary from the Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista and it was founded in 1997. Until the observation period which was occurred on the first semester in 2006, there were about four hundred old people participating in the program. The great part of these people came from popular districts and they were poor people. In living together groups, people participate by educative and leisure activities. These groups are situated in eight districts from the city and their meetings happen in their own districts or in the program space. The mainly objective by this research is understand what is the program influence in old people who participate. To make this work, the researcher chose inactive old people, who receive some periodic money from social security politics, like: retirement, pension, etc. This study was based in Pierre Bourdieu Sociology and our observation was about the familiar experiences from the old people in the program activities. Our discussion started from the facts raised by the participating observation, by the interviews, by the questionnaires and by the appreciation of the program documents. Besides, it was based in five analysis categories: gender, work, family, citizenship and resignifying. Through the adopted methodology, according to the theoretical referential, we tried to show how old people who participate in an Elderly program resignify their life references about identity and acquired social behavior. In general, this analysis suggest that old people pass to true reviewing life processes starting from the question about the values and the building of new priorities to drive their lives. This new reality redesigns the identities and provides changes in the center of the old people relationships with their families and with the society.

### **Key-words:**

Programa *Vivendo a Terceira Idade* – Old people from Vitória da Conquista – involvement with the *Elderly* – New learning – Resignifys.

## APRESENTAÇÃO

A escolha pelo tema desse trabalho surgiu do interesse em aprofundar meus conhecimentos sobre a posição social da velhice na sociedade brasileira, fomentada pelas minhas experiências pessoais de convivência com idosos. Sendo assim, a minha percepção acerca da trama que legitima e reproduz a exclusão do segmento social em questão sempre me causou desconforto, dada a discriminação que lhe é imposta. Por consequência dessas experiências pessoais, venho tendo contato com o tema já desde a minha graduação<sup>1</sup>, quando trabalhei um tema relativo à memória social de Vitória da Conquista, cidade do interior da Bahia, e tive que recorrer aos depoimentos de idosos para a minha análise. Após este trabalho, fiz uma monografia que tocava nas *representações sociais da velhice* em um curso de pós-graduação<sup>2</sup>.

Venho investindo em aprimorar os meus estudos sobre o fenômeno social do envelhecimento humano. Este trabalho é uma continuidade às minhas reflexões neste campo, considerando a relevância social, conseqüentemente acadêmica, que as discussões sobre a terceira idade e a vida na velhice representam hoje para o desenvolvimento social do país, no atual contexto de aumento do seu contingente de idosos<sup>3</sup>.

Tal realidade do *amadurecimento*<sup>4</sup> populacional marca um momento de profundas transformações da cultura nacional sobre o tema, além da necessidade de completa revisão das relações estabelecidas entre Estado e sociedade. O fenômeno do envelhecimento da população brasileira se depara com a conjuntura política mundial das medidas neoliberais, que já se arrastam por mais de duas décadas. Essa política configura-se em um esquivamento do Estado para com as suas obrigações com a sociedade civil (educação, saúde, moradia, alimentação, transporte e lazer). É razoável salientar que esta conjuntura política é ainda mais grave nos países *subdesenvolvidos* e *emergentes*, como o Brasil, pois nunca sequer chegaram a gozar de um *Estado de Bem-Estar (Welfare State)*, como nos países desenvolvidos, não tendo uma estrutura jurídica promissora para a aplicação dos direitos civis. Entretanto, os movimentos organizados vêm atuando e provocando mudanças, em meio às suas

---

<sup>1</sup> Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

<sup>2</sup> Curso de Especialização em Psicologia Social da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, concluído em 2002. Título da monografia: *O velho e as representações sociais da velhice na dinâmica das estruturas sociais*.

<sup>3</sup> Pesquisas demonstram que em 2025, aproximadamente, 15% da população brasileira terá 60 anos ou mais. Informação adquirida em Haddad (2001).

<sup>4</sup> O termo amadurecimento populacional é utilizado por geógrafos para referirem-se às populações em processo de envelhecimento populacional. Neste caso, são consideradas nações *maduras* as que possuem em suas populações o equivalente a 50% , ou mais, de pessoas com idade igual ou superior a 50%.

possibilidades e limitações, sendo um reflexo disso o Estatuto do Idoso, lei 10.741/2003 (DE PAULO; et alli, 2004), que demarca juridicamente, no Estado brasileiro, uma gama de direitos do idoso que, anteriormente, eram ignorados ou muito vagos.

Essa pesquisa, como será pontuado, se volta para uma tentativa de reflexão dessas mudanças no âmbito sócio-cultural, a partir de um estudo de caso, incidindo especificamente no cotidiano das atividades realizadas com velhos aposentados e pensionistas, promovidas pelo programa *Vivendo a Terceira Idade*, da prefeitura municipal de Vitória da Conquista.

A escolha desse programa se deveu ao fato desta organização ser bastante representativa em um duplo aspecto: o numérico, pois conta com 471 idosos registrados; e o perfil social, sendo os idosos participantes em sua maioria provenientes de classes sociais menos abastadas, que vivem com rendimentos (pensões e aposentadorias) baseados na referência do salário mínimo, sendo ainda residentes de bairros populares e dependentes das ações de assistência do Estado<sup>5</sup>.

Ressalta-se, ainda, que os estudos que se voltam para os idosos das regiões do nordeste, principalmente das localidades mais distantes dos grandes centros urbanos, são razoavelmente poucos. Portanto, há um vasto campo, no que tange ao tema, ainda na invisibilidade para os meios acadêmicos.

---

<sup>5</sup> Informações mais detalhadas sobre o grupo de idosos escolhidos para a pesquisa estão descritas na seção CAMPO DE PESQUISA.

## INTRODUÇÃO

Vitória da Conquista<sup>6</sup> não foge da atual tendência, no Brasil, de envelhecimento acelerado da população, o que exige uma atenção das discussões acadêmicas, aliadas com a prática, para se refletir acerca do fenômeno na região, com o objetivo de se planejarem ações conjuntas, envolvendo todos os segmentos sociais, a fim de alcançar melhorias na qualidade de vida de seus idosos. Há, na cidade, atualmente, uma quantidade considerável de organizações com programas de ação para a Terceira Idade, que realizam atividades com grupos de idosos, como o SESC, a UNIMED, o Movimento Contra Morte Prematura, o programa Vivendo a Terceira Idade da prefeitura, dentre outros, o que demonstra um campo promissor para o estudo proposto.

A realidade dos idosos no Brasil cria uma urgente demanda para a discussão do fenômeno do envelhecimento da sua população, nas diversas áreas do conhecimento. Os aparatos do Estado e a própria educação da sociedade civil no país estão em um estágio muito aquém do necessário para a promoção de qualidade de vida e garantia do exercício da cidadania dos idosos (HADDAD, 2001). Neste contexto, é veemente o apelo de diversos movimentos sociais (manifestos via universidades, igrejas, sindicatos e outros), que visam a construir, das mais variadas formas, uma nova relação entre a sociedade e o idoso. No caso específico deste estudo, estamos tratando de um programa para a Terceira Idade, que é mediado por uma prefeitura municipal, em síntese, uma instância que representa oficialmente o Governo, órgão que executa, em tese, as políticas públicas. Este contexto, portanto, gera implicações e ressalvas quanto a situar o programa observado no rol dos movimentos sociais, embora seja permeado por estes. Doravante, tentaremos discutir este aspecto de forma criteriosa.

Traçar uma discussão que envolva a Terceira Idade, colocando-a na condição de um segmento social singular, com suas demandas próprias, faz-se, hoje, indispensável. As virtudes do indivíduo idoso, que se apóiam na sua larga experiência de vida, estão, cada vez mais, descaracterizadas e abstraídas pelos indivíduos como alegorias soltas dentro das sociedades modernas industriais. Cada vez menos se encaixam ao pragmatismo dessas sociedades de consumo (ELIAS, 2001). Esse perfil da vida social, que tende à massificação dos indivíduos, é, em sua essência, excludente, deixando à margem aqueles segmentos que

---

<sup>6</sup> Cidade do sertão da Bahia, situada na região sudoeste do estado. Importante pólo regional que oferece diversos serviços para toda a sua região (educação, saúde, comércio, lazer, etc). Tem uma população estimada, pelo censo de 2003, de 274.000 habitantes. No site: [www.ibge.gov.br/cidadesat](http://www.ibge.gov.br/cidadesat).

não têm como acompanhar o processo, ou os desfigura, impondo-lhes *posturas e tarefas* não condizentes com as suas condições. Isso gera uma série de problemas de ordem sócio-cultural. Esses problemas tornam o desenvolvimento para a democratização do *bem-estar* humano ainda mais difícil, além de construir estruturas sociais que reproduzem e ampliam os processos de exclusão.

A luta pela dignidade do idoso, antes de ser a simples busca pela garantia de melhores condições de vida para cada cidadão em um futuro próximo, é a necessidade da preservação da identidade histórica e cultural de nossa sociedade. Bosi é veemente ao afirmar que a função do idoso é lembrar, como coloca:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual. (2003, p.82-83)

O primordial papel social da velhice, tal qual se instituiu, nesta perspectiva, passa, então, por um processo de banimento, por conta da crescente falta de espaço para desempenhá-lo, pois falta quem ouça o idoso e o qualifique como patrimônio sócio-humano de nossa história e cultura. Essa tendência da modernidade estabelece, em termos, uma aniquilação desta *humanização do presente* à qual Bosi se refere, tornando as *relações geracionais* cada vez mais reduzidas a formas *reificadas*, cuja *moeda* das trocas simbólicas entre as gerações vicia-se nos signos do pragmatismo dos modelos de reprodução da cultura capitalista.

A modernidade é produtora de amnésia, apaga as referências e oculta os ancoradouros do passado, abole o velho para dar lugar ao novo e inédito, e valoriza o efêmero em detrimento do durável, esconde a permanência sob a superfície agitada da mudança (BALANDIER, 1997, p.256 apud STANO, 2001, p.8)

No âmbito das novas sociabilidades, advindas do fenômeno social da Terceira Idade, nas últimas décadas, a noção de vida na velhice<sup>7</sup> vai além dessa dimensão que reitera sempre

---

<sup>7</sup> Essa diferenciação entre a concepção tradicional, acerca da velhice, e a Terceira Idade será discutida mais largamente no capítulo *A Constituição das Gerências da Velhice*.



a função do idoso, ou melhor, o *papel primordial* do idoso como sendo a sua *função* de ser o *guardião da memória social*. O idoso passa, agora, a assumir um perfil cuja *modalidade de vida* idealizada pode lhe encurtar o tempo para estar contando *histórias*, pois passa a ter o *dever* de viajar, dançar, se embelezar, brincar e outras *maquinarias* do demarcado mundo da juventude.

A Terceira Idade busca atenuar, ou mesmo reverter, o processo de envelhecimento dos indivíduos, os quais se defrontam com sérios obstáculos. As perdas, ostracismos e mesmo auto-negação dos idosos (não-aceitação de *estar velho* ou *estar envelhecendo*), são características comuns dentro das sociedades ocidentais, inclusive na brasileira (MONTEIRO, 2001). As perdas *naturais*<sup>8</sup> da velhice (falecimento do companheiro, declínio da própria vitalidade física, etc), são potencializadas pelo tratamento que recebem da sociedade (pensões insuficientes, na maioria dos casos, a possível deteriorização dos seus papéis sociais, *scripts sociais*, a partir da aposentadoria, etc). Trata-se de um contexto extremamente preocupante para a vida nas ditas democracias modernas.

De acordo com o pensamento de Goffman (2002), a construção da identidade, da *representação do eu*, parte da rotina das relações sociais, da busca dos indivíduos pela sua aceitação e lugar nos grupos nos quais transitam e interagem. Quando os estigmas depreciativos, como a idéia de incomum, feio, inútil, doente, etc, se apropriam da imagem social do indivíduo, como muito acontece com o idoso em nossa cultura, há uma tendência dos grupos sociais envolvidos com ele adotarem uma atitude que tenha por objetivo isolá-lo, passando a vê-lo como um obstáculo para o *bom equilíbrio das relações sociais*, pois é, como se diria, um *peso social*. Diante disso, coloca-se que o grau de aceitação de um grupo social para com os seus integrantes seja uma referência crucial para a formação das identidades dos indivíduos, pois ela delinea seus sentimentos de pertença em relação ao seu meio social. Neste processo, é importante para o indivíduo a percepção de que a sociedade o reconhece como seu integrante, que desempenha, dentro de sua dinâmica de organização, uma função de relevância que não é descartável.

---

<sup>8</sup> Convém aqui considerar que, para a perspectiva teórica adotada neste trabalho, sempre que for feita a menção a conceitos como o de *natural*, *essencial*, etc, estes estarão condicionados à conjuntura sócio-histórica do objeto ao qual estão se referindo. Assim sendo, não devemos incorrer a erros essencialistas. O que é *natural* para o envelhecimento, por exemplo, é questionado no artigo dos estudiosos Featherstone e Hepworth (2000), onde discutem a reinvenção do corpo e do *curso da vida* a partir do advento das novas tecnologias (engenharia genética, realidade virtual, etc). Essas invenções tecnológicas são fatos históricos que colocam em xeque a idéia de *natural* e *essencial*.

O ser humano é um ser gregário e, portanto, necessita de aceitação e reconhecimento. Queremos estar assegurados de que ocupamos um lugar no mundo. A angústia de ser velho está associada ao medo da segregação e do isolamento. Pois, frente à menor possibilidade de estar sozinho e isolado, cria-se uma crise existencial que acarreta transtornos depressivos que podem terminar por roubar a própria vida. (MONTEIRO, 2001, p.94)

Diante de toda a abordagem defendida, consideramos pertinente uma análise sobre a contribuição das políticas públicas do Governo para a Terceira Idade, que são frutos das tensões promovidas pelos movimentos sociais, que deram visibilidade aos problemas que tangem ao envelhecimento da população. Esta perspectiva do estudo possibilita a *compreensão*, no sentido weberiano, da influência destas ações (promoção de grupos de convivência inter e intra-geracionais) nas ressignificações do idoso, frente aos seus *papéis sociais*, assim como favorece novas formas de se perceber e sentir o seu *processo de existência*, constituindo identidades cujas referências podem escapar dos símbolos da tradição (idoso passivo e recluso socialmente). Contudo, tal afirmativa não tem a pretensão de emitir juízos valorativos, no sentido de querer estabelecer classificações como o *atual*, o *moderno*, o *ideal*, para contrastar com a idéia de *ultrapassado*, de *arcaico*, de *condenável*, no que toca aos signos que circulam na relação da sociedade com o processo de envelhecimento da população.

Este estudo busca, por fim, compreender algumas das tendências atuais acerca do alcance desses programas para a Terceira Idade, quanto às suas tentativas de construir suportes estruturais, principalmente sócio-educativos, que viabilizem a promoção de qualidade de vida aos idosos, em destaque os idosos inativos (pensionistas e aposentados), e o exercício da cidadania pelos mesmos.

Desde já, partimos do pressuposto de que a investigação desse *alcance* dos programas da Terceira Idade pode abranger significados que remontam, inclusive, a um questionamento a respeito da forma de aplicação dessas políticas públicas. Essas políticas funcionam como catalisadores dos ideais fomentados pelos movimentos da sociedade civil em pró do idoso, ou fazem arranjos que atendem parcialmente às reivindicações, esbarrando-se nos comodismos do *jogo político* que, em geral, resiste às mudanças estruturais profundas do modelo de organização social vigente.

O tema tem a característica de abordar sobre um conjunto de mudanças atuais que envolvem a sociedade como um todo, para uma reflexão profunda sobre as novas tendências e ações da sociedade brasileira frente ao fenômeno social do envelhecimento, demandadas pelo seu atual contexto sócio-histórico.

## 1-HORIZONTE TEÓRICO

No empreendimento de construir uma coerência teórica com o objeto de pesquisa desta dissertação, de modo que o situasse no âmbito das discussões de pertinência das Ciências Sociais, o contorno dado à temática teve a função de indicar, ou mesmo tender, a determinadas escolhas. Em primeiro lugar, deve ser feito aqui o registro de que o pesquisador chegou, em dado momento, assim como o projeto inicial propôs, a pretender canalizar a perspectiva teórica deste trabalho para um enfoque o mais possível *purista*, fazendo a escolha de uma única linha teórica que fosse *suficiente* para dar conta dos objetivos. Mesmo concordando com o fato de que é indispensável fazer as *interloquções*, do ponto de vista teórico, para se dar *substância* a qualquer trabalho acadêmico, o receio de se fazer uma miscelânea incoerente epistemologicamente, com choque de conceitos e preceitos, foi algo imperativo. No entanto, ignorar o arcabouço interdisciplinar dos estudos que tocam ao *envelhecimento* como *epicentro* seria inviável, como a revisão bibliográfica pôde apontar. Assim, embora o trabalho apresente contribuições de estudiosos de diversas áreas e posturas teóricas, pode-se dizer que o *eixo* da forma de se buscar *compreender o problema* tem por norteador o modelo da Sociologia de Bourdieu.

A escolha da perspectiva teórica e metodológica defendida por Bourdieu, enquanto pilar dessa pesquisa deve-se, em grande parte, por sua postura crítica no que se refere ao *fazer científico*. Frente ao seu horizonte em relação à construção da ciência, em específico da Sociologia, considera-se pertinente fazer a *sociologia da sociologia*. Não há uma dissociabilidade, na pesquisa científica, entre *sujeito* e *objeto*, já que a representação do campo social é construída pelo pesquisador. Deste modo, chama a atenção do investigador, colocando que ele, a todo momento, corre o risco de contaminar a razão científica, tratando como instrumento de conhecimento aquilo que deveria ser objeto de conhecimento (BOURDIEU, 1989).

Sem dúvida a interrogação científica exclui por definição a intenção de exercer qualquer forma de violência simbólica capaz de afetar as respostas; acontece, entretanto, que nesses assuntos não se pode confiar somente na boa vontade, porque todo tipo de distorções estão inscritas na própria estrutura da relação de pesquisa. Estas distorções devem ser reconhecidas e dominadas: e isso na própria realização de uma prática que pode ser refletida e metódica, sem ser a aplicação de um método ou a colocação em prática de uma reflexão teórica. (BOURDIEU, 1997, p.694)

Bourdieu também alerta que a submissão ao *habitus* de pensamento, constituído pela ciência, ainda que possa exercer formidáveis efeitos de rupturas, pode conduzir também a formas perigosas de ingenuidade. Nesse sentido, é preciso romper com os *instrumentos de ruptura* (que acarretam as mudanças sociais) que anulam a própria experiência contra o que foi por eles construído e instituído. A ruptura válida é, para Bourdieu, a conversão do olhar, ou seja, não basta produzir um *homem novo*, mas sim, um novo olhar, um *olhar sociológico*, que desconstrua as aparências do que é dado, e, ao mesmo tempo, reflita a sua própria tendência à parcialidade e contaminações. As interferências no processo de investigação do objeto, decorrentes da parcialidade à qual o pesquisador está sujeito, são reforçadas e invisibilizadas, por certos meandros da estruturação sócio-histórica do *habitus*, expresso pela prática da ciência moderna. A construção desse *habitus* organiza a percepção do pesquisador dentro de moldes de percepção do mundo social, demarcando toda uma gama de categorizações que são *incorporadas no agente* (pesquisador) como parte de sua *experiência dóxica*<sup>9</sup>, que é organizada em esquemas de percepção, pensamento e ação.

É a concordância entre as estruturas objetivas e as estruturas cognitivas, entre a conformação do ser e as formas do conhecer, entre o curso do mundo e as expectativas a esse respeito, que torna possível esta referência ao mundo que Husserl descrevia com o nome de “atitude dóxica” – deixando porém de lembrar as condições sociais de sua possibilidade. (BOURDIEU, 1999, p.17)

Considerando o objeto de pesquisa exposto neste trabalho, que tem como alvo de observação e análise determinado grupo de *idosos*, categoria complexa e heterogênea, alvo de diversas formas de *violência simbólica*, o uso da noção de *campo social* de Bourdieu é extremamente pertinente. O *campo social* é tecido pela enorme gama de interações entre os mais variados *agentes sociais*. A sua história está presente e refletida em todas as instâncias da vida social, seja de forma materializada (nas instituições) ou incorporada (nos *agentes*). O espaço das interações que moldam o campo social, destacando as relações do campo político, é pré-construído historicamente pela lógica das diferenças, gerando o acúmulo de *capital simbólico* em poder de determinados *agentes*, em detrimento de outros (BOURDIEU, 1989). As questões relativas à Terceira Idade estão inseridas nesta trama de jogo de poder no cotidiano social. Os movimentos sociais, assim como as políticas públicas que fomentam os novos estilos de vida difundidos pela Terceira Idade, em geral viabilizados por agentes

---

<sup>9</sup> A experiência dóxica, na definição de Bourdieu, é a constituição da naturalização da percepção do mundo social, o que o torna legítimo de uma forma instituída e corporificada (*habitus*), abolindo qualquer possibilidade de reflexão crítica, *lutas cognitivas*, do que é apresentado por sua conformação. (Bourdieu, 1999)

institucionais, atuam de forma direta, tanto no campo político como no sócio-cultural, de modo imbricado, buscando conquistas para os idosos na legislação e trabalhando para a valorização social, a fim de que eles possam exercer sua cidadania. As nuances deste processo se delineiam num verdadeiro intercâmbio simbólico entre os grupos e instituições envolvidas. Nesta trama simbólica da Terceira Idade, em que a discussão permanente gira em torno do que é melhor para o idoso, há consensos e tensões, simultaneamente, nos *processos comunicativos* (de trocas simbólicas) existentes entre os segmentos do Estado, movimentos sociais, sociedade civil, família e mercado.

Embora a investigação proposta não tenha o objetivo de se deter, necessariamente, nas lutas do campo político-legislativo, já que o recorte está nas manifestações do *microcosmo social* do cotidiano do idoso, a ênfase em considerar o campo político nesta abordagem do objeto se deve: ao fato de ser no campo político, para Bourdieu (1989), onde se geram os produtos políticos (problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, etc) que, cotidianamente, negociam a colocação dos *agentes* em posições sociais determinadas, dotando-os de maior ou menor concentração de *capital simbólico* (status, prestígio, reconhecimento social). Ou seja, nesta relação não há como dissociar o *micro* do *macro*, que se entremeiam no *campo social*, em meio às diversas nuances das relações de poder e no *processo comunicativo* dos variados segmentos em contínua interação. Logo, para se observar a interação social dos idosos, faz-se indispensável contextualizá-los, considerando a dinâmica das relações de poder que perpassam dentro do campo social, no qual estão situados. Para isso, foi feito ainda, na pesquisa exploratória, o levantamento de algumas características-chaves dos idosos a serem observados, que podiam, ou não, determinar categorias de análise, mas que foram importantes para uma visão mais ampla do pesquisador acerca do seu objeto. Entre estas características, podemos citar: gênero, perfil sócio-econômico, tipo de profissão exercida durante a vida, contextos familiares, etc. Isso se fez necessário porque o olhar sobre o objeto sempre busca fazer referência à historicidade indissociável dos conceitos e categorias associados ao objeto de pesquisa.

A posição de um determinado *agente* no *campo social* pode ser definida, seguindo esta linha de raciocínio, pela posição que ele ocupa nos diferentes *campos*, ou seja, como ele está situado perante a distribuição dos poderes em circulação. Estes poderes são, sobretudo, exercidos a partir do acesso dos *agentes* aos variados tipos de *capitais simbólicos* (capital cultural, capital social, capital político, etc).

As estruturas condutoras das *relações de força* fazem parte, para Bourdieu, das consciências dos *agentes*, em forma de categorias de percepção desse *mundo naturalizado*

(BOURDIEU, 1989). O mundo social, seguindo essa lógica, assume o estatuto de *sistema simbólico*. As diferenças construídas no espaço social funcionam mediante uma dinâmica de *mercado de bens simbólicos* (BOURDIEU, 1999). Essa linha epistemológica, diante de toda argumentação até aqui exposta, foi utilizada como viés, instrumento de análise, para a pesquisa apresentada, considerando que a Terceira Idade, enquanto categoria socialmente construída, tem a sua historicidade refletida por toda uma gama de constructos acadêmicos e discursos políticos, que vêm tomando visibilidade ao longo de quatro décadas, passando a organizar identidades, ou melhor, criando novos *contextos simbólicos incorporados*, no âmbito dessa dita *economia simbólica*.

O *velho*, transformando-se em *idoso*, passa a vivenciar um contexto *subjetivo* (identitário) novo, tomando como sua, em muitos casos, a causa instituída pelos entremeios de sua interação nos programas da Terceira Idade, ao mesmo tempo em que passa a ter outra compreensão de si e da sociedade com a qual interage. Tais discursos perpassam por todas as relações dentro do *campo social*, em que as negociações entre *agentes*, em geral verticalizadas, dependem da conquista de espaços sociais nos quais estejam disponíveis os *capitais sociais, econômicos, políticos e culturais*, subsídios imprescindíveis para alcançar a *valorização social* tão almejada pelo programa em questão (Programa Vivendo a Terceira Idade).

## 2- METODOLOGIA APLICADA

### 2.1-Campo de Pesquisa

Nesta seção do trabalho mostraremos de modo pontual e direto as características do programa estudado, tendo a intenção de oferecer uma visualização mais ampla do nosso campo de pesquisa. Características mais minuciosas serão expostas ao longo da dissertação, estando condicionadas pelas demandas da discussão.

Foi estudado o PROGRAMA VIVENDO A TERCEIRA IDADE do município de Vitória da Conquista – BA<sup>10</sup>, vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Social / Prefeitura de Vitória da Conquista e implantado em 1997. Entre os profissionais envolvidos nas atividades relacionam-se: monitores, funcionários administrativos, pedagogos, fisioterapeutas e técnicos das atividades (costureiras, artesãos, artistas do teatro, músicos, alfabetizadores, etc).

As atividades direcionadas são: *contar histórias* (atividade voltada para o estímulo da memória, do conto de histórias e o compartilhamento das *experiências de vida*), costura, artesanato, dança, teatro, relaxamento, coral, alfabetização, palestras (em geral para esclarecer e aconselhar condutas de *como envelhecer bem* ou tratar de assuntos relacionados ao exercício da cidadania dos idosos; a exemplo de palestras na área de saúde e discussões sobre a legislação vigente), aniversários coletivos, bailes, viagens, etc. As atividades são realizadas com oito grupos distintos de bairros populares (de baixa renda) do município, que são: Grupo Renascer (Bairro URBIS VI), Grupo Esperança (Bairro Alto Maron), Grupo Primavera (Bairro Brasil), Grupo Feliz (Bairro Patagônia), Grupo Viva a Vida (Bairro Guarani), Grupo Nova Vida (Bairro Brasil), Grupo Reencontro (Bairro URBIS IV e V), Grupo Amizade (Bairro Jurema).

A faixa etária dos que participam do programa é a partir dos 55 anos (sendo que a faixa etária média de maior frequência entre os idosos é de por volta dos 65 anos, embora entre os 60 e 80 anos a população esteja distribuída de modo equilibrado).

---

<sup>10</sup> A coordenadora, no momento da pesquisa, era a graduada e especialista em Educação Física, Maria Ivone Novaes.

O número de idosos participantes são 471 inscritos (445 mulheres, ou 94% e 26 homens<sup>11</sup>), distribuídos nos grupos conforme apresentado na Tabela 1.

**TABELA 1: Distribuição por Sexo**

Inscritos no Programa Vivendo a Terceira Idade, segundo grupos e sexo. Vitória da Conquista, 2007:

GRUPOS	total	mulheres	homens
Amizade	59	56	3
Esperança	94	87	7
Feliz	85	79	6
Nova Vida	43	43	0
Primavera	60	57	3
Reencontro	53	51	2
Renascer	34	26	5
Viva a Vida	43	43	0
TOTAL	471	442	26

FONTE: informações retiradas das fichas de cadastro dos idosos.

## 2.2-Problema e Objetivos

### Problema de Pesquisa

Qual a contribuição das atividades promovidas pelo Programa Vivendo a Terceira Idade para os *idosos aposentados e pensionistas*, em seus cotidianos, no que se refere à redefinição das identidades e papéis sociais do segmento social pesquisado?

### Objetivo Geral

Analisar os resultados que as atividades com grupos de idosos, promovidas pelas organizações da Terceira Idade, têm alcançado com os *idosos aposentados*, no que se refere à construção de novos papéis sociais para a *vida na velhice*.

### Objetivos Específicos

1º) Analisar a maneira como as atividades realizadas com os grupos de idosos abordam a questão da cidadania e da qualidade de vida na velhice.

---

<sup>11</sup> A Terceira Idade é um movimento eminentemente *feminino*, ponto a ser discutido mais detidamente ao longo do trabalho.



2º) Identificar a repercussão destas atividades no cotidiano do idoso, com relação à sua postura em suas interações no seu meio social (grau de socialização ou reclusão, exercício da cidadania, etc).

3º) Compreender como o idoso, participante destas atividades, reconhece a sua importância e inserção na sociedade.

### 2.3- Método e Técnicas do Levantamento dos Dados

É importante salientar que o ponto nevrálgico da investigação está na observação das relações dos idosos com o programa mencionado e na repercussão destas relações em seus cotidianos. Por conta disso, a aplicação de *entrevistas semi estruturadas* e da *observação participante* foram métodos de pertinência utilizados nos processos da coleta dos dados da pesquisa.

Antes de descrever e refletir sobre a forma como foram aplicados os procedimentos, no contexto em pauta, é interessante pensarmos acerca de algumas considerações de Bourdieu sobre a complexidade que envolve o ato de entrevistar, vendo-o como uma relação de assimetrias. A relação entrevistador-entrevistado pauta-se na comunicação entre dois *agentes* providos de capitais simbólicos diferentes, distanciamentos sócio-culturais, que devem ser identificados e admitidos, buscando uma *comunicação não violenta*. No caso específico da realização de entrevistas com idosos, ou indivíduos *estigmatizados*<sup>12</sup> socialmente, em condições de grande heterogeneidade, o pesquisador deve reconhecer as distâncias que o separa do entrevistado e buscar atenuar ao máximo as *interferências*, através da aplicação das técnicas amparadas no rigor exigido pela metodologia, *sem cristalizar a conduta no próprio método* (BOURDIEU, 1997).

As dificuldades em função das *assimetrias* dos capitais simbólicos em interação foram vivenciadas no processo da coleta, em muitos momentos, de forma até *dramática*. Na observação participante, por exemplo, a dificuldade não incomum de certos idosos para entenderem o que o pesquisador queria estando ali, mesmo sendo explicado da maneira mais direta e *didática* possível, já dava uma considerável mostra dessas *assimetrias*. Já nas entrevistas, algumas das perguntas respondidas iam para outros lados, em relação ao objetivo considerado. Por exemplo, muitos, após ouvirem a pergunta: *Poderia tentar me dizer qual o seu papel, enquanto idoso e cidadão, dentro de sua comunidade (sociedade)?*, acabavam

---

<sup>12</sup> Termo usado conforme a definição de Goffman (1988).

dando uma interpretação diferente e respondendo algo como: *Eu acho que está melhorando. Tem muito jovem que dá valor às pessoas de idade.*<sup>13</sup> O pesquisador arriscou encarar esse fato como um *dado*, levando em consideração a *resposta equivocada*, que não deixa de ser um indicativo de que o capital cultural dos agentes entrevistados é, em grande parte, fator culminante na forma das *elaborações* que o idoso opera diante da sua experiência vivida no grupo, concomitantemente com a sua interpretação dos discursos trabalhados pelos grupos.

A aplicação das entrevistas, em sua finalidade e operacionalidade, está imbricada com a realização da observação participante. Foi através da observação participante que foram escolhidos os agentes a serem entrevistados, além de ter situado o pesquisador na sua conduta frente aos entrevistados. Na observação participante, foi trabalhada a familiaridade do pesquisador com os depoentes, tão importante para a fluência da entrevista. Como podemos observar, a observação participante e as entrevistas estabelecem uma relação de complementaridade, tendo, inclusive, similaridades nas suas aplicações.

As entrevistas, como se pode verificar, seguiram a orientação dos objetivos propostos, embora o roteiro não tivesse como funcionar, na prática, de forma padrão com os depoentes, devido às realidades específicas de cada um. Por exemplo, enquanto para certo idoso o ponto mais delicado de sua transição (para a vida na Terceira Idade) era a ausência do exercício profissional, para outro era a realidade advinda da viuvez.

Tendo o objetivo de analisar as *representações*<sup>14</sup> acerca das atividades do Programa, da parte dos próprios profissionais que a viabilizam, foram aplicados questionários<sup>15</sup>. A idéia foi dar um maior suporte à pesquisa, uma vez que os dados colhidos pelo questionário são emblemáticos no que toca às expectativas e objetivos esperados pelos profissionais, através da realização das atividades nos grupos. As informações extraídas por este recurso puderam ser *cruzadas com as interpretações* dos próprios idosos, no que tange à proposta do Programa. Essas *interpretações* foram registradas tanto por meio das entrevistas, como também no processo etnográfico da *observação participante*.

Quanto à organização da discussão, optamos por uma perspectiva *dedutiva*, que parte da discussão do *geral* (macro – conjunturas políticas e historicização de faces gerais do objeto) para o *particular* (micro- análise do Programa Vivendo a Terceira Idade, incidindo na sua repercussão no microcosmo social dos idosos).

---

<sup>13</sup> Vide nos anexos, na parte das transcrições, entrevista de número 12.

<sup>14</sup> Uso o termo *representação* aqui se referindo ao sentido das concepções acerca das atividades do Programa, difundidas pelos profissionais que as ministram.

<sup>15</sup> No capítulo *No Interior do Vivendo a Terceira Idade*, no item *Visão Interna*, será feito um maior detalhamento acerca da elaboração dos questionários e da sua intencionalidade. Esse detalhamento está coadunado na discussão dos dados levantados pelos próprios questionários.

No capítulo da análise, *Os Microcosmos*, as categorias sistematizadas para *amarrar* a discussão, tendo a finalidade de atender às propostas expostas nos objetivos, foram: *gênero*, visando a refletir sobre as razões e motivações de a Terceira Idade ter como clientela majoritária o segmento das mulheres, situando, ainda, quais implicações que isso gera para a Terceira Idade e para o Programa em particular; *trabalho*, que visa a traçar uma reflexão acerca das *ressignificações* proporcionadas pelas relações existentes entre as *experiências de trabalho*, constituídas no labor dos  *cursos de vida* individuais, e a *vida inativa*, gerenciada pelo Programa; *família*, para se analisar o *feedback* do idoso com os seus familiares na dinâmica do cotidiano familiar, em meio ao seu vivenciar com a Terceira Idade; *cidadania*, para se discutir a efetividade do impacto *educativo* do Programa, no que diz respeito à orientação referente ao modo do idoso portar-se em sua sociedade; e, por fim, a categoria *ressignificando*, a partir da qual se discutirá as formas de o idoso organizar, em termos identitários, as experiências e novos aprendizados adquiridos por meio de seu convívio com o programa.

Em toda a parte da análise, perpassa a questão das *assimetrias*, deparadas pelo pesquisador no seu *manejo* em campo, aspecto a ser discutido com reverente estreiteza, expondo os *apertos* e aprendizados vividos neste processo.

Outros detalhes acerca da aplicação dos procedimentos mencionados serão comentados ao longo do trabalho, uma vez que inseri-los na própria discussão funciona como *recurso ilustrativo* e, também, como forma de contextualizar os dados.

## 2.4-Nuances do Objeto

Para se analisar os resultados que as atividades com grupos de idosos, promovidas pelo programa Vivendo a Terceira Idade, da prefeitura de Vitória da Conquista, têm alcançado com os *idosos que recebem proventos regulares (aposentados e pensionistas)*, consideramos a adoção de uma *metodologia qualitativa* como um viés promissor para a coleta, análise e interpretação dos dados desta pesquisa. Esse *alcance* do Programa para com os idosos refere-se à construção de novos conceitos e posturas sociais, pelo próprio idoso, para o *curso da vida* em um novo modelo de *velhice constituída*, a Terceira Idade.

O conceito de *mundo da aposentadoria* aqui utilizado não se enquadra na definição formal, em termos do campo legislativo, uma vez que também consideramos neste bojo o subgrupo da categoria dos pensionistas. Ou seja, inserem-se na questão os idosos do Programa que gozam de algum tipo de seguridade para a vida na velhice, estando, a priori,

desobrigados de trabalharem para a manutenção de seus sustentos. Essa idéia, contudo, funciona meramente para delimitar um instrumento conceitual para a demarcação do campo e objeto em foco, uma vez que, na *pura prática*, é de conhecimento comum o fato de que o idoso ter algum tipo de rendimento regular não significa ter o recurso suficiente para se sustentar. Isso dependerá do seu contexto de saúde, demandas econômicas familiares, etc.

A relação da Terceira Idade com a aposentadoria, hoje, na contemporaneidade, é muito mais sinuosa e plástica do que se podia imaginar no início da compilação do projeto de pesquisa pelo pesquisador. Atreladas às questões que tocam na aposentadoria estão as *experiências de trabalho*, em suma: *bagagens* que demarcam contornos subjetivos de cada idoso de modo singular e contundente. Essa perspectiva dota a afirmação expressa abaixo, em fragmento do projeto de pesquisa inicial, de muitos desdobramentos conceituais que tornam a categoria *trabalho* de uma grande complexidade e valor para se trabalhar nosso objeto.

(...) consideramos que a experiência do trabalho de um indivíduo, experimentada no decorrer da sua vida, no ofício de sua profissão, tem uma considerável influência na configuração de sua identidade, dentro da cultura capitalista em que vivemos (...) (COSTA LIMA, 2005, p.4)

No texto da antropóloga Debert (1993), ela faz a seguinte colocação sobre a Terceira Idade, que exemplifica sobremaneira as inquietações encontradas pelo pesquisador nos processos de observação sistemática com os grupos do programa pesquisado:

Mas ao fato de uma população cada vez mais representativa no ponto de vista numérico ter que recriar estilos de vida e novas formas de sociabilidade em um contexto em que o trabalho ou as formas de inserção na estrutura de empregos, definitivamente deixam de ser categoria chave na formação de identidades. (p.3)

Essa afirmação de Debert, bastante sugestiva e coerente, a depender do contexto no qual for empregada, vislumbra as possibilidades geradas pelas heterogeneidades da vida social, diríamos *pós-moderna*, em que as referências se multiplicam e diluem-se com os *arsenais de novidades* (novos discursos de novas categorias insurgentes), que se desdobram em variadas construções de formas de sociabilidades, numa sociedade ágil que instaura, abole e reinventa novas *estéticas de vida* a todo instante. Porém, refletindo mais detidamente nas especificidades da população estudada neste trabalho, tal consideração, embora de grande elucidação no âmbito macro, arriscaríamos dizer que não se encaixa conforme a direção da perspectiva teórica aplicada em consonância com as especificidades do nosso campo. A partir das reflexões feitas, chegamos à idéia de que a referência do trabalho nas identidades dos

idosos observados, ainda que não possa ser um elemento determinante para as formações das identidades, se o considerá-lo isoladamente, continua sendo uma referência, até certo ponto, de suma importância, dadas as justificativas a serem discutidas.

Os idosos alvos da nossa investigação, com relação à referência do *trabalho* na demarcação de suas identidades, apresentam uma série de realidades que apontam para muitos lados. Em primeiro lugar, devemos mencionar o enorme contingente de mulheres, maioria *gritante* do Programa, representando 94% do total de inscritos. Boa parcela dessas mulheres não executou trabalhos formais (registrados e reconhecidos enquanto *trabalho*) ao longo de suas vidas. Dos aposentados do Programa, em termos formais, uma quantidade expressiva é de pessoas que viveram “pulando de galho em galho”, como disse um deles em conversa informal: “Eu sempre trabalhei onde tinha qualquer servicinho”. Sendo assim, muitos deles não tiveram a possibilidade de constituir a identidade de uma categoria de trabalhador específica (operário, pedreiro, lavrador, etc), embora o *trabalho* faça presença marcante nas suas *histórias de vida*.

Mediante o tipo de coleta aplicada, não houve possibilidade de definir em número preciso a quantidade desses aposentados especificados, que não se reconheciam enquanto membros de uma categoria profissional específica. A constatação dessa realidade só poderia ser verificada, se fosse o caso, mediante o cruzamento das planilhas com as entrevistas. Mesmo que o idoso tenha passado sua vida nessa indefinição, do tipo de trabalho exercido, na sua ficha cadastral, sempre consta a menção de apenas uma de suas muitas atividades exercidas ao longo da vida, geralmente escolhida pelo próprio idoso no ato de preenchimento da ficha. Sendo assim, para se ter o dado preciso acerca da quantidade de idosos nessa condição, seria necessário entrevistar todos os aposentados, sem exceção.

Esse tipo de trabalho, cheio de flutuações, de referências soltas e temporárias, que, na maioria das vezes, não permitem uma *reflexividade* capaz de promover uma *consciência de classe* (utilizando-se aqui uma perspectiva marxista) e uma visão não imediatista de seu valor para as *engrenagens sociais*, na reflexão de Marx (1988), é situado no conceito de *trabalho alienado*. Um tipo de *trabalho* que tem também como característica o seu caráter compulsório, cujo imperativo é a árdua luta pela sobrevivência, pontuando de forma central toda a trajetória da existência.

Mas como a produtividade é inseparável do moderno princípio de progresso, resulta daí que a vida é sentida e vivida como trabalho, que o próprio trabalho se torna o conteúdo da vida. (...) Em outras palavras, o trabalho, que se torna a própria vida, é *trabalho alienado*. Ele deve ser definido como

trabalho que impede os indivíduos de realizarem suas capacidades e necessidades humanas e, quando permite alguma satisfação, esta é passageira ou vem depois do trabalho. (MARCUSE, 2001)

Já Durkheim (1991), tendo por referência a meticulosa divisão social do trabalho na sociedade industrial do século XIX, no que toca aos seus efeitos dispersivos, que geravam o isolamento do trabalhador, assim como a fluidez nas referências do trabalhador com a sua categoria e na percepção do valor do seu trabalho para a sociedade como um todo, preferiu chamar esse *tipo de situação de trabalho anômico*. O *trabalho anômico* seria, então, essa forma de empregar a força de trabalho, a qual Durkheim descreve da seguinte forma:

Neste caso, diz-se, o indivíduo, curvado sobre a sua tarefa, isola-se na sua atividade particular; deixa de sentir os colaboradores, que trabalham ao seu lado na mesma obra que ele, deixa absolutamente de ter idéia desta obra comum. A divisão do trabalho não podia ter sido levada tão longe sem se tornar **fonte de desintegração** (grifo nosso). (1991, p.150)

Nesta perspectiva, não há como dissociar desta pesquisa a discussão da categoria *trabalho*, uma vez que essa esfera da vida acaba por permear de modo profundo toda a existência do indivíduo, ainda que os discursos da Terceira Idade tentem criar uma demarcação que distingue, quase que territorialmente, o *mundo do trabalho* do *mundo da Terceira Idade*, sendo este último o *mundo do lazer* e do *prazer ad continuum*. Ainda que no momento de vivência da Terceira Idade os agentes já tenham ultrapassado determinadas etapas da vida, como as fases de sujeição às formas de *trabalho alienado*, trabalho este de caráter compulsório e que não proporciona prazer ou uma identificação positiva da parte do agente, a *experiência de trabalho* ao longo da vida permanece como um elemento constitutivo do indivíduo. Este *permanecer* não é, a priori, estanque, *estruturado* de modo rígido e imutável, mas possui elementos *estruturantes*, já que, no decorrer das experiências do agente (idoso), a *experiência de trabalho* vai, constantemente, sendo ressignificada.

O idoso carrega consigo suas vivências com o uso da sua força de trabalho ao longo de sua vida e guarda essas experiências de forma incorporada, tendo os seus signos integrados na sua expressão diante do mundo, uma vez que é um *material simbólico* que, embora seja passível constantemente de ressignificações, sempre se fará presente de alguma forma. Considerando a reflexão de Marcuse (2001) já exposta, a experiência de trabalho alienado, em certa altura, se torna *o conteúdo da vida*, pois é um elemento importante na *revisão de vida* do indivíduo, revisão esta tão presente na *fase da maturidade*.

Além dos eventos de transição, as necessidades da personalidade, que emergem na meia idade e na velhice, são determinantes do aparecimento do processo de revisão de vida. A possibilidade de contemplar a vida como um todo, com as tarefas evolutivas da vida adulta já cumpridas, somada à redução da perspectiva de tempo futuro propiciada pela meia-idade e pela velhice são poderosos evocadores de revisão de vida. ***A pessoa avalia seus valores, suas metas e realizações, passa a limpo e começa a responder a novas exigências do curso de vida, parte das quais se configuram como afastamento e perda*** (grifo nosso). (NERI, 2000, p.174)

O idoso participante da Terceira Idade leva consigo suas experiências de vida (formação, valores, crenças, conteúdos psicoemocionais adquiridos, etc). Ao longo da rotina estabelecida pelas novas atividades e aprendizados desenvolvidos pelos programas de Terceira Idade, o idoso, no processo de adaptação a essa nova *dinâmica de vida*, *confronta* seu acúmulo de experiências com as novas experimentadas. Suas vivências são referências marcantes que serão elementos para comparar, medir, integrar ou contrastar com a nova fase vivida, passando a valorar a mesma sob a influência, ainda que sutil, do seu *memorial* particular. Tratando-se a relação da memória do *curso da vida* como um processo dialético, seria negligência não lembrar que o presente, as novidades experimentadas, também produz ressignificações, mudanças nas formas de encarar e dar sentido às experiências vividas anteriormente. Sendo assim, o passado, o presente e as expectativas futuras dos agentes encontram-se integrados, e em constante interação, na mesma *via de mão dupla*.

A lembrança não se daria no inconsciente de cada sujeito, como sugere Bérqson; rememorar seria uma imagem construída pelos materiais que estão agora a nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (ECKERT,2000, p.159)

A realidade de vários dos idosos observados, como os registros do diário de campo e das entrevistas apontam, mostra que determinadas dimensões da vida, ou melhor, das *histórias de vida*, se sobressaem tanto quanto a *experiência do trabalho*, de forma contrastante ou complementar a esta. Um ponto, para exemplificar a questão, que será trabalhado mais detidamente na parte da análise dos dados, é o registro, nas entrevistas, de trechos que revelam como a experiência do *tempo produtivo* (fase da *obrigação* do trabalho), para certos idosos, era algo *incômodo*. Havia um *desconforto*, no sentido de que esses idosos ansiavam o fim desta *obrigação*, para que pudessem tanto descansar, como ter maiores condições de dar atenção às outras esferas da vida (relações familiares, lazer, novos aprendizados, etc). Essa *expectativa*, da parte de alguns idosos, não pode ser usada como argumento para validar a idéia da *não centralidade* da experiência do trabalho no desenho da

identidade do idoso, uma vez que: se incomoda, é porque tem, de certa forma, alguma centralidade. No entanto, em termos valorativos, da parte do idoso, esse tipo de constatação pode ser avaliada como um dado da pesquisa que indica os *escapes* do idoso frente às imposições da lógica da *produção capitalista*, inclusive no tocante aos seus dinâmicos processos de constituição identitária. Essa reflexão reforça a noção que situa o idoso como *agente*, aspecto que também remete ao conceito de *devoir* de Deleuze:

Pode-se, com efeito, falar de processos de subjetivação quando se considera as diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se constituem como sujeitos: tais processos só valem na medida em que, quando acontecem, escapam tanto aos saberes constituídos como aos poderes dominantes. Mesmo se na seqüência eles engendram novos poderes ou tornam a integrar novos saberes. Mas naquele preciso momento eles têm efetivamente uma espontaneidade rebelde. Não há aí nenhum retorno ao “sujeito”, isto é, a uma instância dotada de deveres, de poder e de saber. (2004, p.218)

A Terceira Idade adquiriu um papel de organizadora de um novo estilo de vida para a *velhice* na contemporaneidade. Mesmo seu discurso tendo uma tentativa de demarcar um outro espaço social, em que se afasta do espectro da lógica da *aposentadoria* tradicionalmente concebida, não há como negar que são faces de uma mesma moeda (Terceira idade e aposentadoria)<sup>16</sup>, uma vez que o estilo de vida projetado pela Terceira Idade só pode se concretizar, de modo *ideal*, com a ausência da obrigação do indivíduo de ter que trabalhar para poder se sustentar. Isso sem falar que a aposentadoria é um marco, em certa medida, da entrada *oficial* do indivíduo na *velhice*. Certamente, os programas voltados para a Terceira Idade, em meio ao processo de institucionalização da identidade do idoso, demarcam novos papéis sociais para os *indivíduos de mais idade*. Esses indivíduos, decerto, aproveitariam as possibilidades que a aposentadoria oferece (com a garantia de proventos regulares) de modo muito diferente, caso não estivessem envolvidos com estes programas.

Em meio a esses processos de intervenção das *políticas da terceira idade* na vida dos idosos, configuram-se dinâmicas sociais que escapam às propostas difundidas por seus defensores. A título de exemplificação, podemos citar a apropriação, muitas vezes inadequada, da imagem social da Terceira Idade pelo mercado, persuadindo, agressivamente, os idosos a adotarem uma *identidade de consumo*, pois passa-se a instituir o idoso como nova *classe de consumo*. O *feedback* do idoso com essa *avalanche de seduções* também apresenta

---

<sup>16</sup> Essa questão será discutida de modo mais detalhado no capítulo *Constituição das Gerências da Velhice*.



contornos que podem fugir dos *padrões* das *reações esperadas*, como apresentaremos ao longo das discussões desenvolvidas neste trabalho.

### 3- A CONSTITUIÇÃO DAS GERÊNCIAS DA VELHICE

A idéia deste capítulo consiste em discutir a gênese dos conceitos modernos de categorização da vida na *velhice* que, em si, já é um constructo que apresenta diversas facetas e contextos singulares. Esses conceitos (terceira idade, idoso, melhor idade, dentre outros) apresentam-se enquanto símbolos trabalhados no cerne da *luta política* da dita *categoria* (idosos), a partir da segunda metade do século XX, que constituíram um verdadeiro arcabouço simbólico para as permutas das constituições identitárias dos indivíduos, reconhecidos como possuidores de *idades avançadas*. No desenrolar do capítulo, será feita uma reflexão, concomitante com a questão da construção dos conceitos, acerca da relação existente entre aposentadoria e terceira idade, no que concerne às suas interlocuções históricas.

A perspectiva teórica adotada trabalha com o princípio de que é preciso desnudar o caráter sócio-histórico das categorias (identidades), que são naturalizadas e *corporificadas* pelos sujeitos (BOURDIEU, 1999), mediante um processo que estabelece padrões normativos hierarquizados. Nesta trama da configuração da sociedade, que define os sujeitos ideais (*normais*) em detrimento dos sujeitos perigosos (*anormais*), como discute Foucault (2001), a sociedade moderna foi organizada, pautada nos discursos refletores dos valores burgueses e cristãos, substratos das *tecnologias de poder* (saberes médicos e jurídicos). No caso em questão, há um destaque dos discursos da geriatria e da gerontologia. Tomando estas prerrogativas como referência da discussão, a noção de *idoso* representa a forma como a sociedade contemporânea busca redefinir e instituir o que é ser hoje um *velho ideal*, aceitável.

Desde Ariés (1981), cujos estudos sobre a historicidade da *construção social da infância*, nos anos 60, tornaram-se referências para situar as discussões das ciências humanas acerca da organização e construção das *fases etárias* no âmbito da vida social, tornou-se premente a necessidade destes estudos para se compreender importantes nuances das estruturas de funcionamento e da reprodução sócio-cultural das sociedades. Desde então, vem sendo reiterada a importância de pesquisas que busquem investigar as relações existentes entre a sociedade e as *fases da vida*, considerando que estas *fases* são dotadas de papéis sociais e capitais simbólicos específicos, conforme os contextos sócio-culturais vão circunscrevendo.

A infância e a velhice são universos que a sociedade moderna e seus esquemas de poder tentam colocar sob controle e adequação de seus próprios interesses, mas que escapam com frequência a essa opressão ou, permanentemente ameaçam escapar, pois que não estão inteiramente

subsumidos aos ditames da ordem social objetiva, como de resto, nem os adultos estão, embora não o percebam claramente. (GUSMÃO, 2003, p.25)

Ao longo das décadas que se seguiram, as discussões sobre as *fases da vida* foram se sofisticando, por conta do fomento que foram tendo nos meios de investigação acadêmica e das contribuições interdisciplinares, uma vez que os problemas levantados mobilizam os saberes das mais diversas áreas (medicina, psicologia, sociologia, antropologia, demografia, políticas públicas, geriatria, gerontologia, etc).

Ariés (1981) aponta para o século XVIII como o período em que surge o modelo da *família moderna*, uma família configurada como o *espaço da intimidade*, distinta do espaço público, pois é o ambiente do afeto, onde a criança tem as atenções ao seu dispor, a mulher adulta tem a função de garantir um ambiente propício a essa intimidade, e ao homem adulto é reforçada a obrigação de ser o provedor das necessidades materiais. Deste modo, há uma clara ordenação das *temporalidades* etárias dos indivíduos, um processo de socialização neste contexto de demandas históricas específicas (Revolução Industrial), que instituiu hierarquizações e papéis distintos para as *fases da vida*. As demarcações estabelecidas passam a fazer parte da *dóxa*, enraizando-se culturalmente, como por exemplo: a definição da *infância* como fase da escolarização, da *vida adulta* como a época de se produzir no trabalho e para se constituir a família, e da *velhice* como momento de reclusão social gradativa (aposentadoria), para *ceder espaço* às gerações mais novas.

Faz-se pertinente aqui mencionar os estudos de Foucault (1998) acerca das formas de controle aperfeiçoadas no século XIX, através dos saberes das ciências, que objetivavam reproduzir um eficiente *funcionamento* social, condizente com a lógica industrial, uma *lógica positiva* (produtiva). A constituição ou aperfeiçoamento de instituições reguladoras e reprodutoras da conduta social, nesta perspectiva, é a grande marca da modernidade. As instituições em questão (escolas, governos, igrejas, asilos, hospitais, pedagogia, psiquiatria, etc) são lócus sociais que também adquirem a característica de trabalharem os seus campos de atuação como *laboratórios de poder*, espaços cuja ação visa a observar, medir, categorizar, etc, para aprimorar a racionalização de sua gestão, tendo a finalidade de tornar mais eficiente a sua potencialidade de exercer controle na esfera de poder a que se destina. Falando-se em *velhos*, pois ainda tratamos do século XIX, período em que a categoria *idoso* ainda está fora de cena, as instituições que lhes eram destinadas neste período (asilos e instituições psiquiátricas) refletiam a concepção reinante no período acerca da velhice: fase de ostracismo planejado para não perturbar a ordem vigente.

A forma de organização social constituída na *sociedade disciplinar* do *século XIX* (FOUCAULT, 1998) se apóia na classificação dos indivíduos, definindo perfis de normalidade impostos, criando categorias opostas cuja polaridade é indispensável ao *sistema de institucionalização das regras normativas*: o *doente* e o *saudável*, o *feio* e o *bonito*, o *civilizado* e o *selvagem*, a *mulher decente* e a *prostituta*, o *jovem* e o *velho*, etc. Os possuidores dos *corpos abjetos (queers)*, em contraste com os *corpos que importam* (BUTLER, 2002) – jovens, sexo masculino, brancos, heterossexuais, burgueses, cristãos, dentre outras características – devem ser mantidos *sob controle*, para que se mantenha conservado, ao máximo, o padrão de funcionalidade e organização social idealizado pela demanda da sociedade moderna. Os devidos *diagnósticos científicos* e *estéticos*, utilizados para classificá-los, marcam os contornos da aceitação social dos indivíduos, assim como determinam os *estigmas* (GOFFMAN, 1988) que dificultam essa aceitação, *ferramentas* da construção da identidade dos sujeitos.

En este sentido, pues, el sujeto se constituye a través de la fuerza de la exclusión y la abyección, una fuerza que produce un exterior constitutivo del sujeto como su propio repudio fundacional. (BUTLER, p.20, 2002)

Buscando discutir de forma crítica a velhice dentro da lógica do dualismo classificador do *normal* e do *patológico*, categorias instituídas no desenrolar do século XIX, Groisman (2000) aborda a ampliação do mercado de trabalho para geriatras e gerontólogos, assim como a difusão do projeto da gerontologia no século XX. Esse projeto carrega consigo o ideal prevencionista, para garantir um estilo de vida saudável projetado para o envelhecimento. Tais disciplinas (geriatria e gerontologia) funcionam como espécies de *disciplinadoras da existência humana*, assim como a pedagogia, a pediatria e tantas outras que têm a função de regular e categorizar o *curso da vida*.

Ainda no século XIX, com a consolidação do processo histórico da Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra na segunda metade do século XVIII, as mudanças acarretadas por este contexto marcam profundamente a relação da sociedade com o velho. Poderíamos elencar essas transformações, fundamentalmente, em: o êxodo rural, o aparecimento do operariado, o desenvolvimento da ciência, o crescimento demográfico e a ampliação da perspectiva de vida.

A expectativa média de vida aumentou muito ao longo do século XIX. Em 1801, era de trinta anos. Em 1850 é de 38 anos para os homens e de 41 para as mulheres; em 1913, de 48 anos para os homens e de 52 para as mulheres.

Mas os ricos têm uma probabilidade bem maior de viver mais que os pobres. Na França de 1870 a 1914, “para os homens de quarenta anos, a morte atingia noventa patrões, 130 empregados e 160 operários entre 10 mil franceses de cada categoria”. Em Bordeaux, em 1823, a idade média no momento da morte é de 49 anos entre os burgueses, para 33 entre o povo. (PERROT, 2003, p.255)

Tais fenômenos fizeram com que a *produtividade*, atrelada à *acumulação de capital*, passasse a ser reconhecida como valor primordial para o sustento e crescimento qualitativo da civilização ocidental. Nesse contexto, a população de velhos cresce consideravelmente, em detrimento de sua importância. A ideologia liberal deste período prega a igualdade de chances, não estabelecendo nenhum compromisso dos poderes públicos para com os menos abastados, a fim de assegurar essa condição de igualdade na luta pela sobrevivência e no reconhecimento social, numa perspectiva ampla (HOBSBAWM, 1981). Dentro desse contexto, a situação do velho torna-se ainda mais grave, já que ele, neste momento, não acompanha as exigências preestabelecidas pelo sistema capitalista, a fim de assegurar a sua meta de desenvolvimento. Leis e estatutos, criados a partir desta época legitimaram e institucionalizaram o *aumento da produção* como objeto social mais importante, decretando, desta forma, a *morte social* do velho, por considerá-lo improdutivo do ponto de vista mais imediato, em relação às exigências sociais instituídas.

A análise feita há cem anos por Tocqueville verificou-se integralmente nesse meio tempo. Sob o monopólio privado da cultura a tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma. O mestre não diz mais: você pensará como eu ou morrerá. Ele diz: “você é livre de não pensar como eu: sua vida, seus bens, tudo você há de conservar, mas de hoje em diante você será um estrangeiro entre nós”. Quem não se conforma é punido com uma impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do individualista. **Excluído da atividade industrial** (grifo nosso), ele terá sua insuficiência facilmente comprovada. Atualmente em fase de desagregação na esfera da produção material, o mecanismo da oferta e da procura continua atuante na superestrutura como mecanismo de controle em favor dos dominantes. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.125)

Na sociedade européia do século XIX, as políticas de aposentadoria ainda eram muito restritas, não havendo políticas públicas que atingissem a vasta variedade de categorias profissionais existentes. Em geral, era um privilégio de poucos setores mais organizados, com poderes tanto políticos quanto econômicos. Os profissionais liberais, por exemplo, se organizavam por conta própria, sem o aparato do Estado, para garantir os seus proventos para o momento em que se *retirassem* do exercício sistemático em seu campo profissional. Entre os poucos que usufruíam o direito de receber a pensão, assegurado por uma legislação,

destacavam-se os funcionários públicos. Quanto aos operários, raríssimos eram os casos em que gozavam da aposentadoria. Esta era destinada somente àqueles ligados aos serviços promovidos pelo Estado, às companhias ferroviárias, às indústrias de grande porte, etc. Os camponeses, em geral, ficavam na velhice à mercê da boa vontade de seus familiares.

A partir da *lei de 1910*, na França, passa-se a discutir o problema das *aposentadorias rurais e operárias*. Embora tenha sido (a lei) um tanto evasiva e muito questionada, tornou-se um marco, por trazer à tona tais discussões. Essas discussões são produtos de uma realidade nova, já que a solidariedade entre gerações tende a diluir-se no mundo industrial. As casas operárias minúsculas, os salários insuficientes, a inexistência das pensões em muitos casos, etc, contribuía para que as famílias passassem, cada vez mais, a recorrer ao confinamento dos seus velhos em asilos públicos (no contexto europeu). Esses exemplos dão mostras da tensão criada entre a sociedade civil e os poderes públicos, no que toca ao destino a se dar na gerência pública e privada, ambas imbricadas, da vida das pessoas na velhice (PERROT, 2003).

O fato de que a velhice se transforme num “risco” que deve ser coberto por um seguro, como a doença e os acidentes, mostra a distorção das solidariedades familiares e, ao mesmo tempo, uma alteração nas percepções do tempo de vida. Essa consciência da velhice, que, segundo a avó de George Sand, foi criada pela Revolução, corresponde a uma mutação de grande porte, a ser estudada. (idem, p.172)

Groisman (2000) afirma que a institucionalização das aposentadorias está diretamente ligada ao ímpeto da necessidade de se ordenar socialmente a vida dos operários que não tinham condições de assegurar a sobrevivência através do trabalho, no século XIX. Assim sendo, a conseqüente associação entre velhice e invalidez fez determinar juridicamente uma referência de idade para legitimar o afastamento do indivíduo da atividade produtiva, no caso das atividades diretamente ligadas ao uso da *força física*. Nesta dinâmica de funcionamento das políticas de aposentadoria, observamos uma contradição fundamental, pois o trabalhador, atingindo a idade estabelecida para aposentar-se, mesmo em pleno vigor físico para produzir, é conduzido para a *aposentadoria compulsória*. Entretanto, todo este processo ajudou a consolidar o estatuto do direito à aposentadoria, abrindo, inclusive, espaços para vir à tona uma pluralidade de posicionamentos em pró do bem-estar no envelhecimento, até então inexistentes ou na invisibilidade pública.

O modo como a velhice era vivida em meados do século XIX, segundo Ariés (1981), era marcado pela abrupta interrupção das atividades correspondentes como próprias do *mundo*

*adulto*, o que fazia com que pessoas com quarenta ou cinquenta anos se tornassem indivíduos difíceis de estimar a idade. No entanto, os filhos das gerações do final do século XIX, que viveram suas velhices nos contextos das décadas de dez e vinte do século XX, viveram mudanças qualitativas nos estilos de vida, em função do desenvolvimento técnico desse período, que permitia que os limites da idade fossem postos em xeque (vacinas, cosméticos, máquinas facilitadoras do cotidiano, como carros e elevadores, etc). Contudo, esta era uma característica mais marcante nas classes médias dos grandes centros urbanos, principalmente nos países mais desenvolvidos.

A partir do período do pós-guerra, século XX, o conhecimento das características etárias das populações, em destaque na Europa e nos Estados Unidos, tornou-se objeto de pesquisa por parte das instituições públicas, com o intuito de subsidiar o planejamento das políticas de gestão das populações e do espaço público e privado. Por conseguinte, essa época marca a gênese das políticas mais *abrangentes* da aposentadoria, assim como entrona o *envelhecimento* como problema de caráter político, tirando-o do confinamento social em termos de discussão pública. (DEBERT, 2004).

A consolidação das políticas de seguridade social na velhice estabeleceu a possibilidade de o velho experimentar novos modelos societais, levando em conta a maior independência material adquirida que, conseqüentemente, lhe confere maior mobilidade para transitar nos espaços sociais. Nos anos 60, essa conjuntura torna o campo político e social propício ao aparecimento do movimento da Terceira Idade. O movimento surge inicialmente na França, num período em que emergem novos parâmetros para se determinar os padrões ideais para os estilos de vida na velhice, quando florescem as *universidades da Terceira Idade*. A pretensão inicial do movimento é apontar o caminho mais viável e digno para o idoso trilhar no momento do seu *afastamento da vida produtiva*.

Em reforço às novas concepções e posturas frente ao fenômeno da velhice, a escrita norte-americana sobre o tema, nos anos 70, sobretudo a dos gerontólogos, irá abarcar o postulado da *velhice bem sucedida*. Esse novo conceito confronta o arraigado paradigma que alia à velhice a idéia de senescência e decrepitude. O ideal de envelhecimento, neste caso, está associado à busca da preservação da autonomia física e mental, ao saudável envolvimento social (sair da clausura) e ao bem-estar subjetivo (equilíbrio emocional) (SILVA, 1999).

A Terceira Idade constitui-se como uma importante nomenclatura moderna para a conceituação oficial da velhice, sendo os *idosos* (seus membros), cidadãos a partir de sessenta anos de idade, aqueles que estão nessa fase da vida. A definição dos sessenta anos como referência da entrada na velhice pelo indivíduo, sua condição de *idoso*, foi instituída pela

ONU em 1985<sup>17</sup>. A expressão *Terceira Idade* tende a se referir ao segmento social que abarca os *jovens velhos*, ainda dinâmicos e ativos, do ponto de vista social vigente, que são aqueles que se envolvem com esportes, bailes, movimentos sociais, etc (CARDOSO, 2003). Para Debert (2004), a Terceira Idade é uma construção social que institucionalizou e categorizou a velhice, construiu a idéia de um *novo velho*, o *idoso*, amparada em constructos conceituais da gerontologia da segunda metade do século XX que, gradualmente, foi cedendo espaço para discussões interdisciplinares. Basicamente, a Terceira Idade passa a demarcar um conjunto de posturas e objetivos legítimos para a velhice, dentre eles a prática das atividades que retardem os efeitos (biológicos) do envelhecimento e o incentivo da participação cidadã do idoso em seu meio social.

A construção dos discursos da Terceira Idade, discursos que categorizam *um velho* e *uma velhice ideal*, a ser buscada por todos, tem tido uma repercussão crescente nas últimas décadas, tanto nos países desenvolvidos como nos países emergentes, o caso do Brasil, cuja população de *idosos* vem aumentando. Muito dos aspectos convencionados nestes discursos faz referência às virtudes da juventude como a perspectiva ideal para se construir o estilo de vida dos velhos. A apropriação desses discursos pelo mercado, ávido em capturar os *vovôs* detentores de poder aquisitivo, com seus pacotes de excursões, cosméticos, planos de saúde e etc, reforça e desvirtua os saberes em construção sobre o envelhecimento. Essa dinâmica modela, em certo ponto, um *mundo fictício* para a velhice, que exclui uma considerável população de velhos, que não têm como atingir, ou mesmo manter, o estilo de vida *idealizado* e *cobrado*. Tal processo, além de tudo, ignora e repreende, em certo ponto, as escolhas dos sujeitos, como as de não se sujeitarem às intervenções que ditam as formas de se viver e de sentir o envelhecimento.

A tentativa de se buscar *jovializar* o velho a partir de sua *mutação* para a condição de *idoso* incide em dificuldades consideráveis. É pertinente refletir que: as dificuldades existentes nas relações dos idosos com a sociedade têm como uma de suas causas cruciais a recusa de identificação dos indivíduos de outras faixas etárias com os indivíduos ditos *velhos*, e também dos próprios indivíduos *velhos* em aceitarem seus próprios *processos de envelhecimento*. Há de se considerar que a realidade de *fragilização* do indivíduo nos processos de envelhecimento e morte soa para a nossa cultura como algo tenebroso, que deve ser, dentro de certos limites, maquiada ou banida do cenário social público, para não perturbar

---

<sup>17</sup> Os estudos dos especialistas engajados na questão, sobre população e políticas sociais, adotaram a referência dos 60 anos como referência para a velhice, considerando: uma idade estimada em que os indivíduos passam a sofrer de modo contundente as transformações biológicas e o desengajamento do mundo do trabalho nas sociedades ocidentais (MASCARO, 1996).



a *estética padrão* concebida pela indústria cultural que divulga o ideal do hedonismo e da assepsia.

Em relação à reação dos velhos, no que diz respeito ao mal-estar que a velhice em conjunto com o fenômeno da morte repercute na sociedade, Elias (2001) faz a seguinte colocação:

A maneira como as pessoas dão conta, quando envelhecem, de sua maior dependência dos outros, da diminuição de sua força potencial, difere amplamente de uma para outra. Depende de todo o curso de suas vidas e, portanto, da estrutura de sua personalidade. Mas também seja útil lembrar que algumas das coisas que os velhos fazem, em particular as coisas estranhas, estão relacionadas a seu medo de perder a força e a independência, e especialmente de perder o controle de si mesmo. (p.82)

Essa fuga da nossa *realidade biológica*, da perda de vitalidade do corpo e da morte, e as conseqüentes limitações sociais que a estendem estão presentes no nosso cotidiano nas mínimas coisas, pois temos que parecer sempre robustos, dispostos e alegres: não há lugar para baixarmos a guarda e demonstrar as nossas frustrações e desânimos refletidos no corpo. O ideal a se perseguir deve ser as virtudes da juventude, como se não houvesse outras possibilidades de reconhecimento social. Assim, mediante esta reflexão, pode-se arriscar dizer que a proposta *política* da Terceira Idade para o *indivíduo de idade avançada*, o *idoso*, é a antítese, a desconstrução dos símbolos que a *velhice* acumulou ao longo dos tempos. A proposta da Terceira Idade, pelo menos em sua forma mais genérica de divulgação, aponta para o objetivo implícito de *afastar o velho da velhice*. Em suma, fazê-lo *idoso*.

Nesse contexto, a designação *idoso* apresenta contornos de significações políticas trabalhadas pelos discursos da Terceira Idade, idealizadora de um *velho ideal*. O seu uso acadêmico deve estar sempre atento para sua plasticidade, conforme os diversos contextos e a historicidade do campo em que se insere, já que:

Assumir que a idade cronológica é o critério universal de classificação para a categoria idoso é correr o risco de afirmar que indivíduos de diferentes lugares e diferentes épocas são homogêneos.(CAMARANO; PASINATO, 2004, p.5).

Debert (2004) chama a atenção para as deturpações, ou mesmo superficialidade, da forma como o discurso gerontológico é apropriado e difundido pela mídia contemporânea. Nas veiculações de massa dos *prognósticos* do envelhecimento, por exemplo, reitera-se, a todo instante, a idéia chave de que um saudável e profícuo envelhecimento deve-se,

principalmente, à responsabilidade e postura individual do idoso. Em se tratando de uma nação como o Brasil, cujas estruturas jurídicas, políticas e sociais ainda estão *engatinhando*, no que toca aos idosos, essa forma de discurso é no mínimo desarticuladora. Trabalha-se, deste modo, uma perspectiva que mascara para a sociedade a complexidade da questão, já que, dentre uma gama de fatores, está a relevância da responsabilidade de ordem pública (civil e governamental). Lopes (2000), em seus estudos sobre tratamento de saúde e uso de medicamentos na velhice, tece nas considerações finais de sua pesquisa um comentário que culmina neste ponto:

Com este estudo confirma-se que não é apenas o Ministério da Saúde que deveria se ocupar do direito às condições de saúde. Não há dúvida de que afetam diretamente a saúde e nutrição inadequada e insuficiente, a moradia inadequada e anti-higiênica, o trabalho em ambiente insalubre, a deficiência de tratamento sanitário para água e esgoto, o valor irrisório da aposentadoria para os ditos inativos e a escassez de lazer. É o poder público como um todo que deve assumir a adoção de políticas que propiciem as condições econômicas e sociais para a saúde da população envelhescente. (LOPES, 2000, p. 175).

A Europa Ocidental e os Estados Unidos vivem, a partir da década de 80, sendo agravada nos anos 90, a crise do *Welfare State*, adoção de políticas econômicas no pós-guerra que se voltam para o *bem-estar social*, incluindo-se aí as políticas de aposentadoria. O Brasil, no período da crise do *Welfare State*, teve a peculiaridade, em seu contexto de país subdesenvolvido da América Latina, de estar passando pelo processo de *redemocratização*, reformulação de suas leis e instituições, duas décadas depois de o poder político da nação ter ficado nas mãos dos militares. Há, neste período, em meio ao contexto político e econômico, um reforço da vinculação da imagem do idoso enquanto *peso social*, que drena os recursos públicos, em detrimento de outros grupos sociais também vulneráveis, principalmente nos países onde atuou o *Welfare State* (EUA e Europa Ocidental). Delineia-se o debate da *equidade geracional*, cujos esforços voltam-se de modo veemente ao intuito de desarticular os argumentos básicos que legitimam as políticas sociais em pró da velhice. Esse ataque, feito por este discurso foi bastante enfático nos Estados Unidos, uma vez que rechaçava os modelos de seguridade social em pró de uma maior dinamização destas políticas para toda a sociedade civil (SIMÕES, 2004).

Em razão do prejuízo histórico do Brasil<sup>18</sup>, devido à negligência e repressão dos militares para com os direitos civis, ao longo dos anos sessenta e setenta, os aposentados, nos anos 80, tomam visibilidade a partir de movimentos reivindicatórios em pró de uma profunda reformulação da previdência nacional. Nesse período, a justiça brasileira fica abarrotada com os processos das categorias de aposentados, que se aproveitam da abertura política para cobrar os reajustes, as reposições e os pagamentos de benefícios. A mídia brasileira cobre a efervescência das contestações dos aposentados, contribuindo, juntamente com as lideranças do movimento, na elaboração de uma auto-imagem dos idosos brasileiros como *provedores*, pais de família ainda cheios de energia, verdadeiros *agentes políticos*. Esse novo perfil veiculado dos idosos abalava a idéia de que seriam estorvos, *pesos sociais*, onerosos aos cofres públicos, afinal representavam o eixo econômico de muitas famílias brasileiras.

Em linhas gerais, tratava-se de mostrar que esses aposentados ainda eram arrimos de família: que sua experiência de aposentadoria não os livraria da necessidade de assegurar o sustento de suas famílias. Ao contrário, muitas vezes, aumentava-lhes a responsabilidade, pois tinham de fazer frente às despesas pessoais crescentes, ligadas principalmente ao cuidado com a saúde, e às despesas do lar, o que incluía com frequência ser solidário com os apuros das gerações mais jovens. (SIMÕES, 2004, p. 33-34)

Observamos aqui uma inversão na realidade social, se compararmos com a realidade do século XIX, já comentada, período em que a velhice é claramente uma realidade dispendiosa para as famílias não burguesas arcarem. Com a *universalização* da aposentadoria, outra realidade se configura: a *velhice* transforma-se em *meio de sustento*. Tal afirmação não pode ser radicalizada, uma vez que os proventos, na maioria dos casos, não cobrem as necessidades demandadas por um indivíduo idoso (cuidados especializados com a saúde, alimentação, etc). Porém, num país como o Brasil, cuja realidade da má distribuição de renda e do fantasma do desemprego ainda são presentes, a aposentadoria de pelo menos um dos integrantes da família pode tornar-se uma espécie de *salvação*<sup>19</sup>.

Em meio a essa agitação política, com o idoso reconstituindo a sua imagem enquanto *agente político*, a Terceira Idade vai despontar no país a partir da década de 80. Embora, desde os anos 60, o SESC (Serviço Social do Comércio) e a LBA (Legião Brasileira de

<sup>18</sup> Apesar de tudo, há de se levar em conta que foi no período do Regime Militar que aconteceu a unificação do sistema previdenciário nacional, assim como a criação de um ministério específico para tratar dos assuntos da previdência, separado do Ministério do Trabalho.

<sup>19</sup> O fato do *idoso provedor* será mais largamente discutido nos capítulos que seguem, pois esta realidade também é uma constante nos idosos do programa estudado, como será analisado a partir dos relatos do diário de campo e das transcrições das entrevistas.

Assistência) já tivessem lançado programas exclusivos aos idosos, promovendo atividades de lazer (DEBERT, 2004), só a partir da década de 80 que, tanto os programas da Terceira Idade se multiplicaram, como também, passaram a ter uma postura mais engajada politicamente ou, por assim dizer, mais comprometida com uma *causa*, passando a se organizar, em certos termos, como parte de um *movimento social*, embora sejam reflexos de políticas públicas em muitos casos. Esses espaços tornam-se os catalisadores, instrumentos político-educacionais, para se colocar em prática os saberes dos especialistas da velhice, sobretudo geriatras e gerontólogos, além de divulgar as novas *técnicas de como envelhecer*, ou *como não envelhecer*, para toda a sociedade.

Simões (2004), em seu artigo, menciona a resistência de muitos ativistas aposentados, no início dos anos 80, que encaravam com ressalvas os idosos participantes dos programas de Terceira Idade. Defendiam a idéia de que essas ações, fossem elas governamentais ou privadas, tinham um caráter eminentemente assistencialista, que maculava a imagem do idoso como cidadão ativo e transformador da realidade social. Temiam o reforço de uma visão infantilizadora da velhice, já que a ênfase dos programas era o lazer, atividades para ocupar o tempo dito *ocioso* dos idosos. Isso desfigurava, assim acreditavam, o perfil de agente político do *indivíduo aposentado*.

O discurso gerontológico atual tende a dissociar a Terceira Idade da *aposentadoria*, por esta última estar fortemente ligada, em termos de representação, à idéia de *envelhecimento*. Em outras palavras, arriscaria dizer que é feita também, em termos conceituais difundidos pela militância da Terceira Idade, uma separação da Terceira Idade do *mundo produtivo*, ao qual a *aposentadoria* está diretamente associada. É separada do *mundo* onde é feita uma distinção entre o produtivo e o improdutivo. A Terceira Idade busca assumir o estatuto de um mundo ativo, onde se conjuga *prazer e ação*, *lazer e cidadania*. Busca-se, pois, uma nova dinamização da vida, dentro de um *campo social* onde a medida não é em absoluto a *produção*, nos termos do capitalismo.

Em meio às discussões desenvolvidas neste capítulo, podemos concluir que a sociedade ocidental, ao longo dos dois últimos séculos (sécs. XIX e XX), passou por transformações profundas que acarretaram na consolidação de um sistema social pautado na *produção*, tendo padrões normativos de classificação dos indivíduos e de conduta instituídos como instrumentos de *coesão*, para o funcionamento de seus mecanismos de reprodução social.

A questão do envelhecimento e seu trato pela sociedade, ao longo deste período, também passaram por mutações consideráveis, tendo formas interessantes de reagir a essa

nova sociedade. O velho que, no século XIX, é condenado ao ostracismo social e estereotipado como improdutivo, passou a conquistar, por meio das políticas de seguridade social, em conjunto com a invenção social da Terceira Idade no século XX, novos capitais sociais que estão até os dias atuais recriando, redefinindo e *negociando* a sua posição e a sua permeabilidade política nos espaços sociais.

O *velho*, em meio a esses fenômenos sócio-históricos, transformou-se em *idoso*, um tipo de categorização dos *indivíduos de mais idade* mais *adequada* para o sistema social e cultural vigente, que persegue os *valores da juventude*, pautados no hedonismo, ainda que de forma adaptada a cada segmento etário.

A Terceira Idade instaura um ideal de vida que tem como eixo o exercício da cidadania e a busca pelo bem-estar pessoal, que passaram a ser encarados como valores em si para o grupo etário dos idosos, assim como o valor para os mais jovens está imbricado com o seu potencial produtivo.

#### 4-O ENVELHECIMENTO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

As políticas públicas que tocam no fenômeno social do envelhecimento humano são parte das muitas conquistas via reivindicações no âmbito dos espaços sociais (campo jurídico, campo econômico, valorização reconhecida pela sociedade civil, etc), fomentadas e engendradas ao longo dos processos históricos das sociedades no século XX. Vale considerar que fazer funcionar plenamente essas políticas, assim como dotá-las de princípios que garantam o processo de desenvolvimento social e econômico, de forma planejada e contínua, reverberando em todas as esferas do tecido social e integrando plenamente o idoso na sua dinâmica, ainda faz-se um desafio para os governos do século XXI. No cerne desta questão, está a busca pela equidade, no que toca ao acesso dos recursos materiais e capitais simbólicos, pelos segmentos geracionais, tomando por ideal, neste caso, a extinção da verticalidade social existente entre os grupos etários.

Diante desse horizonte político, gerar emprego e pagar impostos não parece ser mais suficiente, e uma nova cobrança vem sendo feita à iniciativa privada, em destaque às grandes empresas: a de que seus negócios sejam feitos de forma responsável e transparente, e mais, que tenham diretrizes politicamente corretas de retorno social. Essa cobrança vem de grupos ecológicos, ONGs diversas, dos próprios consumidores e da sociedade civil em geral. Sendo objeto dessa vigilância, as empresas são, de certo modo, obrigadas a ter condutas voltadas para ações de responsabilidade social, já que ganhar respeito e confiabilidade por parte de quem consome seus produtos e serviços é, hoje, indispensável para o sucesso no *jogo* das relações de mercado.

Para falar em políticas públicas do envelhecimento, é premente pontuar duas realidades distintas e extremas. Uma é a realidade dos países desenvolvidos, principalmente dos países da Europa Ocidental (França, Bélgica, Alemanha, Noruega, Suécia, etc) e dos EUA, que tiveram por característica um contexto econômico favorável para a expansão dos sistemas de seguridade social, a exemplo do caso emblemático dos EUA na década de 50 (pós Segunda Guerra Mundial). Já o outro extremo seria os cenários sociais, políticos e econômicos de países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, que está tendo que lidar com o acelerado processo de envelhecimento de sua população, em meio a uma conjuntura de revisão, com traços de crise, do sistema previdenciário. Esse contexto é resultado de uma crise fiscal mais ampla que vem sendo, nos últimos anos, tema de debates e controvérsias no Congresso Nacional. Esse cenário político reflete nas políticas do envelhecimento, uma vez

que os sistemas de proteção social se encontram cada vez mais sufocados pelos reveses das políticas de mercado neoliberais.

Camarano e Pasinato (2004) traçam um panorama nacional e internacional da agenda das políticas públicas nas últimas décadas, no que tange ao envelhecimento, que serão elencadas e discutidas.

Em termos do universo social mais macro, da estruturação da agenda internacional de políticas públicas para a população idosa, as autoras citadas discutem dois marcos, que foram: a primeira Assembléia Mundial sobre Envelhecimento, ocorrida em Viena, no ano de 1982, e a Segunda Assembléia Mundial sobre Envelhecimento, ocorrida em Madri, no ano de 2002.

Na assembléia realizada em Viena, foi compilado o Plano de Viena, que consistia basicamente em 66 recomendações para os estados membros (países de primeiro mundo) em sete áreas (saúde e nutrição, proteção ao consumidor idoso, moradia e meio ambiente, família, bem-estar social, previdência social, trabalho e educação). O plano tinha como diretriz mestra o objetivo de promover e garantir a segurança econômica e social dos idosos, e também identificar as oportunidades para a integração deste grupo da população nos processos de desenvolvimento das nações.

Embora o centro das discussões e recomendações do Plano de Viena fosse focado na realidade dos países desenvolvidos, houve uma repercussão positiva nas nações em desenvolvimento, que tentaram dar passos semelhantes na reestruturação de suas políticas que tinham por alvo a população idosa. Este foi o caso de países da América Latina que passaram a implementar leis e programas especiais voltados aos idosos. Foram eles: Venezuela (1999), Equador (1998), Brasil (1988), Bolívia (1994) e Peru (1993).

O ponto mais delicado da aplicação do Plano de Viena foi o modo como os países gerenciaram a alocação de recursos para os sistemas previdenciários, que incidiu nas prioridades adotadas quanto aos gastos públicos, em específico, na área social. Vale considerar o fato de que a conjuntura vivida na década de 90 foi de recuo dos Estados diante dos investimentos nas *políticas de bem-estar social*. A Previdência Social, em destaque, apresenta-se, até hoje, como desafio para as populações em processo de envelhecimento, como o Brasil, que precisam cada vez mais de investimentos. A necessidade destes investimentos tem repercutido de forma que os governos a usem como pretexto para o *arrochamento* tributário aos seus cidadãos, sendo, muitas vezes, insinuado pelos governantes como a *única saída*.

Fazendo um balanço geral, podemos afirmar que o Plano de Viena teve o mérito de situar a questão do envelhecimento em um lócus social mais bem definido, em termos

institucionais, uma vez que era representada de modo *frouxo* pela Organização Mundial do Trabalho (OIT), pela Organização das Nações Unidas (ONU), pela Organização para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), etc. Essas organizações, anteriormente ao Plano de Viena, situavam as questões relativas ao envelhecimento meramente como parte de programas esporádicos e sem continuidade.

Entre o plano de Viena (1982) e o Plano de Madri (2002), foram vinte anos de transformações consideráveis, de mudanças na dinâmica da política global. Foi construída uma nova conjuntura que iria influenciar sobremaneira a pauta do Plano de Madri em 2002. No decorrer desse intervalo de tempo, houve uma mutação paulatina nas formas de encarar o envelhecimento, assim como, o seu impacto econômico e social para as nações.

No decorrer da década de noventa, os enfoques dados ao envelhecimento, que antes destacavam a população idosa como segmento vulnerável e, necessariamente, como um componente de risco para o desenvolvimento econômico e social dos países, foram sendo substituídos por visões políticas mais otimistas. Essas visões enfatizavam os aspectos que coroavam a população idosa como um segmento ativo, capaz de contribuir para a busca do *bem-estar* de toda a sociedade. Passa-se a frisar, enfaticamente, a necessidade de reformulação das políticas que incidem em pontos como: a continuação do idoso nas atividades econômicas, o incentivo aos trabalhos voluntários, o acesso aos meios de sustentação (moradia, medicamento, alimentação, etc), dentre outros que refletem a condição de independência e produtividade dos idosos. Essas concepções estabeleceram que a realização do idoso está imbricada com a realização coletiva da sociedade e vice-versa.

Em 1991, a ONU realizou uma Assembléia Geral que adotou, mediante a conjuntura já exposta, dezoito princípios em pró da população idosa. Esses princípios podem ser categorizados em cinco grandes temas, que são: participação, auto-realização, independência, cuidados e dignidade. Na Assembléia Geral de 1992, um ano depois, a ONU aprovou a Proclamação do Envelhecimento, que definiu o ano de 1999 como Ano Internacional dos Idosos. Essa decisão resultou no documento 50/114 da ONU (CAMARANO; PASINATO, 2004). O ano de 1999 foi idealizado para ser um marco conceitual sobre o envelhecimento, sendo difundida a idéia, conforme o *slogan* de 1999, de uma *sociedade para todas as idades*. Para se atingir o objetivo expresso no *slogan*, o documento de 1995 pontua quatro vias de análise e reformulação necessárias: o contexto econômico do idoso; a proposta de desenvolvimento individual continuado para o indivíduo idoso; o âmbito das relações multigeracionais, no que toca à horizontalização das relações etárias, mediante as mudanças culturais a serem construídas acerca da ótica comum do envelhecimento; e a possibilidade de



agregar, de modo definitivo, o envelhecimento na pauta dos projetos de desenvolvimento social.

No Plano de Madri, foi definido um novo plano de ação, que visava a orientar a adoção de medidas reguladoras a respeito do envelhecimento no princípio do século XXI. Este plano norteou-se a partir de três fundamentos principais: o engajamento social do idoso na luta contra a pobreza; a difusão do bem-estar na velhice, enfatizando as ações e as reformas na área da saúde; e a estruturação de um ambiente instrumentalizado para proporcionar um envelhecimento de qualidade, destacando a ação das políticas públicas, em parceria com a sociedade civil, na democratização do acesso aos recursos e aos serviços em geral, e também destacando a importância da preservação ambiental.

O avanço principal do Plano de Madri, pode-se colocar, foi, basicamente, a defesa do engajamento dos idosos na vida e nos rumos da sociedade, refletindo as formas de garantir as condições sócio-econômicas e culturais para dar suporte a esse objetivo.

A questão do gênero também foi trazida à tona no Plano de Madri. Camarano e Pasinato (2004), no entanto, apontam o que seriam os erros da abordagem que foi feita pelo plano quanto à questão do gênero. As autoras ressaltam que não houve uma atenção para as especificidades regionais, que circunscrevem uma notória diversidade, não cabendo, portanto, generalizações.

O feminino é posto pelo plano, como regra, sempre como prioridade das políticas de seguridade social, dada a sua *fragilidade*. Essa é, no entanto, uma colocação questionável, já que trabalhos como o de Silva (1999), o de Simões (2004) e outros apontam que, em muitos contextos, são os homens que mais sofrem dificuldades advindas da aposentadoria, principalmente no que diz respeito à adaptação a essa nova etapa da vida.

Os órgãos regionais vinculados à ONU (Comissão Econômica para a Europa, Comissão Econômica e Social para a Ásia e o Pacífico, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, Comissão Econômica para a Ásia Ocidental e Comissão Econômica para a África), considerando as generalizações do Plano de Madri, projetaram estratégias para o cumprimento de metas, tomando por centro as particularidades regionais e as demandas dos idosos em cada contexto particular.

Os documentos elaborados pelos órgãos regionais ressaltaram o valor do trabalho voluntário, do trabalho de subsistência e do trabalho remunerado para os idosos. Nesses documentos, a família é considerada, para os países desenvolvidos e em desenvolvimento, como um pilar fundamental para o apoio emocional e material aos idosos.

No documento que trata da realidade europeia, é enfocada a necessidade de garantir, plenamente, a participação e a integração do idoso na sociedade. No documento que aborda sobre a América Latina, a preocupação é a proteção dos direitos humanos e o provimento das necessidades básicas da população idosa (aquisição de renda, serviços gratuitos de saúde, etc). Já para a Ásia e o Pacífico, foi colocada a questão do acesso dos idosos às novas tecnologias, incluindo o planejamento urbano e o apoio aos profissionais que lidam com idosos. A maior preocupação com a África, principalmente a África Subsaariana, região pauperizada e com preocupantes conflitos locais, é com o setor da saúde (estrutura sanitária e combate às epidemias, como a AIDS). O documento também faz menção a um fato aterrador: o de que muitas famílias africanas são formadas apenas por avós e netos, já que a mortalidade feminina, em decorrência do HIV, é altíssima, o que aumenta o fardo dos idosos africanos.

O Plano de Madri não fez uma previsão da alocação de recursos que seriam necessários para o cumprimento das metas propostas, como a de reduzir em 50% até 2015 a quantidade de idosos em situação de pobreza extrema.

A construção de políticas públicas capazes de assegurar as conquistas almejadas pelas metas do Plano de Madri depende de um planejamento integrado, que persiga por melhorias em todos os campos (mercado de trabalho, saúde, seguridade social, educação e economia). Deve-se considerar que, para o idoso se engajar para além de ser um mero beneficiado e se tornar também um promovedor do desenvolvimento social, ele precisa de saúde, boa alimentação, moradia, educação e espaços sociais e políticos abertos para o seu trânsito.

Em meio ao decorrer dessas discussões no âmbito internacional, o Brasil sempre se destacou na América Latina com relação às políticas públicas para o envelhecimento. Foi, por exemplo, um dos pioneiros na instauração de uma política de garantia de renda para os trabalhadores que deflagraria, na Constituição de 1988, um marco da conquista pelos direitos dos idosos no país.

A história dos sistemas de proteção social remonta a época do Império, quando já existiam instituições como a Santa Casa de Misericórdia de Santos, que prestava assistência aos inválidos e órfãos.

No início do século XX, surgem as primeiras políticas previdenciárias, como as leis para segurar casos de acidentes de trabalho, em 1919, e também a primeira caixa de aposentadorias e pensões, em 1923 (Lei Eloy Chaves). (OLIVEIRA; BELTRÃO; MÉDICE, 1993).

A partir da década de 1930, o presidente Getúlio Vargas, visando a regular e controlar o *campo trabalhista* no país, implementou políticas que contemplavam o bem-estar social, abordando, dentre outros setores da política, o da previdência social. (ALENCAR, 1985).

A década de sessenta, no Brasil, foi importante nesse processo, dadas as iniciativas da sociedade civil, que influenciaram toda a sociedade, no sentido de dar uma maior atenção ao envelhecimento.

Em 1961, foi criada uma organização que visava a promover atividades educacionais, assistenciais e de amparo aos idosos, a chamada Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia.

Em 1963, o Serviço Social do Comércio (SESC) adotou ações que revolucionaram as formas de intervenção social à população idosa, que, até então, se limitavam à assistência asilar. O SESC, desde esta época, volta-se ao combate de mazelas, como o desamparo e a solidão entre os idosos, buscando ressocializá-los, de modo a resgatar o interesse do idoso pelo seu cotidiano social e torná-lo mais satisfeito, do ponto de vista emocional e afetivo, tirando-o do *modus vivendi* do *tricô e da cadeira de balanço*.

Em 1971, o Funrural (Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural) é implantado para prestar serviço de seguridade social aos trabalhadores não registrados, portanto não contributivos, do meio rural. Como desdobramento dessa política, o governo federal, em 1974, criou as RMVs (Renda Mensal Vitalícia), que eram medidas de proteção aos trabalhadores rurais e urbanos não contributivos e sem registro, como é o caso de vários dos idosos da nossa pesquisa. As RMVs estipulavam 50% do salário mínimo para o valor do benefício. Nos casos de invalidez, a referência era de 75% do salário mínimo. O benefício, até a implantação da Constituição de 1988, era concedido ao homem, *cabeça da família*, não beneficiando as mulheres. Essa medida de discriminação por sexo reflete uma perspectiva cultural: a de não encarar as atividades das mulheres, a exemplo do trabalho na lavoura de subsistência, como *trabalho*. (DELGADO; CARDOSO JR., 2002).

A implantação da política de previdência rural, na década de 1970, surtiu um enorme impacto social de combate à pobreza extrema de muitas regiões do território nacional, a exemplo do sertão nordestino. Isso se deu, principalmente, após a Constituição de 1988, que estabeleceu o piso de um salário mínimo para o pagamento dos benefícios, além de universalizar essa ação de seguridade social aos sexos.

O caráter maciço do acesso da economia familiar ao seguro previdenciário (7,3 milhões de benefícios permanentes), beneficiando 1/3 dos domicílios rurais em 2002 e sua inserção nacional conferem ao sistema uma dimensão de instituição promotora de uma mudança estrutural no âmbito da distribuição social de renda, com modificações na estrutura produtiva do próprio regime de economia familiar rural que não podem ser negligenciadas pelas avaliações de impacto e pelos gestores de políticas. (DELGADO; CARDOSO JR., 2004, p.318)

Beltrão e Pinheiro (2004) demonstram, em seu estudo, com dados empíricos, a veracidade do fato da *oxigenação* da renda familiar e das economias regionais no meio rural, por conta do advento dos benefícios oriundos da previdência rural. Sua pesquisa apresenta a constatação, por meio da utilização de instrumentos metodológicos estatísticos, de que a participação do idoso residente no campo na economia familiar aumentou de 5,6%, em 1988, para 21,4%, em 2004, um considerável aumento de 18,8% atingido em dezesseis anos. Ainda sobre este aspecto da previdência rural, Sabóia (2004), também se utilizando de uma análise baseada em dados levantados por meios estatísticos, revela que, em muitas das regiões rurais nordestinas, o benefício previdenciário é, na maioria dos casos, a principal renda dos lares. Em consequência desse fato, pode-se dizer que o benefício é de suma importância para a circulação monetária do entorno econômico mais amplo dessas regiões.

A pesquisa de campo deixa clara a importância dos benefícios (contributivos ou não) no processo de geração de renda para a população idosa do país. Embora os benefícios contributivos sejam numericamente muito mais importantes do que os não contributivos, esses últimos têm papel inquestionável na redução da pobreza, especialmente, nas regiões rurais. (SABÓIA, 2004, p.409)

Embora distintas, previdência e assistência, em alguns contextos da política brasileira, são mescladas pela ação das instituições que lidam com os aposentados e pensionistas. O Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), implementado em 1974, configura-se como a instância pioneira das iniciativas do governo federal em ações de assistência social de cunho preventivo para os cidadãos a partir dos sessenta anos de idade. As ações eram realizadas em centros sociais do INPS, a exemplo de internações dos aposentados e pensionistas, em casos de falta de condições da família, debilidades mentais e físicas do idoso, abandono familiar, ou mesmo o fato da inexistência da família para ampará-lo.

No intuito de repensar as políticas públicas que regulam as medidas de assistência social e a seguridade social voltadas aos idosos, em 1976, aconteceram três seminários regionais (São Paulo, Belo Horizonte e Fortaleza) e um de âmbito nacional. Estes seminários

culminaram na elaboração do documento *Política social para o idoso* (BRASIL, 2002) que tinha as seguintes diretrizes: o incentivo da ação comunitária que, dentre outros objetivos, buscava dar suporte à família para amparar o idoso; estabelecimento de novos critérios para a concessão de subsídios às entidades de assistência ao idoso; ampliação de serviços especializados na área médica; promoção de melhorias nos recursos humanos para o atendimento do idoso; mapeamento estatístico da realidade geral do idoso pelo Dataprev (Processamento de Dados da Previdência e Assistência Social), com auxílio do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), tendo o objetivo de reorientar as políticas públicas.

Nos anos de 1980, o Brasil, como signatário do Plano Internacional de Ação para o Envelhecimento de 1982, gradualmente, vai incorporando à sua agenda política as diretrizes do plano. A sociedade civil, nesse processo, interveio como catalisador para acelerar as ações políticas em pauta, a exemplo da criação, em 1984, da CoBAP (Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas). Um ano depois, em 1985, foi criado um órgão técnico-científico para atender o campo nacional, a ANG (Associação Nacional de Gerontologia), que se ocupava em desenvolver as ações técnicas e políticas em pró da população idosa, em parceria com as instâncias públicas e a iniciativa privada.

Na Constituição de 1988, houve mudanças qualitativas que incidiram, inclusive, no modo de se conceituar a seguridade social. A nova conceituação foi desvinculando a idéia de seguridade social como um conjunto de políticas que estão ligadas, unicamente, às estruturas da rede de proteção social, pertencentes às esferas trabalhistas e assistencialistas. A seguridade social foi remodelada, recebendo contornos de significado que iam mais diretamente à questão da cidadania, assim como da importância do seu exercício pleno pelos idosos. Esta busca pelo desenvolvimento de uma práxis da cidadania pelos idosos passa a ser reconhecida como uma forma de se policiar e dar sustentação às políticas de seguridade social do grupo etário destacado.

Outro ponto tratado com veemência pela Constituição de 1988 foi no tocante à responsabilidade da família para com o idoso. A família é posta como o meio mais importante para dar ao idoso o suporte afetivo e cuidados devidos. Os familiares do idoso passam a ficar, inclusive, nos casos de negligência com seu idoso, sujeitos às intervenções judiciais.

Camarano e Pasinato (2004) apontam que, embora tenha havido avanços, no trato das políticas públicas do envelhecimento através da mediação da Constituição de 1988, também houve omissões frente a problemas prementes naquela conjuntura da política nacional. Uma parte desses avanços foi a proibição das diferenças de salário por razão de sexo, idade, cor ou

estado civil. O exemplo citado pelas autoras quanto às omissões é o da aposentadoria compulsória, que acarreta discriminação com o idoso no mercado de trabalho, além das conseqüências negativas disso para a política fiscal da previdência pública. A aposentadoria compulsória, sem a adoção de critérios sensatos, impede que um expressivo contingente populacional, ainda apto e disposto ao trabalho, se mantenha como contributivo.

A relação entre fundos de previdência e participação da população contributiva no país demonstra tendências nada positivas, uma vez que o crescimento da população idosa no país cresce numa escala superior, comparada com o crescimento populacional dos outros grupos etários. Os estudos apontam para uma dramática insustentabilidade do sistema previdenciário da forma como está. Entretanto, as autoridades no assunto, políticas e acadêmicas, colocam que não há como retroceder ou mesmo caminhar para o fim do sistema previdenciário, uma vez que os desdobramentos disso para uma população cada vez mais numerosa e para a sociedade, de modo geral, seriam de uma repercussão desastrosa no âmbito macro.

A questão fundamental é como ajustar os sistemas previdenciários em meio a transformações no ambiente econômico, político e social e nas variáveis demográficas, em sociedades com sérios problemas de desigualdade de renda, grande contingente de pessoas fora do mercado formal, baixa escolaridade e governos com sérios problemas orçamentários. As políticas previdenciárias não podem ser consideradas em separado já que fazem parte de um cenário mais amplo que envolve questões macro e micro de como elevar as taxas de crescimento, controlar as dívidas do setor público e privado, aumentar o nível de escolaridade da população, incrementar taxas de emprego, melhorar a distribuição de renda, ampliar o setor formal da economia etc. (OLIVEIRA, et alli, p.425, 2004)

A década de 1990 foi marcada pelas deliberações constitucionais das políticas setoriais de proteção aos idosos e pela unificação dos regimes de aposentadoria em 1992. O setor dos pagamentos dos benefícios foi um dos que mais se desenvolveram, pois foram estabelecidos critérios mais detalhados que determinavam valores mínimos e máximos a serem pagos, assim como a redução da idade de aposentadoria para os trabalhadores do campo (de 65 anos para 60 anos no caso dos homens), além da concessão de pensão ao homem viúvo, etc.

Em dezembro de 1993, foi aprovada a Lei Orgânica da Assistência Social, a Loas (Lei 8.742), que passou a regular as diretrizes da Constituição em relação à assistência social. A lei Loas trouxe avanços para a regulamentação dos critérios quanto às concessões de benefícios. Estabeleceu que as três esferas do governo eram, juntamente com os programas e projetos, co-responsáveis pela melhoria de vida da população idosa.

A Política Nacional do Idoso (Lei 8.842) só foi aprovada em 1994, a PNI. Lei esta que configurou mais nitidamente o segmento social dos idosos como *categoria social* diferenciada e que, por isso, demanda tratamento diferenciado. Para tanto, a Secretaria de Assistência Social ficou com o encargo de executar as ações de acordo com as orientações da PNI.

Nesse contexto, com base nas recomendações da PNI (1994), foi criado o Conselho Nacional dos Direitos do Idoso (CNDI), que só começou a sua atuação em 2002.

A PNI (1994) fundamenta-se em basicamente seis diretrizes orientadoras: buscar incentivar a cooperação intergeracional; nortear a atuação das organizações civis que lideram programas e projetos em pró da população idosa; dar condições à família para atender ao seu idoso, reduzindo o confinamento deste em instituições asilares; incentivar e dar suporte à capacitação dos profissionais do envelhecimento, em destaque os geriatras e gerontólogos; garantir a prioridade do atendimento ao idoso nas repartições de serviços públicos; e promover discussões e pesquisas referentes ao envelhecimento.

Em reforço à PNI, é sancionado o Estatuto do Idoso, em 2003, após longa tramitação e discussões cheias de controvérsias no Congresso Nacional. Além de amarrar juridicamente, de forma mais bem definida, alguns pontos da PNI, o Estatuto do Idoso foi apresentado à sociedade como um instrumento legal dinâmico, dotado de uma visão de longo prazo. Ele agregou várias leis em pró do idoso de forma integrada, propondo que estas leis, muitas já deferidas e em vigor, funcionassem de forma mais *orgânica*, sem o risco de se contradizerem. Sua composição conta com 118 artigos que tocam nos direitos fundamentais da população idosa.

O Estatuto do Idoso avançou legalmente, no que tange às medidas de execução das leis em pauta, estabeleceu mais criteriosamente as punições a serem adotadas pela justiça nos casos de não cumprimento das leis pelas instituições públicas, pelas empresas privadas e pelo corpo da sociedade civil em geral.

No século XXI, a questão do fenômeno social do envelhecimento populacional é encarada, cada vez mais, como um aspecto que está imbricado nos movimentos ambientalistas, que vislumbram a conquista de uma sociedade desenvolvida por meios sustentáveis, meios que combatem a voracidade das políticas excludentes de mercado.

A pauta do envelhecimento foi posta pela Agenda 21<sup>20</sup> como uma das importantes questões estratégicas a serem pensadas e planejadas, para se estruturar um conjunto de políticas sustentáveis que dêem suporte ao bem-estar das gerações vindouras.

---

<sup>20</sup> Documento elaborado na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em 1992 no Rio de Janeiro, a Eco 92.

Diante de tudo que foi abordado neste capítulo, cuja construção tem o objetivo de pontuar, de modo sistemático e refletido, o cenário macro (das políticas públicas do envelhecimento), podemos fazer importantes reflexões que, por certo, serão subsídios imprescindíveis para dar sustentação às discussões dos capítulos posteriores.

Uma dessas reflexões, que nos deixa com inquietantes indagações, é no tocante à crise fiscal e à possibilidade de tensões intergeracionais, por razão da sobrecarga na população ativa, que ficaria com a responsabilidade de *sustentar* a população idosa inativa. Essa é uma perspectiva que coloca a premência de se repensar e reestruturar todos os mecanismos de seguridade social, concomitantemente com os modelos de circulação de renda e arrecadação tributária. Levando-se em conta esta preocupação, como foi exposto anteriormente, a grande tendência das políticas públicas é a de buscar incorporar o idoso no processo de desenvolvimento social, explorando as suas qualidades de *agente*, indivíduo plenamente atuante e produtivo, que deve afastar-se cada vez mais da idéia de vulnerabilidade. Esse ponto, inclusive, foi uma das metas elencadas pelo Plano de Madri. No entanto, pensando-se no Brasil, em função das enormes disparidades sociais existentes, somadas à enorme heterogeneidade sócio-econômica dos idosos brasileiros, o ideal de se construir, maciçamente, um modelo de idoso *engajado e produtivo* é, em si, um desafio, cuja solução ainda espera ser *equacionada*.

A participação do idoso no mercado de trabalho, que está diretamente ligada à idéia do idoso autônomo e produtivo, reclama por políticas mais flexíveis quanto à questão da *aposentadoria compulsória*, já que há um contingente ocioso ainda plenamente capaz de produzir e manter-se como contribuinte. Há, também, neste íterim, a necessidade de se compilar políticas mais agressivas para que se amplie o entorno propício à formação continuada do idoso, englobando o aperfeiçoamento técnico, no intuito de buscar nivelar a disparidade existente quanto à capacitação entre idosos e outros grupos etários.

Um outro desafio de grande complexidade é a edificação de sólidas relações de solidariedade intergeracionais, que deveriam ser promovidas por políticas que fossem oportunas para esclarecer a importância dos papéis de cada grupo etário, sem demarcar hierarquias, assim como para enfatizar as trocas simbólicas entre gerações (experiências de vida e relações afetivas e de identificação mais profícuas).

Todas estas questões, por fim, serão levadas para os micros contextos do programa de ação pública em foco nesta pesquisa e para os seus idosos participantes, cujas realidades são universos de grande riqueza, onde as forças do *cenário macro* repercutem de formas singulares.



## 5-NO INTERIOR DO VIVENDO A TERCEIRA IDADE

Não seria supérfluo, no início das considerações acerca da análise dos dados levantados neste trabalho traçar uma reflexão sobre as expectativas prévias do pesquisador, no tocante ao que seria encontrado nas suas relações em campo. Faremos, em meio a esta discussão, uma apreciação de algumas características do programa que ainda não foram discutidas.

De início, a idéia que mais rondava as conjecturas que iam se desenhando, em meio às leituras da literatura apreciada para subsidiar o trabalho, era a visualização de uma população de idosos marcada por *fragilidades*, em termos sociais e econômicos. A essa fragilidade concebida atrelava-se a noção de *passividade* dessa população, uma concepção de que seriam *pobrezinhos indefesos*, meramente assistidos por uma proposta com *contornos assistencialistas*, ainda que se considerasse que estes contornos poderiam não ser intencionais, já que os discursos destas ações políticas utilizam-se, geralmente, de uma retórica discursiva que busca driblar essa forma de interpretação.

Essa visualização antecedente ao contato em campo não foi, necessariamente, fruto direto das leituras, uma vez que parcela expressiva dos artigos que tratam da Terceira Idade e da realidade social dos idosos aponta para a autonomia e para a força política crescente do segmento, como foi abordado nos capítulos anteriores. Entretanto, o pesquisador partiu da concepção de que a literatura utilizada, em sua grande maioria proveniente de observações feitas no Sudeste do país, não se adequava à realidade dos idosos de baixa renda do sertão baiano.

Há de ser feita a consideração de que a *cultura assistencialista* no Nordeste teve um delineamento diferenciado, por conta das relações construídas, por décadas, no âmbito de uma sociedade pautada no latifúndio, como: a cultura patronal e clientelista, legitimadora da relação de profunda dependência do trabalhador para com o patrão, e na descrença na possibilidade de mobilidade social, principalmente via organização das associações trabalhistas. Esse histórico diferencia-se da região Sudeste que, embora não tenha saído completamente ileso dessas relações consideradas, teve, no seu processo de desenvolvimento urbano e industrial, o florescimento de uma cultura política que destacava a contestação dos direitos trabalhistas das classes trabalhadoras.

Em particular, o universo social e cultural do trabalhador agrícola (sitiente, parceiro, colono, camarada, agregado, peão, volante, etc) está delimitado pelo misticismo, a violência e ao conformismo, como soluções tradicionais. Esse horizonte cultural modifica-se na cidade, na indústria, mas de modo lento, parcial e contraditório. (IANNI, 1971, p.57)

Em decorrência deste *caldo cultural* ainda muito presente, deixado pelas *heranças* do passado coronelista, vislumbramos, inicialmente, que há uma tendência arraigada das populações idosas, principalmente as menos *abastadas* deste tipo de sociedade, de encarar a ação política destes programas como *dádivas*, daí terem uma relação de *gratidão incondicional*. Como expõe certo ditado da cultura popular da região estudada: *Cavalo dado não se olha os dentes*. Essa foi uma imagem prévia construída que, de certo modo, subestimou o *potencial crítico* dos idosos observados.

Como tinha escrito acima, essa foi uma *expectativa inicial* do pesquisador frente ao que encontraria em campo. Embora essa *expectativa* tenha partido de algum fundamento, há de se assumir que ela também foi um tanto precipitada. Após o contato e manejo técnico, podemos dizer que essa conjectura geral foi, em parte, rechaçada, por conta de algumas contrariedades percebidas, declaradas e veladas dos idosos, acerca dos rumos do programa. Por outro lado, em dados momentos, foram mostrados sinais *sutis* que corroboraram com a *expectativa inicial* (do *conformismo assistencialista*), sinais, nem por isso, menos impactantes. Enfim, a heterogeneidade do campo, conforme a impressão construída no processo de observação sistemática, foi um demonstrativo de que as relações do que estamos a chamar de *cumplicidade assistencialista*, assim como as contrárias a esta, que revelam um idoso reivindicativo que participa como co-autor em todo o processo, são ainda um pouco *mescladas*. Consideramos aqui, em meio a estas relações, não só os grupos de idosos, mas também todo o corpo de coordenação e os profissionais que ministram as atividades com os grupos.

O que fica marcado, em termos da idéia difundida, é a preocupação dos planejadores e divulgadores do Programa de defender a idéia de que ele é conduzido de uma forma que não negligencia a *autonomia dos idosos* dentro dos parâmetros democráticos, tanto em termos práticos de gestão, como na intenção de desenhar um idoso mais cidadão. Essa intenção pode ser comprovada pelo texto abaixo:

São realizadas atividades culturais, artesanais, recreativas, físicas, **sócio-educativas** e de lazer. Além das reuniões semanais, os participantes do programa realizam, em média, 15 grandes eventos por ano, incluindo viagens. **Toda a programação é feita de acordo com as sugestões e**

**avaliações dos idosos.** O objetivo é motivar a integração familiar e a **convivência social**, despertando a criatividade, a produtividade e a afetividade, afastando do idoso os fantasmas do isolamento, da depressão e da solidão (grifos nossos). (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, 2005)

Nos discursos, também há um forte acento político que condiz com toda a conjuntura política internacional e nacional, que vem tomando corpo nos espaços da sociedade desde o marco da Assembléia Mundial sobre Envelhecimento, realizada em 1982, em Viena. No boletim informativo do mês de novembro da prefeitura, em que se falou sobre o aniversário de dez anos do programa, é clara a sintonia do discurso com as questões políticas sobre o envelhecimento trabalhadas em âmbito global por mais de duas décadas.

O Programa Vivendo a Terceira Idade é mais uma ação de respeito, compromisso com o cidadão e inclusão social desenvolvida pela prefeitura de Vitória da Conquista, que tem, seja a criança, o jovem, o adulto ou o idoso, como prioridade em suas políticas públicas. (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, 2007, p.01)

Ainda na mesma fonte midiática, foi feito um comentário que evidencia, sobremaneira, os objetivos idealizados para o programa cumprir na sua qualidade de prestador de *um serviço público*.

Quando criamos o Vivendo a Terceira Idade, em 1997, a idéia principal era promover a integração e a ativa participação da pessoa idosa na sociedade. Para formatar o Programa, organizamos diversos debates em busca de subsídios que garantissem a elaboração de ações que, de fato, efetivassem os direitos dos idosos. (idem, p.02)

Essas *intenções*, marcadas nos discursos, de proporcionar ao idoso os meios de conquista de sua autonomia são transformadas em *práxis* via recomendações dos ministrantes das atividades.

A reunião, assim como a passada, também foi para fazer a avaliação conjunta do Programa no ano que havia passado. Muitas das falas repetiram-se, como: **frisar a necessidade de autonomia que o grupo deve construir, para não ficarem dependentes dos monitores** (grifo nosso), etc. (Diário de Campo, 17 de fevereiro de 2006)

Dentro deste quadro preliminar de *expectativas* e de *observação externa* ao programa (via internet, televisão e comentários de domínio público), busquei me informar diretamente

na sede do programa, em novembro de 2005, acerca dos procedimentos necessários para iniciar meu trabalho em campo.

De início, consegui falar com a coordenadora, Maria Ivone Novais, e expus sobre a realização do trabalho, enfatizando a minha preocupação em proceder de modo ético em todo o processo. A coordenadora, prontamente, revelou interesse e colocou que não se oporia nem colocaria obstáculos para a realização da pesquisa. No entanto, ela deixou claro que, para que eu recebesse a autorização de acesso ao programa, seria imprescindível a oficialização da minha relação com o mesmo. Para tanto, eu deveria fazer um pedido formal, por meio de documento em papel timbrado da instituição a qual estava ligado, sendo devidamente assinado pela orientadora da pesquisa. A coordenadora justificou tal cobrança burocrática, dizendo que já havia tido problemas com outros pesquisadores que, segundo ela, teriam se vinculado ao programa e se desvincularam sem dar um aviso prévio e os quais também não tiveram nenhum interesse em compartilhar os resultados da pesquisa com a comunidade. Sendo assim, prontamente, providenciei o documento solicitado e pude iniciar o trabalho em campo.

Acredito que a facilidade com que consegui a permissão para realizar a observação em campo e o acesso aos documentos do programa<sup>21</sup> teve como fator decisivo o fato de a coordenadora ser uma acadêmica, professora universitária, tendo uma ótica positiva frente ao valor da pesquisa, inclusive no que toca ao possível retorno para o desenvolvimento do programa.

### **5.1-Visão Interna**

Os questionários<sup>22</sup> aplicados aos funcionários, professores e monitores do programa, enquanto recurso complementar para a análise, foram importantes para ajudar a compreender as *representações* internas destes *colaboradores*, como poderíamos chamá-los.

Foram passados os questionários para três monitores que desenvolvem atividades nos grupos de convivência, duas professoras das atividades desenvolvidas na sede (ambas ensinam artes manuais, como costura e artesanato), uma auxiliar de serviços gerais e dois técnicos administrativos (uma atendente e uma secretária).

---

<sup>21</sup> Fichas de cadastro dos idosos participantes do programa, das quais foram extraídas muitas informações acerca da população estudada, a exemplo das contidas nas tabelas expostas no trabalho.

<sup>22</sup> Os questionários, ao todo oito que foram aplicados, foram respondidos *a mão* pelas próprias pessoas a que se dirigiram, de forma individual.

A estrutura do questionário pautou-se em, basicamente, cinco questões abrangentes, que foram:

1º) *Com suas palavras: qual o objetivo geral do trabalho do Programa?*

2º) *Escreva três palavras que resumem a ação do Programa para você:*

3º) *Cite as principais mudanças que você observa no idoso quando ele passa a freqüentar os grupos do Programa:*

4º) *Como é trabalhada a questão da cidadania dos idosos pelo Programa?*

5º) *Quais são as maiores dificuldades, na sua opinião, de realizar um trabalho como este com pessoas ditas “velhas”?*

Adotaremos, nesta parte, uma análise feita por etapas, discutindo as respostas encontradas por cada pergunta, uma após a outra, separadamente.

Na primeira pergunta, acerca da concepção que os *colaboradores* têm do *objetivo geral*, da *intenção principal* do programa com o seu trabalho, as respostas obtidas, assim como nas outras perguntas, seguiram quase que um padrão quanto à natureza de seus conteúdos. Poderíamos elencar da seguinte maneira: o *amor*, *qualidade de vida*, *busca da felicidade*, proporcionar *entretenimento*, *lazer*, incentivar a *participação social*, proporcionar *alegria*, *valorizar talentos*, incentivar os *cuidados com a saúde*, gerar *bem-estar físico e psicológico*, etc. Observamos, neste quadro de respostas obtidas, que a idéia difundida pelo programa a respeito de si próprio reverbera de modo quase que uníssono, uma vez que os colaboradores compartilham, com pouquíssimas variações, da mesma idéia do que vem a ser a ação do programa, idéia esta que repercute também nas concepções coletivas dos idosos integrantes.

No que toca à *participação social*, imbricada com a idéia de *cidadania*, é ilustrativa a resposta do monitor José Vildemar dos Santos (36 anos):

Inseri-lo na sociedade através de atividades que visam o seu próprio benefício e mostrar que ele ainda pode estar apto a fazer, produzir e ter iniciativas dentro de um contexto sócio-cultural.

A segunda questão trata da *representação*, diríamos *simbólica mais abrangente*, através do pedido para cada *colaborador* escrever três palavras que representassem o que *significava* a ação do programa para ele. Esse tipo de pergunta foi adotado por achar que nos

ajudaria a trazer à tona *imagens de julgamentos pessoais e imagens afetivas*, por meio das *entrelinhas codificadas* nas palavras e expressões escolhidas pelos colaboradores.

As palavras que saíram foram: *alegria, sorriso, vontade de viver, experiência, aprendizado, trabalho, oportunidade, acreditar, beneficiar, conhecimento de pessoas, fazer amizades, dinamismo, responsabilidade, união, amor, dedicação, auto-estima, bem-estar*. É bom salientar que algumas se repetiram, a exemplo de: *alegria, trabalho, dinamismo, responsabilidade*. Todas as palavras e expressões reforçam uma *representação* extremamente positiva acerca do programa, estando ainda consonantes com as respostas da primeira pergunta.

Essa *representação* de *alto astral* reforça, a todo instante, o ideal de *otimismo jovial* trabalhado pelos programas de Terceira Idade. É curioso notar que esse *reforço otimista* está impresso até mesmo no *batismo* dos nomes atribuídos aos grupos de convivência: *Amizade, Esperança, Feliz, Nova Vida, Primavera, Reencontro, Renascer e Viva a Vida*. Dessa forma, é trabalhada, no âmbito subjetivo dos corpos e das coisas, uma *atmosfera de boa aventura*, empenhada na *busca e conquista da felicidade*.

A terceira questão indaga os *colaboradores* sobre o que eles observam no que concerne às mudanças ocorridas nos idosos que passam a participar do programa. Em geral, as respostas também são bastante *positivas*. Foi colocado, basicamente, que os idosos *melhoram* em muitos aspectos:

A auto-estima. Começa a ter interesse sobre os problemas de saúde da Terceira Idade. Volta a estudar. Moderniza-se. Muda a armação dos óculos, do jeito de vestir, pinta os cabelos e os corta. Tira aquela responsabilidade de cuidar só de netos.

**Sinto o brilho dos olhos dos idosos escondendo as rugas!** (grifo nosso)  
(Marinalva Santos Sousa, monitora, 49 anos)

Na resposta citada acima, podemos confirmar alguns aspectos já defendidos ao longo do trabalho, como a idéia da *jovialização do velho* quando este se torna idoso através da Terceira Idade. Como foi colocado, ele *moderniza-se*, provocando uma série de *intervenções* que tornem a sua imagem mais saudável e jovial. Outro ponto que também chamou a atenção é quanto à revisão de papéis: *Tira aquela responsabilidade de cuidar só de netos*. Este ponto é um gerador de *tensão* nas relações familiares do idoso, como será discutido adiante.

Paula Varlanes Brito Morais (monitora, 25 anos) faz uma reflexão no tocante à terceira pergunta. Reflete que o programa gera motivação e uma socialização positiva para os participantes. No entanto, a depender do tipo de *personalidade* do idoso, o programa pode

tornar-se apenas um *refúgio* que não o transforma de maneira profunda. Na perspectiva da *colaboradora*, também se faz necessário que o idoso esteja *aberto* para poder assimilar os benefícios promovidos pelo *exercício da Terceira Idade*.

Para o monitor José Vildemar dos Santos (monitor, 36 anos), as transformações no idoso poderiam ser descritas da seguinte forma: o aparecimento de uma *fisionomia mais agradável*; passa a compartilhar as dificuldades com outras pessoas; *passa a se aceitar de uma forma melhor*; troca o ócio pelas atividades do programa. De certo modo, as respostas da terceira questão corroboram, embora de modo generalizado, com o que a observação levantou.

Na quarta questão, que pergunta como o programa trabalha a cidadania dos idosos, as respostas, em geral, incidiram na listagem das atividades desenvolvidas (palestras, educação continuada, alfabetização, etc) e na citação do serviço prestado pelo Conselho do Idoso, de fiscalizar e cobrar, junto à comunidade, o cumprimento da legislação. Foi frisado que estas atividades buscam esclarecer os idosos de seus direitos e deveres, além de elucidá-los sobre temas da realidade da sociedade na qual estão inseridos:

Possibilitando através de textos, dinâmicas e palestras a participação dos idosos. Nos grupos de convivência se dá o espaço nos quais temas relevantes socialmente são constantemente discutidos. (Paula Varlanes Brito Morais, monitora, 25 anos)

Na quinta questão, a última, sobre as dificuldades encontradas para se trabalhar com idosos, foram considerados os problemas de *falta de financiamento*, de *espaços físicos inadequados*, necessidade de programas de *capacitação continuada*, etc.

A resposta de Marinalva Santos Sousa (monitora, 49 anos) se diferenciou das demais por considerar os aspectos de ordem *íntima do idoso*, da forma como ela concebe. Escreveu que o problema principal seria:

Velho problemático que carrega o peso dos anos, que em vez de transmitir experiência às gerações vindouras, transmite pessimismo e desilusão. Para ele não existe ponte entre o passado e o presente, existe um fosso que o separa do presente pelo apego ao passado.

Mesmo com estas situações tenho que manter o bom humor.

**“Em resumo, idoso e velho são duas pessoas que até podem ter a mesma idade no cartório, mas têm idades bem diferentes no coração.”** (grifo nosso)

A parte grifada acima nos deixa claro que a idéia construída de que o idoso deve ter clareza de seus *protocolos* de comportamentos e estilos de vida apropriados já está bastante difundida e assimilada.

## 5.2-As assimetrias

Como já foi mencionado, as *assimetrias* das relações do pesquisador com os integrantes da população observada, das relações entre os coordenadores e monitores com esta mesma população e dos integrantes desta população (idosos) entre si, são um fator de considerável relevância, que confere ao universo pesquisado uma notável complexidade e sinuosidade.

Ao contrário do que se costuma pensar nos termos do *senso comum*, o que estrutura as assimetrias entre os agentes ultrapassa o fator *classe* (ricos e pobres). Na verdade, elas se edificam por meio de um conjunto complexo que circunscreve toda a *experiência* do agente ao longo da incorporação de signos apreendidos no perpassar dos processos de socialização que *moldam os corpos*<sup>23</sup> (SCOTT, 1998). Traduzindo dentro da linguagem da teoria de Bourdieu, o que estabelece a assimetria no *processo comunicativo* (relações) é o *não acesso do agente* aos signos provenientes dos capitais sociais e culturais do *outro*. Nessa relação, acontece o aprendizado de novos signos e significantes. No entanto, não é incomum o estabelecimento de *verticalidades* entre os agentes em comunicação, gerando uma sutil institucionalização de hierarquias que podem conferir *submissão* de um lado e *autoridade arbitrária* de outro.

Vale considerar que as conseqüências das assimetrias não são, necessariamente, suficientes para se defender a idéia de *opressores* e *oprimidos* de forma determinante, já que esta questão é muito mais delicada. Falando-se em termos da *economia das trocas simbólicas* (BOURDIEU, 2004) no *processo comunicativo*, as *posições* do que se consideram *vantagens* e *desvantagens* podem se alternar, a depender dos contextos nos quais acontecem, pois o número total de variáveis condicionantes é indefinível.

---

<sup>23</sup> O conceito de *corpo* aqui utilizado não comunga com a idéia de Descartes que distingue, de modo demarcado, mente e corpo. A idéia de corpo ampara-se na idéia de Foucault (1979), que não separa mente e corpo, vendo-os como um complexo integrado. O corpo é onde toda a experiência é modelada pelos *poderes* que nele se refletem e atuam.



Uma das propostas da *observação participante* parte do intuito de reconhecer e atenuar as ditas *assimetrias*. Partamos, portanto, da experiência etnográfica em campo, com a *observação participante*, que aconteceu durante o período de 15 de fevereiro de 2006 até 24 de maio do mesmo ano. Um trecho do diário de campo do primeiro dia é ilustrativo para refletirmos sobre a questão das assimetrias entre pesquisador e pesquisados.

De início, em razão do pedido de Ivone, sentei-me ao lado dos coordenadores da reunião (da própria Ivone e de Nalva, funcionária do Programa). Fui apresentado, sendo dito meu nome e a minha finalidade de estar ali, dizendo apenas que eu iria realizar um **estudo pra faculdade** (grifo nosso). Na minha impressão do momento, pareceu que a notícia gerou certa satisfação de alguns, apesar de não saberem direito que estudo era este. Ivone disse, ainda, que não se preocupassem, pois eu não faria exposição, em meu trabalho, ou mencionaria o nome de ninguém sem a prévia autorização da pessoa. Os olhares, bastantes curiosos, transitavam com cumplicidade. Uma senhora ao lado me dava as boas vindas com certa timidez. (Diário de Campo, 15 de fevereiro de 2006)

Esse fragmento que, de certa forma, não traz nenhuma surpresa inusitada nos dá uma boa mostra das diferenças entre o *mundo* do pesquisador e os *mundos* dos pesquisados. Falar de alguém que está realizando um *estudo para a faculdade* para uma população marcada pela baixa escolaridade e por um expressivo contingente de analfabetos, incorrendo no risco de exagerar na comparação, pode soar, para alguns, como uma frase do tipo: *Ele veio de outra galáxia visitar o nosso planeta*.

TABELA 2: **População e escolaridade**

GRUPO	Analfabetos	1º grau incompleto	1º grau	2º grau	Superior	não declarado
AMIZADE	23	27	5	2	0	2
ESPERANÇA	31	32	18	12	1	0
FELIZ	38	38	5	2	0	2
NOVA VIDA	13	19	9	2	0	0
PRIMAVERA	14	25	17	3	0	1
REENCONTRO	18	24	8	1	0	2
RENASCER	8	20	3	0	0	3
VIVA A VIDA	11	12	13	5	0	2
<b>TOTAL</b>	156	196	78	27	1	12
<b>PERCENTUAL</b> Todos os grupos somados =100%	33,2%	41,7%	16,6%	5,7%	0,2%	2,6%

FONTE: informações retiradas das fichas de cadastros dos idosos. Dados coletados no 1º semestre de 2006.

A despeito do que vai dito acima, ao longo de todo o processo de observação nos encontros dos grupos, ficou claro, pela *atenção demonstrada*, percebida nas entrelinhas da comunicação com os idosos, que muitos reconheciam a pesquisa da qual eram parte como algo de importância e valor, como revela a fala de uma idosa, diante do seguinte contexto:

Sou apresentado pela monitora, que esclarece sobre a minha pesquisa. Como parte do protocolo, digo a eles para não se sentirem intimidados com a minha presença, já que eu só faria menção ao que fosse permitido, preservando a identidade e integridade dos que ali estavam compartilhando de suas experiências. A reação geral, depois de eu ter colocado isso, é de muita gentileza, dizendo que eu ficasse à vontade. Uma senhora chega a dizer: **“Estamos ficando é muito chiques!”** (grifo nosso). (Diário de Campo, 08 de março de 2006)

Poder-se-ia dizer que o *estranhamento* inicial da relação entre pesquisador e pesquisados, no sentido de ter *fugido ao controle* no processo da observação sistemática, foi, de modo *inevitável*, acentuado também pela *representação* que os idosos tinham das hierarquias que circulavam no âmbito das estruturas do programa. Queremos dizer com isso que os idosos, em geral, faziam uma clara distinção entre *eles próprios* e os *gestores e ministrantes das atividades*, estabelecendo *categorias hierárquicas*. Essa distinção, no entanto, tinha exceções e flutuações, a depender do idoso em questão, já que alguns eram mais próximos dos gestores e ministrantes do que outros. Tivemos o exemplo do senhor Jairo Fonseca Ribeiro que, além de participante, também era membro do Conselho do Idoso e, por isso, participava das deliberações do mesmo, tendo o direito a voto, fato que lhe conferia um capital simbólico diferenciado dentro do programa. Entretanto, a maioria tinha essa classificação mais bem marcada. E, em relação a estes últimos, o pesquisador era classificado como do *grupo dos gestores e ministrantes*, e não como mais um participante das atividades desenvolvidas. Segue abaixo o relato do diário que mostra o desabafo do pesquisador nesta questão.

Neste dia, fiquei filmando e tirando fotos, o que chamava um pouco a atenção de todos. Achei prudente, inclusive, dar intervalos e tentar ser o mais discreto possível para não inibi-los. Muitos ainda não me conheciam e perguntavam aos outros quem eu era, quando não faziam a clássica pergunta se eu iria ser monitor deles, e eu dizia: “Não, eu só estou realizando um estudo sobre o Programa.” Vale ressaltar que eles me viram ajudando em alguns detalhes da festa, como: tentar fazer o som funcionar, já que o técnico não estava presente; pegar com os coordenadores os bancos, etc.

Um fato chamou-me bastante a atenção, que foi o de **ninguém (dos idosos) me chamar para participar das danças** (grifo nosso). Creio que o fato de estar manipulando uma câmera digital portátil, registrando tudo e todos,

possa ter criado, neste momento, uma imagem mais formal acerca da minha presença ali. (Diário de Campo, 21 de fevereiro de 2006)

Seguem duas fotos deste dia, dia de comemoração de carnaval na sede:

FOTO 1



Idosos observando os colegas dançarem. Não sei dizer se a minha presença ali foi fator de inibição para alguns. O idoso da extremidade da direita (de óculos) é o *famoso* Sr. Cláudio, o poeta, um dos orgulhos do programa.

Neste mesmo dia de registro de imagens, falando ainda em assimetrias, é pitoresco observar que, enquanto para alguns idosos a presença de um *profissional* estranho gera inibições, ainda mais portando uma máquina fotográfica, para outros gera *alvorço*, como revela uma senhora que fez pose para a câmera ao dançar:

FOTO 2



Observem a satisfação de estarem sendo fotografados, exibindo a animação da festa.

Tendo percebido esse distanciamento construído, passei a tomar certas precauções, como expõe o relato abaixo:

Nessa reunião, eu **combinei com Ivone para não sentar ao lado dela, explicando que isso poderia marcar ainda mais a minha distância com eles** (grifo nosso), e meu objetivo era me *misturar com eles ao máximo*. (Diário de Campo, 17 de fevereiro de 2006)

Nas entrevistas, como já foi mencionado em momento anterior, fizeram-se presentes as *assimetrias no processo comunicativo*, não se diferenciando muito da observação participante. No momento das entrevistas, as assimetrias eram expressas, principalmente, através dos *acanhamentos*, do receio de olhar nos olhos do pesquisador no ato de responder as perguntas e nas distorções do que era perguntado:

Pesquisador:

-Como o senhor acha que seria a vida do senhor sem a Terceira Idade?

Entrevistado:

-Bem, eu ainda queria ser mais velho do que já sou. Estou com setenta e quero viver mais uns anos. (Agnélio Alves Sena, aposentado, 71 anos)

No entanto, a entrevista, diferentemente da observação direta adotada no diário, passa-se dentro de um *set mais íntimo*, em que, geralmente, a passagem do *estranhamento* para a *proximidade* se dá de modo mais acelerado. Assim, o idoso que, no início da *conversa*, olha para o chão, até o término, pode relaxar, como se fosse um velho conhecido do pesquisador, comentando, inclusive, que nem sentiu o tempo passar. Soma-se a tudo isso o componente de que a observação direta foi influente para a *proximidade* nas entrevistas.

No processo, os *distanciamentos* e *estranhamentos* foram, aos poucos, transformando-se em *estreitamentos*, garantindo uma maior *intimidade* junto à população pesquisada. Ao longo desse *estreitamento*, foi inevitável a construção das amizades, que possibilitaram, por exemplo, que a *galera da costura*<sup>24</sup> e o pesquisador vivessem de satisfação e alegria ao se encontrarem. Este *estreitamento*, não necessariamente, implicou uma forma de diluir as assimetrias, mas proporcionou um contato com menos reservas, fazendo com que os *mundos* em *comunicação* se abrissem mais para o aprendizado do *mundo do outro*. Essa dinâmica das relações fez com que fosse revisto, pelos dois lados, o que era antes moldado pelo *desconhecimento*, que implicava *deslumbramentos* e *preconceitos*.

---

<sup>24</sup> Forma carinhosa como eu chamava o grupo de senhoras que ficavam costurando, bordando e pintando seus *paninhos* na sala que se situa logo na entrada da sede. Essas senhoras gostavam de conversar e dar risadas comigo por meio de brincadeiras consentidas e estimuladas por ambos os lados.

## 6-OS MICROCOSMOS

Abordaremos, neste capítulo, a análise das categorias especificadas (*gênero, trabalho, família, cidadania e resignificando*), tocando diretamente no *universo cotidiano e subjetivo* dos idosos<sup>25</sup> do programa.

### 6.1-Gênero

O conceito de *gênero*, na sociologia, relativiza e confronta a essencialização atribuída ao que seria a *natureza dos sexos*. Bourdieu (1999) demonstra como a *sexualização* das coisas (dos papéis sociais, das cores, dos objetos, dos espaços, etc) está *incorporada* nas estruturas sócio-culturais, permeando o *habitus* dos agentes de uma forma avassaladora. Na sua obra, é denunciada a *violência simbólica* que os moldes culturais proporcionam ao feminino, cuja *polaridade* representa, dentro do universo semântico da nossa cultura, o *negativo*, o *baixo*, o *frio*, o *interno*, o *privado*, o *submisso*, o *frágil*, o *corpo* (em oposição à *mente*, que pertence ao masculino), dentre outros.

O gênero é em geral definido em torno de idéias sobre traços de personalidade, masculina e feminina, e por tendências de comportamento que assumem formas opostas. Tomadas como conjuntos de traços e tendências, elas constituem a *feminilidade* e a *masculinidade*. A masculinidade costumeiramente inclui a agressividade, a lógica, a frieza emocional e a dominação, ao passo que a feminilidade é associada à paz, intuição, expressividade emocional e submissão. (JOHNSON, 1997, p.205)

Nos contextos sociais, as noções de feminino e masculino estabelecem, muitas vezes, de modo rígido e inquestionável, assim como naturalizado, uma dinâmica de distribuição tanto dos papéis sociais como dos capitais simbólicos para as pessoas e as coisas.

Dessa perspectiva, os conceitos de masculinidade e feminilidade servem a funções de controle míticas e sociais que reforçam a dominação masculina. (...) No estudo dos gêneros, a importância da feminilidade e da masculinidade reside em sua relação com os *papéis de gênero* (às vezes denominados papéis sexuais). (idem, p.205)

---

<sup>25</sup> As entrevistas citadas nesta seção do trabalho conservam os nomes originais, conforme a autorização formal concedida pelos idosos em pauta.

Nessa perspectiva, podemos dizer que existem expectativas acerca de como os homens e as mulheres devem pensar, agir, sentir e, principalmente, se portar frente às pessoas e à sociedade.

A Terceira Idade é, eminentemente, feminina, e o programa não foge desse contexto. Muitas interrogações vêm em mente, o que faz os pesquisadores questionarem acerca das razões e implicações dessa realidade para a expressão do segmento. Estudos como o de Simões (2004) mostram como a Terceira Idade, de certo modo, se institucionalizou como marcadamente feminina, em oposição aos movimentos organizados das categorias de aposentados e sindicatos, emblematicamente masculinos, atreladas diretamente ao *sistema produtivo*. Essa distinção no país, que era mais forte nos anos 80, durante a *redemocratização*, foi, ao longo de todos estes anos, se flexibilizando, embora a Terceira Idade, ainda hoje, atraia mulheres em maioria considerável.

Uma teoria, tendo por base a interpretação dos dados levantados sobre a questão das motivações que influenciam as mulheres a serem mais atraídas para participar da Terceira Idade, em relação aos homens, seria a *procura* de uma vida de mais oportunidades. O mundo feminino, geralmente, é marcado por repressões e tolhimentos de cunho social, refletidos no campo dos papéis reservados às mulheres. A mulher, por conta da aposentadoria, sem generalizar, não é banida de seu espaço, de seu universo de intimidade da casa, seu domínio, pois ela foi socializada para *reinar nos interiores*. O homem, geralmente, está acostumado a ter sua *circulação* e seu *reconhecimento social*, enquanto *ser pertencente* da sociedade em que vive, pautados no *exterior*, na *vida pública*, cuja exigência de ser *produtivo* é muito mais imperativa do que no caso das mulheres. Isso se verifica ainda mais em se tratando do contexto da população pesquisada, cujos idosos, majoritariamente, receberam uma educação tradicional, principalmente nas localidades rurais, que estabelece a mulher como *gestora do lar*, e o homem como *provedor*. Ainda que este protocolo de condutas e papéis não tenha funcionado de forma ideal para muitas idosas, as quais tiveram que trabalhar *fora*, a *ordem simbólica*, costumeiramente, tende a ficar inalterada. Essa realidade gera, por exemplo, a *jornada dupla*, que faz com que a mulher trabalhe *fora* e *dentro*, sem dividir com o homem o trabalho *de dentro* (doméstico), sofrendo com a enorme sobrecarga diária.

Mesmo hoje, as mulheres idosas aposentadas de uma atividade profissional não manifestam, significativamente, o sentimento de desqualificação, que tanto incomoda os homens idosos. Elas conseguem se envolver mais facilmente com as tarefas dentro de casa ou participar de atividades junto a outras pessoas seja em clubes, igrejas, universidades para a terceira idade, etc. (PREHN; MATTOS, 2002, p. 43)

Em se tratando da aposentadoria, pesquisas como a de Pacheco (2002) e a citada acima apontam que, geralmente, é o homem que mais atravessa crises emocionais e sociais após a chegada da aposentadoria, ao perceber o *prejuízo social* implicado. A mulher, portanto, lida melhor com a *vida recanteada*, tendo um maior dinamismo para organizar o seu tempo livre.

Alguns trabalhos de psicologia social aprofundaram uma hipótese semelhante, constatando que os homens teriam uma tendência de serem mais introvertidos na velhice, ou menos afirmativos que as mulheres. Martin Kohli (1990) fala de uma **feminização estrutural dos homens quando eles deixam o mundo do trabalho e se retiram para o espaço doméstico** (grifo nosso). (ATTIAS-DONFUT, 2004, p.95)

Há de se lembrar que a aposentadoria está atrelada ao envelhecimento, logo, para as mulheres, este período coincide com acontecimentos e processos sociais e biológicos que exigem uma reformulação da vida (viuvez, perda do espaço doméstico com a aposentadoria do cônjuge, menopausa, saída dos filhos de casa, etc). Dona Florides Maria de Freitas (pensionista, 60 anos) mostra, em suas falas, os *dois lados da moeda* aqui considerados: o das dificuldades na velhice e o da *abertura* de um *horizonte de possibilidades* que, até então, foram tolhidas, dentre outras coisas, por sua *condição de mulher*. Seguem as suas falas, que dão mostras dessas duas facetas existentes entre envelhecimento e as possibilidades advindas da aposentadoria:

Bem, eu não imaginava muita coisa, porque pra tudo Deus dá um jeito! A gente fala assim: “**A gente vai ficar sem o marido, não vai conseguir sobreviver [...]**” (grifo nosso); mas eu acho que isso é um engano! Então eu fiquei viúva e a minha vida é essa, continuo a minha vida normalmente.

**Não é porque o meu marido morreu que eu dou graças a Deus, mas a minha vida em certo ponto melhorou** (grifo nosso), porque eu não fiquei isolada, me acabando doente, sem sair. Não! Eu procurei foi sair, me distrair e ficar à vontade! Eu penso desse jeito, a vida está passando!(?) Passa! O dia de amanhã a Deus pertence!

As repressões a que a maioria das mulheres idosas foi submetida ao longo de suas vidas são, às vezes, socializadas nos grupos de convivência. Os grupos acabam por funcionar como meio de *extravasamento* em que os idosos relatam as suas experiências e impressões,



compartilhando-as, o que os ajuda a ressignificá-las, fazendo-os rever os valores da própria vida:

Ivone perguntou se a vida das mulheres “mais antigas” era melhor, elas dizem: “ Não, elas não tinham liberdade!” ; “Não tinham as facilidades de hoje!” ; “Meu marido não me deixava trabalhar!” ; “Hoje nós temos mais liberdade!” ; “Hoje eu tenho amigos, eu sou feliz, sou livre [...]!”.

Em função da discussão, certa idosa contou, com desenvoltura, sua experiência triste de ter sofrido agressões físicas do marido. Tal atitude reverbera com a atenção e silêncio de todos. (Diário de Campo, 14 de março de 2006)

Esse *extravasamento* também é visível nesse típico exemplo de *liberação corporal*:

Bom, muitos pensam que a pessoa é idosa quando está bem velha e não serve mais para nada. Bem, eu estou velha, estou com sessenta e nove anos, mas eu não acho que estou velha, porque o meu coração é jovem, meu coração é de uma criança, a minha memória é de uma pessoa jovem. Então, eu me considero uma pessoa jovem, para mim. Eu não, eu estou com essa idade, mas eu gosto de estar junto de pessoas jovens. Gosto de dançar. **Adoro dançar**, não pode ter uma seresta que eu vou. Toda a vida eu sou vaidosa. **Eu não gosto de vestir aquelas roupas (...); “isso não assenta em você”, vai caçar o que fazer, que eu não vou vestir aquelas roupas batendo aqui (toca no tornozelo), aqueles trenhão. Eu visto é roupa decotada, curta, se eu tiver vontade. O que eu tenho vontade, eu faço!** Eu não quero nem saber. Não dou satisfação à sociedade! (grifos nossos) (Rosa Amorim Tavares, aposentada, 69 anos)

Giddens (2002), nas suas discussão acerca da *reflexividade do eu*, no âmbito da *modernidade*, aponta para os chamados *narcisismos*, no que concerne às *auto-gestões corporais*, como forma de o agente *buscar o auto-controle* imprescindível para se *posicionar* positivamente no seio das suas teias sociais. No caso das mulheres, vítimas de uma *vigilância* constante de seus corpos que, em termos, *não lhes pertencem*, pois são assuntos de *ordem pública*, a *liberação* dos mesmos pode significar o instituir de uma nova liberdade pessoal, que está associada à autonomia do que fazer de seus corpos, o que as coloca como *senhoras de si*.

A reflexividade do eu, em conjunto com a influência dos sistemas abstratos, afeta de modo difuso o corpo e os processos psíquicos. O corpo é cada vez menos um “dado” intrínseco, funcionando fora dos sistemas internamente referidos da modernidade, mas passa a ser reflexivamente mobilizado. **O que pode parecer um movimento geral em direção ao cultivo narcisista da aparência corporal expressa, na verdade, uma preocupação muito mais profunda com a “construção” e o controle ativo do corpo** (grifo nosso). (GIDDENS, 2002, p.15)

Seguindo esta linha de considerações, observem o relato abaixo do Diário de Campo:

Quando começou a avaliação do grupo, Ivone perguntou, de modo geral, o que eles identificavam como um dos problemas maiores daquele grupo em questão. Uma senhora disse, espontaneamente, mais ou menos assim: “Acho que aqui tá faltando mais amizade, tem gente aqui que, quando acaba a reunião, corre para pegar o ônibus, sem se despedir de ninguém [...]. Parece que é para não dar ousadia. A gente, quando procura a terceira idade, é à procura de amizade [...] **Mas, quem quer ter amizade com velho? Por isso, é que quem gosta de mim sou eu, faço questão de me cuidar. Um rapaz do banco me chama, carinhosamente, de *cheirosa*. Mas isso é porque eu me cuido!** (grifo nosso)”. (Diário de Campo, 15 de fevereiro de 2006)

Uma polêmica que tomou evidência na Terceira Idade é a discussão sobre as possibilidades da sexualidade dos idosos. A idéia principal circulante, fomentada por geriatras e gerontólogos, é a de que a sexualidade, nas *fases maduras*, possui formas singulares de existência quanto aos meios de se buscar prazer. Além de buscar derrubar o constrangimento social de não se considerar a sexualidade dos idosos como algo *normal e corriqueiro*, os especialistas apontam para mudanças significativas trazidas pelas novas tecnologias (Viagra, tratamentos hormonais, cirurgias de reconstituição do hímen, etc). Estas mudanças, como Featherstone e Hepworth (2000) discutem, evocam uma profunda revisão das concepções existentes sobre a relação entre corpo e envelhecimento. No caso em questão do *gênero feminino*, cuja repressão da sexualidade é histórica, podemos afirmar que a ação dos especialistas, via mídia e Terceira Idade, tem provocado revisões das posturas sexuais das idosas, conforme atesta o exemplo do seguinte relato:

A conversa acaba por chegar nos assuntos da sexualidade, após termos comentado sobre as transformações ocorridas na sociedade com a “emancipação” feminina e a revolução sexual. O tema gerou certa agitação e revelou o lado *faceiro* de muitas idosas. Uma brincou com a outra, embora relate algo que realmente aconteceu, **acusando-a de ter roubado o namorado**. Já outra idosa **exibiu um preservativo**. Outra, surpreendentemente, **lamenta “nunca ter conhecido um motel”**. Uma outra idosa relata: “Eu conheço uma mulher que nunca fez um exame ginecológico porque o marido não deixa!”. (Diário de Campo, 14 de março de 2003)

A Terceira Idade, neste sentido, instaura, ou pelo menos reforça, uma nova noção de corporeidade para o envelhecimento. Em relação à *trama dos gêneros*, as *oposições* geram, por vezes, cotidianamente, *disputas* pelo estatuto de força e poder.

Eu trabalhei bastante. Aprendi a trabalhar de foice, **coisa que o meu pai não me ensinou**. Com a enxada, eu era como um leão! **Não era todo homem que trabalhava com a enxada igual a mim!** É tanto que eu colocava gente para trabalhar comigo, homem, e eu descia e trabalhava o dia todinho. (grifos nossos) (Júlia Delfina da Silva Souza, aposentada, 69 anos)

Os limites do corpo são estereotipados, pois, quando assistimos a um idoso executando atividades agilmente, tanto quanto as pessoas de menos idade, ficamos surpresos. Ainda que, teoricamente, saibamos que a relação *vitalidade corporal* e *idade* é, comprovadamente, relativa, por vezes, tendemos a *cair* na *dóxa* das representações arraigadas socialmente.

Nós, Graça e eu, dividimos os idosos em dois grupos e organizamos uma brincadeira de mímica. Eles participaram com alegria e muito senso de competitividade, vibrando a cada ponto conquistado, além de darem boas gargalhadas com as peripécias feitas com as mímicas pelos parceiros. Nessa atividade, pude observar que a desenvoltura corporal, ao longo do processo, se dá de forma muito mais solta que eu imaginava, ou seja, não parecem “*corpos de velhos*” se movimentando (dada a agilidade e fluidez). Percebo que a minha concepção de *velhice* e de *velhos* ainda está cheia de arraigados preconceitos, que criam em mim expectativas estereotipadas pelo *sensu comum*. (Diário de Campo, 18 de abril de 2006)

Em meio a esse universo, onde reina o feminino, também há os *heróis da resistência*, o curioso grupo de 6% de homens, que nos atiçam a curiosidade para sabermos os porquês de terem sido *fisgados* pela Terceira Idade. De início, podemos colocar que, de acordo com a observação, há duas razões principais identificadas, fora outras diversas, que são: aqueles que foram, espontaneamente, por conta da familiaridade de convívio em associações e grupos, como é o caso do Sr. Cláudio, *o poeta*, que, além da Terceira Idade, também faz parte da Academia de Letras Conquistense e de uma loja maçônica na cidade, e do Sr. Jairo, que também participa de uma entidade em pró dos portadores de necessidades especiais; a outra razão, mais comum, são aqueles casos de idosos que vão sob a influência da esposa e para lhes fazer companhia.

Neste dia, contei, ao todo, 25 participantes, sendo que muitos chegaram após o início da reunião. Havia somente 2 homens entre os participantes. Quero destacar que os dois homens presentes estavam acompanhados de suas respectivas esposas. Venho observando que boa parte dos homens do

Programa, embora não saiba agora falar um número preciso, acompanha suas mulheres, e não o contrário, uma vez que é notório o fato de que o ambiente do Programa é, predominantemente, feminino, não só com relação ao fato de a maioria dos integrantes serem do sexo feminino, mas também em relação à *atmosfera* criada no cotidiano dos grupos. (Diário de Campo, 15 de maio de 2006)

Pesquisador:

-O que lhe trouxe para a terceira idade?

Entrevistado:

-Foi Ivone que convidou a minha esposa e depois eu acompanhei. (Agnélio Alves Sena, aposentado, 71 anos)

Attias-Donfut (2004) defende que as mulheres estão no centro das *redes de solidariedades*, são elas, geralmente, que cuidam dos outros, principalmente no tocante à esfera familiar, elas são o eixo de amparo, ainda que possam não gozar dos mesmos recursos materiais dos homens. A solidariedade geracional será pormenorizada na seção que fala da categoria *família*. No entanto, tocamos aqui na questão porque esse aspecto característico da socialização das mulheres deixa marcas no programa, como a de deixar sempre impresso nas relações o acolhimento de uns com os outros. Atribuímos a isso, sem querer usar de pieguice, a facilidade que as mulheres têm para enxergar o *estado do outro*. Tudo isso fica muito claro quando observamos as *pequenas atenções* com os monitores, os *mimos* tipicamente *maternais*, e na feminização dos ambientes do programa (as *decorações*, os *objetos*, os *murais de fotos*, os *paninhos pintados*, etc), dotando-os de aconchego para as *conversas íntimas* e para o desenvolvimento das atividades.

Há de considerarmos, hoje, que a vanguarda do segmento etário da Terceira Idade é marcadamente feminina, algo que está trazendo contribuições no que diz respeito à construção de novos valores, no tocante às relações de gênero e às trocas simbólicas entre as gerações, ainda pouco solidárias.

## 6.2-Trabalho

Essa categoria, em específico, tem um destaque especial neste trabalho, como se pode perceber, pois permeia de modo profundo a discussão. A *função estruturante* que lhe é atribuída é responsável por circunscrever vários dos aspectos da reprodução social. Ela também é referência, de maneiras diversificadas, para a construção das subjetivações das experiências dos agentes, suportes para a formação das identidades.

Para a maioria de nós, o trabalho ocupa um espaço maior da vida do que qualquer outro tipo de atividade. É comum associarmos a noção de trabalho a uma atividade maçante – um conjunto de tarefas que queremos minimizar e do qual, se possível, procuramos escapar. No entanto, há mais implicações no trabalho do que nessa atividade maçante: não fosse assim, as pessoas não se sentiriam tão perdidas e desorientadas ao ficarem desempregadas. Como você se sentiria se imaginasse que nunca mais arranjaría um emprego. (GIDDENS, 2005)

Partimos do pressuposto de que o idoso, ao retirar-se do *mundo produtivo*, em termos das representações estabelecidas socialmente, seja das atividades formalizadas ou não, passa por uma etapa de procura por novas referências para pontuar o seu *modus vivendi*, uma redefinição dos seus *papéis sociais* e de sua auto-imagem como *ser social*.

Na população estudada, é proeminente o perfil de fragilidade econômica, em termos gerais, verificada, unanimemente, por todas as fontes analisadas. Isto trouxe à tona, através dos relatos de experiências coletados, a presença do *trabalho alienado* nas trajetórias de vida. O *trabalho alienado* toma, aqui, uma dimensão de relevância imprescindível para a compreensão dos processos de ressignificação da vida desses idosos em meio à relação existente entre as *experiências de trabalho* e a *adoção do estilo de vida* da Terceira Idade.

Quando nos referimos às *experiências de trabalho alienado*, reforçamos a característica de *incômodo* destas experiências, encaradas como *mal necessário*, como *calvário*, sendo que o *sonho* de seu término para se viver uma vida mais *leve* é algo imperativo. Somando-se a isso, em geral, essas vivências acabavam por *consumir* ou *ofuscar* as relações em outras esferas da vida (relações familiares, lazer, dedicação a *hobbies*, entre outros).

Alguns trechos das entrevistas são demonstrativos das expectativas nutridas pelos idosos para quando se aposentassem. Os relatos indicam que muitos deles vislumbravam uma vida que *escapasse* do *sufocamento* imposto pelo *mundo do trabalho* ou, melhor dizendo, do *mundo do trabalho alienado*.

Eu pensava que [...]. **Eu dormia direto no trabalho, saía de casa de manhã e chegava de noite, no outro dia, eu tornava sair** (grifo nosso). Eu pensava que, quando eu aposentasse, eu ia parar de trabalhar. Não ia mais ser costureira de ninguém, não ia mais trabalhar na fábrica. E foi o que aconteceu. (Maria Silva de Jesus, aposentada, 67 anos)

Eu não sei [...], foi bom! De quando eu comecei a trabalhar em São Paulo, foram quase trinta anos trabalhando direto. **Aí eu já estava aborrecida, eu queria deixar essa vida de chegar em casa à noite e sair de manhã** (grifo nosso). (idem)

**Eu procurei aposentar para descansar daquela vida, daquela correria** (grifo nosso). Queria ter tempo para dedicar-me às outras coisas. (Marivalda Alves de Almeida, aposentada – 55 anos)

**Passava uma esperança de um dia eu me aposentar e ter uma vida melhor** (grifo nosso), porque essa vida de ficar de porta em porta vendendo, implorando aos outros para comprarem, não é muito boa. Depois que eu me aposentei, eu parei. (Alexandrina Gonçalves da Silva, aposentada, 77 anos)

Observamos, nas falas em questão, os aspectos dessas experiências que condicionam vidas *sufocantes*, exaustivas, que abordam a *existência* de modo a promover o *aprisionamento* das suas possibilidades. Neste ponto, o grande fator agravante de todo o contexto de muitas experiências relatadas nas entrevistas é a vida marcada pela *privação*, do quê daria condições de se viver, ainda que minimamente, com *dignidade*.

A aposentadoria para os idosos menos favorecidos economicamente, através do seu provimento periódico e *certo*, surge, muitas vezes, como instrumento para *aliviar e dignificar* a vida até ali eivada de *mazelas e privações*.

Eu sempre disse que, se eu tivesse a minha casa própria, eu não seria mais pobre. Eu, com o meu dinheirinho, eu sei controlar. Eu pago aluguel. Com a minha aposentadoria, eu pago o sindicato. Mas, com esse dinheiro, eu agradeço a Deus por isso. **Se não fosse esse dinheiro, eu tava morando em uma roça com o tanto de filho que eu tenho** (grifo nosso). (Albertina Maria da Conceição, aposentada, 74 anos)

Eu tive uma vida muito difícil. Eu só não passei fome. Graças a Deus! Mas eu passei muitos tempos difíceis, porque eu não tinha dinheiro, eu não tinha ninguém, **eu não tinha nada** (grifo nosso). (idem)

Meu marido me deixou a pensão, mas para poder sustentar quatro filhos e ainda cuidar da casa [...]. Aí eu aposentei e vim para cá. Então, eu lutei com esses filhos só com a pensão e vendia coisa (antes de se aposentar). **E, com a aposentadoria, melhorou.** (grifo nosso). (Maria Amaral Luz, aposentada, 67 anos)

Nessa época (de quando se aposentou), eu paguei umas dívidas que eu tinha, eu comprei uns óculos, porque eu tava numa situação precisando de óculos, mandei fazer uma chapa (dentadura), a minha casa eu mandei cobrir, que tava molhando muito. (grifo nosso). (Euziza Alves Figueredo, aposentada, 70 anos)

É emblemático o último depoimento descrito acima, em que a depoente, anteriormente à aposentadoria, revela a triste realidade de *não ter seus dentes*, de *não ter sua visão*, de *não ter um abrigo de fato*. A aposentadoria veio, para esta senhora, portanto, *devolver-lhe*, dentre

outras coisas, os *sentidos* que lhe dão acesso ao mundo, enfim, devolver-lhe o *acesso à vida*, sem querer recorrer a *exageros apelatórios*.

Observamos casos que diferem desse quadro apresentado. Leiam, tomando como exemplo das *múltiplas realidades*, o relato abaixo:

Eu pegava o dinheiro da minha aposentadoria e aplicava tudo na roça. Fazia a minha feirinha (compras do mês) e aplicava tudo na roça. Tinha aquela pressão de fazer isso, fazer aquilo outro, de plantar não sei quanto de capim, de palma (planta nativa usada para alimentar o gado) e tal. Palma mesmo ficou mais de um hectare. Capim, ficou bastante capim! Mandioca ficou bastante. Banana, eu plantei quase cem pés de banana.

Então, eu fiquei muito apaixonada porque eu vim embora. Há quatro meses e pouco, eu vim embora, abandonei a terra. Eu não tinha mais ninguém para ficar comigo na terra e tive que vir embora. Sozinha, eu não podia ficar. Eu ficava com medo de dar uma dor de noite e morrer. Ou então uma cobra me pegar lá no mato e morrer por lá mesmo. Quem é que ia me achar? Só o urubu, não é?

Depois de enfrentar aquilo, eu disse: “Meu Deus do Céu! Está em suas mãos, meu Senhor Jesus, para resolver este problema!”. **Eu não queria perder a minha terra** (grifo nosso). (fala com grande comoção, tendo lágrimas aos olhos) (Júlia Delfina da Silva Souza, aposentada, 69 anos)

Neste extenso relato, é notório que, quando a idosa se refere à sua *terra*, cheia de significados de identificação e pertencimento, ela está se referindo às suas atividades nesta *terra* como algo imbricado. Antes de falar de sua *amargura* e *lamento* por ter sido obrigada a sair de *sua terra*, ela descreve, com riqueza de pormenores, a sua *labuta* (árido trabalho) na mesma. Diante destas considerações, a interpretação é que a idosa identifica-se, de modo profundo e *positivo*, com a sua *experiência de trabalho*, sendo uma referência marcante e valorizada em sua vida, apesar da característica de ser um tipo de trabalho *pesado* para qualquer pessoa realizar.

Há, também, aqueles casos de idosos que lamentaram a chegada da aposentadoria, por conta da queda do padrão econômico de vida, ao mesmo tempo em que sentem falta das atividades de trabalho anteriormente realizadas.

Lá no Rio de Janeiro, antes de aposentar, eu trabalhava na casa de pessoas idosas e ganhava por plantão, ganhava mil e quinhentos reais. Quando eu vim para aqui, não dava mais porque eles pagam um salário para acompanhante. (Bernardina Santos Araújo, aposentada, 66 anos)

Mas a coisa que eu mais gosto é de trabalhar. É tanto que eu peguei uns retalhos de pano da minha cunhada, para eu entreter, não ficar pressionada. (Júlia Delfina da Silva Souza, aposentada, 69 anos)

Há dois aspectos a serem considerados, mediante a análise das entrevistas, conforme os caminhos tomados pela análise até este momento. No que tange às experiências de trabalho, na sua relação direta com a ação do programa, poderíamos refletir a respeito de dois tipos de expectativas adotadas e nutridas pelos idosos, que mostram contornos subjetivos de representação diferenciados. Uma delas está ligada àqueles que viveram as *experiências de trabalho alienado* e a outra, àqueles que tiveram experiências mais *positivas* de trabalho. Os que viveram o que estamos categorizando como *experiências positivas de trabalho* - não podemos afirmar que são todos - concebem o programa como meio de *não perder o vínculo com o mundo do trabalho*, em termos representacionais, ainda que não *produtivo* economicamente, de um ponto de vista mais imediato. Para estes, *ficar parado* toma um significado de se anular como indivíduo, pois passa-se a ser uma pessoa *improdutiva*, que perdeu a sua *autonomia* em muitos sentidos.

Eu sinto muita saudade do trabalho, porque eu pretendo [...], depois que eu tirar o curso de pintura (que faz no Programa), eu quero vender toalhas de prato, essas coisas. (Bernardina Santos Araújo, aposentada, 66 anos)

Já a subcategoria dos que tiveram *experiências de trabalho alienado* tem uma perspectiva do programa mais atrelada à idéia de *gozo dos prazeres da vida* após o fim do *sacrilégio do trabalho*. Essas interpretações, vale frisar, não pretendemos generalizá-las para a totalidade dos idosos inclusos em nenhum dos dois grupos considerados, mas sim nos referirmos ao *microcosmo pessoal* de idosos específicos, mediante a apreciação de suas falas.

A experiência de trabalho, portanto, permeia os processos de categorização e reflexividade dos idosos adjacentes às ressignificações incorporadas ao longo de seus *trajetos na vida da Terceira Idade*.

### 6.3-Família

Tratar das relações existentes entre Terceira Idade e *família*, no âmbito dos idosos do programa, requer algumas considerações iniciais.

A noção de *família* nos remete aos condicionantes históricos e culturais que deflagram na sua tipificação, envolvendo as *expectativas sociais* de cada cultura frente aos papéis que esta *célula social* cumpre, ou deveria cumprir, no bojo da organização e reprodução social.

Na atualidade, assistimos a uma maior heterogeneidade de referências para se tentar compreender a seguinte problemática: *Como é a família de hoje?* Contudo, o mais adequado



seria perguntar de modo diferente: *Quais são as famílias que temos hoje e para onde o conceito de família tem caminhado?*

Giddens (2005) tenta *trocar em miúdos* o conceito de *família* e outros a ele diretamente associados, dentro de uma perspectiva mais clássica, que situa, inclusive, a distribuição dos papéis sociais:

Uma **família** é um grupo de pessoas diretamente unidas por conexões parentais, cujos membros adultos assumem a responsabilidade pelo cuidado das crianças. Laços de **parentesco** são conexões entre indivíduos, estabelecidas tanto por casamento como por linhas de descendência, que conectam parentes consangüíneos (mães, pais, irmãos, prole, etc.). O **casamento** pode ser definido como uma união sexual entre dois indivíduos adultos socialmente reconhecida e aprovada. Quando duas pessoas se casam, elas se tornam aparentadas; mas também o elo matrimonial conecta uma gama mais ampla de parentes. (p.152)

Nesse ínterim, em tensão com esta noção mais tradicionalista, assistimos, na atualidade, mormente nas sociedades mais industrializadas, a uma profunda transformação nas relações constituidoras do que *chamamos* de família. Arelado a isso, situa-se a distribuição dos papéis e capitais sociais dos seus membros, tomando por critério a condição etária e a de gênero, que também passam, necessariamente, por revisionamentos. Tudo isso dota a categoria *família* de uma complexidade que exige um trato cuidadoso em sua abordagem, seja qual for o campo de pesquisa no qual se situe. Esse revisionamento não implica a diluição da sua influência atual para os processos oriundos das relações sociais. Todas as mudanças em questão, das conjunturas atuais, acarretam o surgimento de variados modelos familiares que convivem no espaço social.

De fato, o que observamos não foi exatamente o enfraquecimento da instituição família, mas o surgimento de novos modelos familiares, derivados desses fenômenos sociais e, sobretudo, das transformações nas relações de gênero, que exprimem através do maior controle de natalidade, da inserção intensiva da mulher no mercado de trabalho e das mudanças ocorridas na esfera da sexualidade, entre outros fatores. (PEIXOTO; HEILBOR; BARROS, 2004, p.7-8)

A situação familiar do idoso, passando pela dimensão econômica e afetiva, é uma das maiores referências para a *revisão de vida* na *maturidade*. A partir da sua experiência familiar, e dos contextos desdobrados dela, o idoso elabora os *sentidos de sua vida*, levando em conta critérios de *sucesso* e *insucesso*, dentre outros. E é, principalmente, a mulher idosa que, em geral, possui, além do elo de compromisso com seus familiares, um acento de ligação

afetiva mais intensa do que os homens, pois, como já abordamos, dela é o reino da intimidade do lar (ARIÉS, 1981), o lócus onde se engendram as relações emocionais profundas entre pais e filhos. Nos relatos abaixo, são expressas as frustrações e satisfações de mulheres idosas que situam a condição de seus familiares, principalmente dos filhos, como extensões de suas próprias vidas.

Olha, a minha filha, quando eu aposentei, não estava casada. Eu sempre me esforcei para que ela estudasse. Ela fez faculdade de história. (Maria Alves da Rocha, aposentada, 59 anos)

Ela (a filha) agora está sem trabalho e com problema de coluna, de uma queda que tomou, por isso não acha trabalho, pois está toda entrevada. É um caso, então, de louvar a Deus por ter esse dinheirinho da aposentadoria. E eu batalhei, não foi pouco, para essa aposentadoria sair. Então (...), a **noossa vida** (grifo nosso) é essa. (Euziza Alves Figueredo, aposentada, 70 anos)

Nas entrevistas e no Diário de Campo, foram observados, nas falas e posturas registradas, elementos que dão mostras do posicionamento das famílias dos idosos frente às atividades vivenciadas por estes na Terceira Idade. Na *estruturação* das entrevistas, uma das preocupações foi tentar direcioná-las de modo que se possibilitasse *verificar* qual o tipo de postura das famílias frente ao ingresso e à participação dos seus idosos no programa. Com isso, uma das pretensões foi a de refletir sobre as *reações* do próprio idoso em meio à sua forma de *administrar* os *aconselhamentos* e *cobranças* recebidos via família e via programa, que nem sempre são convergentes.

As respostas referentes às perguntas que sondavam o incentivo ou desincentivo das famílias em relação à entrada e permanência dos idosos no programa apontaram, em sua maioria, para imagens positivas de incentivo, sendo que, por vezes, perceberam-se leves nuances de reprovação.

Apóia. Meu filho brinca, diz: “É duro(!), de manhã, eu levo a minha filha na escola e, à tarde, a minha mãe.” (Ana Amélia Ferraz Fontes, não aposentada, 65 anos)

Eu tenho o meu esposo e quatro filhos. Eles são pessoas esclarecidas, entendem a minha situação! (Zildinê Fernandes de Oliveira Souza, pensionista, 66 anos)

Achou bom! A Núbia (filha) me apoiou, compra os materiais para que eu possa fazer as pinturas. Ela falou que está gostando. Até falou que, quando ela fizer uma casa, vai fazer o meu ateliê para a minha pintura, costura e outras coisas. (Bernardina Santos Araújo, aposentada, 66 anos)

Ah, ela me apóia muito (a filha). Às vezes, eu estou sem querer ir e ela vira para mim e fala: “Vai, é melhor do que você ficar dentro de casa chocando.” (Euziza Alves Figueredo, aposentada, 70 anos)

Apoiou, tanto os daqui como os de fora! Eles não querem que eu saia. E o homem (marido) fica lá jogando o dominó dele, e eu venho para cá, curtir a minha vida. E vamos levando! (Maria Amaral Luz, aposentada, 67 anos)

Além do incentivo, em muitos casos, também observamos a integração e participação ativa dos familiares no programa. Há, nestes casos, um intercâmbio nas relações geracionais de trocas simbólicas que, inclusive, alivia as concepções que tratam dos programas de Terceira Idade como locus de *institucionalização da vivência*, cujas relações encerram-se em *quatro paredes*, definindo o que seria uma espécie de *guetização das relações*. Motta (2004) faz o seguinte comentário a respeito do que seria essa tendência moderna, ou pós-moderna (?), da *institucionalização da vivência*:

Na modernidade ocidental, individualista e estruturalmente fragmentada em várias esferas de ação, em contraste (ou compensação ?) com as megaestruturas do setor produtivo, observa-se uma ênfase crescente na vida pequeno-grupal, das facções, das “patotas” ou das “tribos” (como diria Mafessoli, 1987), em extensões espontâneas do modelo das relações trazidas das instituições e espaços tradicionais (família, escola, vizinhança, trabalho). (p.113)

Vejam, portanto, os relatos que relativizam essa perspectiva:

Gostaram demais! No início, a minha família, quando tinha alguma coisa lá, eles dançavam mais a gente e tudo! Depois, se acostumaram. Eles me dão muito apoio. Inclusive, a minha filha caçula disse que, quando ela chegar na idade, ela não vai largar a terceira idade por nada. (Albertina Maria da Conceição, aposentada, 74 anos)

Adoraram! Quando o coral vai cantar aqui na praça, vai marido, vai neto! Só você vendo! (Alexandrina Gonçalves da Silva, aposentada, 77 anos)

Não, eles apoiaram! Meus filhos me apoiaram. As minhas filhas estão achando bom, admiram as amostras que eu levo (artesanato). **Estou ensinando até umas coisinhas para os meus netinhos, minhas netinhas, e eles estão aprendendo** (grifo nosso). É por isso que eu estou aqui, para aprender mais coisas e ensinar aos meus netos. (Júlia Delfina da Silva Souza, aposentada, 69 anos)

No entanto, o incentivo, a participação e integração da família com a Terceira Idade, em relação à participação dos seus idosos, apresentam também facetas menos benéficas. Há,

portanto, a existência de *incentivos* e de *desaprovações* quanto à postura dos familiares frente à questão:

Foi das mais diversas: uns com sarcasmo, brincadeiras até de mau gosto. Já alguns, uma minoria, com incentivo. Mas nenhum nos acompanhou nas atividades. (Jairo Fonseca Ribeiro, aposentado, 65 anos)

Teve uns que agradaram, tiveram outros que eu chamo e dizem que vêm, que não vêm. Já outros acham que é ruim. (Agnélio Alves Sena, aposentado, 71 anos)

A nova rotina estabelecida ao idoso, na sua convivência com o programa, cria novas demandas e novas prioridades para a sua vida que vão se constituindo neste processo. Esse processo deflagra, a depender do contexto específico de cada idoso, em um afrontamento das expectativas familiares com relação ao idoso. Consideremos que a teia de solidariedade geracional no Brasil, já considerada, não raramente, coloca o idoso no eixo de apoio à família. Como já foi discutido, por exemplo, a questão da renda fixa da aposentadoria, que garante o provimento de muitos lares, além de situações mais pontuais, como a dos filhos que moram com seus pais, mesmo depois de casados, para aproveitarem a estrutura existente (casa própria, cuidados da avó materna com seus filhos, etc).

O programa, diante dessas *expectativas e cobranças familiares* ao idoso, tem como postura, arriscaria dizer, política, a difusão de um discurso que enfatiza a necessidade de o idoso se libertar de algumas obrigações familiares, tidas como pesadas demais para serem assumidas nesta altura de suas vidas, cujo tempo deveria ser reservado para gozar dos merecidos prazeres da vida, uma vez que ele já deu sua cota de contribuição familiar e social. O ideal, neste sentido, é que a família seja o apoio do idoso, não o contrário. Isso, contudo, é algo complicado de se atingir, plenamente, diante da realidade nacional das famílias brasileiras consideradas pobres.

Vejamos, no tocante à questão acima, os exemplos dos posicionamentos, frente ao problema, dos três segmentos em questão (o programa, a família e o idoso):

Ivone disse estar preocupada com idosos que estão deixando de participar das viagens do grupo, por razão da **família exercer certa “exploração”**, não deixando que o idoso goze livremente de seus rendimentos, em função da *carga familiar*, por demais pesada, que lhe é “imposta”. **Em reação ao comentário, muitos sacudiram a cabeça em concordância, enquanto outros olharam mudos para chão.** Ivone diz, ainda, que aqueles que não têm rendimentos devem tentar contar com a colaboração dos filhos e familiares, gerando o seguinte comentário de uma senhora: “O problema é

que filho já tem filho. Como é que eu posso pedir alguma coisa assim?”. (grifos nossos) (Diário de Campo, 15 de fevereiro de 2006)

Uma senhora, rindo, conta que, por causa “*dessa terceira idade*”, os seus netos passaram a reclamar, dizendo que ela está muito “*rueira*” e devota *pouca atenção* a eles (grifo nosso). Puxando este fato, é bom lembrar que: o idoso, hoje, segundo inúmeros estudos, tem ocupado, nos lares do país, numa quantidade expressiva de famílias, postos de comando, por razão de serem *importantes provedores*, que tentam garantir, inclusive, a educação e criação dos seus netos. Também é curioso observar as expectativas familiares, como estão expressas nas cobranças sofridas por esta idosa pelos seus netos. Com a Terceira Idade, as posturas tradicionais dos *velhinhos*, disponíveis em casa para a família, e aos cuidados dela, estão em clara “crise”. (Diário de Campo, 24 de maio de 2006)

Pesquisador:

A sua família lhe apoiou (em relação ao programa)?

Idosa:

**Apóia! Só falou assim: “Mãe, é o dia todo lá?”** (grifo nosso); isso porque eu estou com um netinho bem novinho, que está lá no Esaú Matos (hospital da cidade). Quando eu saio daqui, eu vou para lá e fico com ele, chego em casa quase seis horas. Do Alto Maron (bairro em que mora) para lá, são quatro ônibus, dois para ir e dois para voltar. Eu não pago ônibus, por isso que ela me cobra que eu vá para lá. (Rosa Amorim Tavares, aposentada, 69 anos)

O idoso, portanto, tem de administrar os imperativos desta *via de mão dupla*: de um lado, o aconselhamento para que ele rechace o fardo das cobranças familiares; do outro, a dificuldade de ignorar a realidade dos seus familiares mais próximos.

Eu sou uma pessoa simples. Assim é o meu jeito, eu gosto muito de agradar as pessoas. Com esse dinheirinho mesmo [...], de vez em quando, chega um neto meu: “Oh, vó, me arruma tanto aí que depois a gente paga”; e aí vai um pouquinho aqui e lá. Eu digo: “Não precisa pagar, não, meu filho, deixa que Deus aumenta, que não vai faltar!”; sempre é assim. E, graças a Deus, eu vou levando a minha vida! (grifos nossos) (Albertina Maria da Conceição, aposentada, 74 anos)

A família, diante de tudo que foi até aqui exposto, caminha conjuntamente com o idoso em meio ao processo de socialização do mesmo via Terceira Idade. Processo este que instaura novas sociabilidades, que *sacodem* as relações familiares, gerando novas determinações, ou relativizações dos papéis em seu seio, ainda que em meio às instabilidades provocadas.

## 6.4-Cidadania

Buscando uma definição para *cidadania*, numa tentativa de fundamentar a nossa discussão, partiremos de sua construção semântica, que nos remete ao conceito de *cidadão*, sendo deste uma derivação que, de modo indissociável, conecta-se à idéia de *Estado Nação*. Portanto, estes conceitos são constructos cuja história remete à antigüidade, mais especificamente, à Grécia do período Clássico, e, posteriormente, ao início da Era Moderna, tendo como marco o século XV, com o processo de constituição das primeiras nações, Espanha e Portugal. Entretanto, o seu engendramento nos moldes atuais e uso de fato é fruto do século XX, a partir da defesa da Democracia como modelo político a ser adotado pelos Estados Modernos.

Carvalho (1995) situa a cidadania de uma forma mais abrangente, indo além do clichê do senso geral que coloca: A cidadania é a plena ação do cidadão em sua sociedade, consciente de seus direitos e de seus deveres!

Yendo más allá que Marshall, diria yo que ciudadanía es más que una colección de derechos, y que el ciudadano no es meramente una percha donde se cuelgan derechos civiles, políticos y sociales. Ciudadanía es también la sensación de pertenecer a una comunidad, de participar de valores comunes, de una historia común, de experiencias comunes. Sin esse sentimiento de identidad colectiva – que confieren la lengua, la religión, la historia – no sería posible la existencia de naciones democráticas modernas. (p.11)

Nessa perspectiva conceitual por este trabalho adotada, a categoria *cidadania* ultrapassa as fronteiras da esfera política, pois ela tem também o papel de cimentar as relações de pertencimento entre pessoas e lugares, assumindo, outrossim, estatutos de ordem sócio-culturais.

Quando trazemos a questão da *cidadania* para o âmbito da Terceira Idade, em específico para a ação do programa estudado, entramos no campo das propostas da *educação continuada*. Hoje, poderíamos dizer, a idéia de educação continuada está amalgamada com os objetivos dos projetos de ação para a Terceira Idade. Esses projetos defendem a necessidade dos *aperfeiçoamentos contínuos*, indispensáveis para um envelhecimento profícuo e para a plena *articulação* do idoso em sua sociedade (cidadania).

O idoso participante, desenvolvendo seus potenciais, começa a pensar e agir diferenciado, como também a exigir tratamento diferenciado. Ele aprende a enfrentar obstáculos que antes lhe pareciam intransponíveis, **tal como o exercício de sua cidadania** (grifo nosso). Um idoso consciente faz

diferença! Ele reclama com argumentação, ele propõe soluções antes não pensadas, ele adquire a capacidade de planejar a curto, médio e longo prazo para alcançar seus objetivos. (LIMA, 2001)

Em primeiro lugar, o programa, olhado sob o crivo da educação continuada, funciona em torno das atividades desenvolvidas nos grupos de convivência e na sede do programa de forma um tanto segmentada. Cada espaço de atividades funciona de forma independente, a partir da gestão dos ministrantes (alfabetizador, professor de dança, professor do coral, professora de artesanato, etc). Embora a interlocução entre as atividades do programa e os *objetivos gerais* difundidos aconteça de modo espontâneo, não é algo sistematizado de modo que se busque fazer um *trabalho integrado*. A grande ênfase é na *promoção da convivência e do lazer*, já que, neste intuito, se percebe uma maior sistematização, ou melhor dizendo, uma maior *racionalização*. Daí vem o destaque às festas, aniversários, passeios, viagens, etc. Entretanto, não se pode dizer, a partir disso, que as outras atividades tenham uma função considerada menor pelos colaboradores. Também não pretendemos, aqui, valorar essa característica do programa como algo *bom* ou *ruim*, já que isto demandaria outros tipos de estudo a serem realizados.

Mesmo que de modo espontâneo, sem seguir, a rigor, uma *metodologia específica*, a proposta de tentar dar ao idoso suportes para a sua *autonomia social*, ou cidadania, acontece. Vale lembrar, como nos mostra o perfil dos monitores e outros colaboradores, que o grau de formação (escolaridade) destes é bem variável, fator que pode contribuir para que o tipo de concepção de cada um sobre os aspectos a serem desenvolvidos com os idosos seja diferenciado, a exemplo do tocante à cidadania.

As atividades desenvolvidas nos grupos de convivência assumem um tom singular a partir do tipo de condução dada por cada monitor em específico. Enquanto uns reforçavam a idéia da necessidade de se trabalhar nos idosos o *espírito crítico* frente às questões gerais da sociedade, por meio, inclusive, das discussões de textos lidos em conjunto, outros se *afinavam* mais em trabalhar as chamadas *dinâmicas*, tendo um sentido de *intervir* positivamente na *desenvoltura dos corpos (motora, emocional e das relações interpessoais)*. Apesar de apresentar atividades diferenciadas, não estamos afirmando que esses citados campos de ação para com os idosos sejam, a priori, dissociados uns dos outros.

Quanto aos incentivos à cidadania, uma das imagens mais emblemáticas, registrada na observação foi uma do diário de campo, no dia em que participei de uma sessão extraordinária do Conselho do Idoso, realizada em espaço da sede:

Quando discutiam acerca da falta de cumprimento ao *Estatuto do Idoso* no município, sendo dados inúmeros exemplos pelos conselheiros, o Sr. Jairo (idoso, deficiente visual, integrante ativo do Programa) relatou um acontecido pessoal. Contou ter sido desrespeitado no INSS, pois queriam que ele enfrentasse uma enorme fila para ser atendido. Isso o obrigou a falar firme e exigir ser atendido de imediato, completando com o seguinte comentário: “**Cidadania não se ganha, se conquista!**” (grifo nosso). (Diário de Campo, 09 de março de 2006)

A noção de cidadania está expressa nas respostas dadas pelos idosos quando indagados: *Qual o seu papel, como idoso e cidadão, para a sua sociedade?*

Eu quero ser comunicativa com todos e me sentir realizada. (Florides Maria de Freitas, pensionista, 60 anos)

Bem [...] Ser uma pessoa útil! (Marivalda Alves de Almeida, aposentada, 55 anos)

Eu me considero um cidadão pleno, tenho os meus direitos e tenho os meus deveres. Mas a sociedade não cumpre os seus deveres para com a gente. (Jairo Fonseca Ribeiro, aposentado, 65 anos)

O papel do idoso é ele reconhecer que é idoso, em primeiro lugar! É ele não achar que porque ele é idoso ele é inferior aos outros! É ter a consciência tranqüila e cumprir com os seus deveres. Esse é o papel do idoso. (Cláudio da Silveira Dias, aposentado, 80 anos)

Não sei, não vem na minha cabeça o que eu ia dizer. (Maria Silva de Jesus, aposentada, 67 anos)

Acho que tem muito preconceito ainda. Falam que a gente é dos tempos antigos. É isso! (Alexandrina Gonçalves da Silva, 77 anos)

Eu sei é que tudo melhorou para a gente. Hoje, eu falo que a gente está rico! E Deus preparou tudo para mim na minha idade. (Maria Amaral Luz, aposentada, 67 anos)

As respostas, de conteúdos bem diversificados, que variam de *engajamento* ao *desconhecimento*, além de serem indicativos do *impacto do programa* no campo político educacional, também dão mostras dos acessos diferenciados aos capitais culturais específicos, que permitem uma visão clara da questão. Entretanto, o *desconhecimento formal* do que seja uma *postura cidadã* não implica dizer que o idoso não saiba que ele tenha direitos e deveres dentro de sua sociedade. Também não implica dizer que ele não perceba que o programa quer incitá-lo a ser mais questionador e participativo nas questões sociais, ou seja, *menos besta*. Isso é o que nos mostram algumas posturas descritas a seguir, bastante reveladores da ênfase,



em termos, politizadora do programa e também das idéias da Terceira Idade, em geral reportadas nos meios midiáticos:

Neste ínterim, idosos reclamam de maus tratos sofridos nos ônibus coletivos da cidade, contando experiências de desagravo. A monitora os orienta que nunca deixem de fazer reclamações nestes casos. (Diário de Campo, 13 de março de 2006)

Mais uma vez, embora em tom informal, pois não estava na pauta do encontro, foi discutido acerca dos maus tratos aplicados aos idosos pelas empresas de transporte coletivo da cidade. Todos reclamam, com veemência e indignação, fazendo relatos pessoais e de episódios acontecidos com pessoas conhecidas que corroboram a falta de respeito dessas empresas. **Uma senhora chegou a mencionar o fato de ter falado severamente com um motorista, que não havia tido paciência de esperar que ela entrasse no ônibus, acelerando** (grifo nosso). (Diário de Campo, 14 de março de 2006)

No entanto, voltamos a afirmar que a ênfase do programa, em termos de *ação racionalizada*, mais bem planejada, é na promoção das atividades voltadas às relações inter e intra-geracionais e ao lazer, no intuito de promover o bem-estar físico, emocional e social. É interessante lembrar que, quando dois dos idosos citados acima foram perguntados acerca do papel social do idoso, deram respostas ligadas às suas expectativas de estarem bem consigo e com os outros e às melhorias na qualidade vida dos idosos.

Eu quero ser comunicativa com todos e me sentir realizada. (Florides Maria de Freitas, pensionista, 60 anos)

Eu sei é que tudo melhorou para a gente. Hoje, eu falo que a gente está rico! E Deus preparou tudo para mim na minha idade. (Maria Amaral Luz, aposentada, 67 anos)

Desse modo, tendo em vista o que foi levantado no diário de campo e nas entrevistas, poderíamos considerar que se torna difícil definir até que ponto vai a influência do programa no idoso, em relação ao processo de lhe dar as condições necessárias para que exercite a sua cidadania de modo *consciente e pleno*. Até que ponto a noção de cidadania desses idosos parte do programa, do discurso da Terceira Idade proveniente dos meios de comunicação de massa, ou de sua própria *bagagem* (capitais culturais adquiridos em outros contextos)? O fato é que a contribuição do programa existe, no conjunto de suas ações, mesmo que, em certos pontos, de modo difuso e sem uma sistematização contínua e programada. Quando se trabalha a auto-estima, quando se esclarecem os direitos, quando se coloca a possibilidade de

*barganhar* mudanças, trabalha-se, sem dúvida, a cidadania. O que deve ser ponderado é que seria arbitrário, aqui, tentar quantificar essa influência, dadas as limitações atribuídas ao tipo de coleta de dados que foi aplicado.

### 6.5-Ressignificando

Nessa categoria de análise, será feita uma reflexão a respeito das mudanças sentidas *na pele* e que estão refletidas nas *vozes* dos próprios idosos. Perpassam, neste processo, novas construções de subjetivações que dão novos contornos às identidades e, conseqüentemente, às maneiras de se *decodificar o mundo*, criando novas posturas e expectativas frente a esse *mundo* em constante *reconstrução*.

Se compreendermos a vida como um *processo contínuo de adaptação e busca de sentido*, como um *domínio* no qual a instabilidade é o *motor propulsor* da existência humana, a *padronização* da vida cotidiana funciona como âncora para os agentes conectarem, em meio às *ritualizações*, o *ser* ao *sentido das coisas*, num esforço de se conquistar o que os existencialistas chamariam de *segurança ontológica*.

O caos que espreita o outro lado das convenções cotidianas ordinárias pode ser concebido psicologicamente como *horror* no sentido de Kierkegaard: a perspectiva de ser ultrapassado por ansiedades que atingem a raiz própria de nossa sensação de “estar no mundo”. (GIDDENS, 2002)

Em relação aos programas da Terceira Idade, em termos gerais, quatro expressões consecutivas definem, em seus sentidos, complementares e cumulativos entre si, a lógica das formas de funcionamento das intervenções adotadas: *novos aprendizados, nova rotina, novos conceitos e valores, nova vida*. Basicamente, a *reconstrução da vida*, como se propõe, segue essas etapas.

Nessa linha, a representação da idéia de *atividade, movimento*, é muito marcante. Faz-se, aí, uma analogia de que *vida é movimento*. Isso é consensual em, praticamente, qualquer direção de sentido. Assim, as *atividades* têm, a todo instante, o seu mérito reconhecido como instrumento para interligar o idoso à *vida*:

Acho que os idosos que são doentes deviam participar do Grupo, para passear, fazer uma viagenzinha, uma ginástica [...]. Mas muitos se isolam, ficam em cima de uma cama. Ah, não, eu não quero ficar uma velha assim, não. **Eu quero ficar na ativa, viu?** (grifo nosso) (Florides Maria de Freitas, pensionista, 60 anos)

Além de o programa oferecer um bom relacionamento, **oferece também a terapia ocupacional**. Os idosos, ao invés de ficarem preocupados com a enfermidade, com a hora de tomar remédio, nem percebem a hora passar. **Isso aqui para mim é um tratamento!** (grifos nossos) (Zildenê Fernandes de Oliveira Souza, pensionista, 66 anos)

Eu vivia muito dentro de casa, muito chocada, muito triste, sozinha [...]. Aí, eu achei umas amigas que faziam parte do grupo e elas me convidaram e eu aceitei, gostei. Gosto muito de vir aqui, de fazer as atividades, de estar pesquisando um pouquinho também, eu comecei a estudar também. Tem também as festinhas que eu gosto. É muito bom isso aqui! (grifos nossos) (Euziza Alves Figueredo, aposentada, 70 anos)

A idéia de *atividade* para a Terceira Idade é diferenciada em relação a outros grupos etários, uma vez que ela deve estar associada à promoção de prazer, aprendizado e valorização social:

Bom, eu ia ficar dentro de casa. Uma tristeza, não é(?)! Cabeça vazia só pensa o que não presta, não é isso(?)! Eu ia ficar no sofá, porque eu não aprendi fazer crochê [...]. Um professor meu de psicologia, Rubens, dizia: “Aprende crochê para a velhice!”; e eu dizia: **“Que nada, Rubens, deixe de ser besta, você acha que eu vou ficar velha, fazendo crochê? Eu vou fazer outras coisas, vou namorar, vou aproveitar, eu não estou isolada, não estou morta!”** (grifo nosso). (Rosa Amorim Tavares, aposentada, 69 anos)

Na fala acima, também percebemos a valoração das atividades, da parte da própria idosa, numa abordagem instituída pela Terceira Idade, que seria uma tentativa de *desterritorializar* determinadas atividades, as quais seriam propriamente pertencentes aos *jovens* (namoro, dança, competições esportivas, etc). A questão é: há, realmente, a busca dessa desterritorialização ou, numa sutileza simbólica, há uma *visita ao território alheio do mundo juvenil*? O fato é que as *atividades*, conforme a representação geral, provocam a tão estimada *jovialização*, conferindo, por consequência, o realce da auto-estima.

Eu acho que mudou hoje porque parece que a gente renova. **Parece que a gente fica mais nova. Eu mesmo estou me achando!** Todo mundo está achando que eu estou mais nova do que quando eu estava lá na roça. (Júlia Delfina da Silva Souza, aposentada, 69 anos)

A idosa acima em questão é uma das citadas anteriormente, na seção que discute a categoria *trabalho*. Ela é a que nos contou a sua história de ter sido forçada a abandonar a sua terra, na zona rural, por falta de condições de trabalhar nela sozinha e, por isso, teria ficado bastante triste, *apaixonada*, como ela própria adjetiva. Como observamos anteriormente em

sua fala, a *terra* dela era a sua grande referência de vida, um lugar cujos significados por ela elaborados ao longo de sua experiência lhe davam o que tínhamos já mencionado como *segurança ontológica*, o que dava, consideravelmente, sentido à sua vida. Aqui, então, entra, de forma bastante ilustrativa, a ação do programa, quanto à sua contribuição para *ressignificar* as referências de vida dos idosos, ou mesmo para desapegar das antigas e criar outras novas, totalmente diferentes.

Entrevistador:

-O que mudou no dia-a-dia da senhora?

Idosa:

-Eu **estou me transformando** [...], assim, em outra pessoa. Sei lá! Eu estou me sentindo muito bem. E **só assim que eu vou deixando aquela saudade de lá**. (grifos nossos) (idem)

As percepções dos idosos acerca das suas transformações referem-se a novos padrões comportamentais, até do que o senso comum qualifica como *personalidade, natural e inerente* a cada pessoa, vindo daí as noções de *introversão* e *extroversão*. Essa é uma prova de que a influência dos modelos de socialização é marcante para os processos de *estruturação dos corpos*:

Eu, quando me mudei para aqui (referindo-se ao programa), era muito apocada (cismada), quietona, tinha medo de sair, tinha medo de conversar. **Então, melhorei cem por cento!** (grifo nosso) (Maria Amaral Luz, aposentada, 67 anos)

Quanto à insistente prerrogativa, repetidamente tocada neste trabalho, da Terceira Idade como forjadora de identidades, até certo ponto, padronizadas, a análise feita no próprio diário é elucidativa para trazer a questão para a especificidade do programa:

A identidade de *idoso*, dá para perceber, já está bastante introjetada no grupo, pois referem-se a si, aos companheiros e ao grupo como *idosos*. A minha impressão é que o uso da expressão *idoso* por eles, para se auto-denominarem, acontece com muita fluidez, ou mesmo automatismo, o que acredito configurar a *naturalização* desse conceito contemporâneo, através do seu uso político trabalhado nesses programas de terceira idade, dotando a velhice e o envelhecimento de novos significados. (Diário de Campo, 17 de fevereiro de 2006)

Em meio às flutuações do que seja se auto-identificar como idoso, no âmbito pessoal mais íntimo de cada idoso em suas singularidades, essa questão depende dos contextos de *situação* nos quais se encontre o mesmo, em relação aos *pacotes* de capitais sociais já

conquistados. Esse contexto pessoal de cada idoso é o que vai estabelecer se a *agregação* à *identidade de idoso*, colocando em termos muito gerais, será de *aquisições* ou de *destituições*, no que se refere aos capitais simbólicos em circulação. Assim, os processos de identificação passam também por questões de *escolha*, consciente ou *intuitiva*, da ponderação do que seria mais vantajoso, isto é, se seria melhor ficar *onde está* ou *abraçar* as novidades *oferecidas* pelo novo *mercado de bens simbólicos*. Vejamos o registro destas *tensões identitárias* no diário, onde é mencionado e analisado o caso da alfabetizadora do programa, já em idade correspondente à *vida na Terceira Idade*:

A professora se encontra com mais de sessenta anos de idade e vive, constantemente, a dinâmica de trabalho e convivência com o Programa, mas não se identifica com a *categoria idosa*. Digo isso fundamentando em seu discurso, quando diz: “Os idosos precisam e merecem a *nossa* ajuda e incentivo!”; além de conversas informais (*fofocas*) com funcionários que contam já terem-na visto dizer que *não se vê como idosa*. Acredito que este fato seja um dado que corrobora a idéia de Debert e outros estudiosos, quando insistem em frisar que as *identidades* referentes às etapas etárias dos indivíduos são bastante plásticas e não dependem, como o senso comum acredita, meramente da idade, o que naturaliza as identidades etárias. Percebo, ainda, que, apesar da carga de militância política que acompanha os significados de *ser idoso*, pois denotam *participação ativa* na interação dos *agentes* no seu trato com a sociedade, ainda perseguem a *categoria* a soma de depreciações atribuídas às pessoas *de mais idade*, tal como a cultura moderna classifica. Penso, sem ter ainda uma opinião formada, se o fato de os *velhos* abraçarem a bandeira da Terceira Idade, enquanto estilo de vida e auto-identificação, não soaria, para muitos, como *vestir a roupa da dependência de um assistencialismo institucionalizado* que, ao invés de situar os agentes nos *campos de poder* do cotidiano social, só reforça, ainda mais, as *separações*, neste caso, entre adultos produtivos e *velhos dependentes e merecedores* de auxílio. **No caso específico da professora, que me suscitou essa discussão, arriscaria dizer que assumir a classificação de idosa seria como ser destituída de sua posição de profissional que ajuda os idosos e ser inserida em outra, que está ligada à dependência** (grifo nosso). Tal dependência nos lembra um pouco a noção de velhice como “retorno à infância”, uma idéia de movimento circular do *curso da vida*, já que o indivíduo volta a ser destituído de defesas, fragilizando-se. (Diário de Campo, 10 de maio de 2006)

Em contraste com o caso citado, de *esquivamento* frente ao *enquadre* articulado pelas *políticas* da Terceira Idade, veremos, a seguir, o caso da senhora Júlia (57 anos), integrante do grupo de convivência Amizade, do bairro Jurema. Esta senhora conta que, antes mesmo de ter a idade apropriada para inscrever-se no programa, já era *fascinada* pela Terceira Idade e passava por certa ansiedade com a expectativa de poder fazer parte o quanto antes:

Uma *jovem senhora*, Dona Júlia, 57 anos, me conta que, quando o Programa teve início, ela começou a freqüentar o grupo como visitante. Nesta época, devido à sua idade, em torno dos 50, ela não poderia inscrever-se, conforme o regimento do Programa. Conta, com felicidade, que, com a mudança das regras, que passaram a admitir pessoas a partir dos cinquenta anos de idade, ela pôde, enfim, ingressar. Ela relatou: **“Eu achava tudo aquilo tão lindo e implorava para que me deixassem entrar!”**; diz mais: **“Ver as pessoas de idade interessadas pela vida daquele jeito era uma bênção para mim”**. O caso desta senhora é bem diferente do caso da professora Conceição, discutido no relato anterior deste diário. A comparação destes dois casos distintos revela, contundentemente, a riqueza e complexidade do nosso tema e, em específico, o *caráter plástico* que envolve as *representações* e as *identidades*. No exemplo de Dona Júlia, podemos observar uma postura que assimila, de modo positivo, a propaganda difundida pela atuação dos grupos ditos da Terceira Idade, em contraste com o da professora Conceição, que marca uma posição bem diferente. (Diário de Campo, 15 de maio de 2006)

A organização que os idosos fazem dos *signos* dispostos no cerne dos aprendizados e das relações intermediadas pela ação do programa não obedece a uma lógica fechada que possa ser equacionada. Como vimos, esse processo depende da interação de muitos fatores, determinados, entre os elementos verificados, pelas subjetividades de cada um envolvido, frutos de suas experiências, também tocando nos capitais simbólicos adquiridos, e pelos contextos atuais de vida (familiares, econômicos, afetivos, etc).

Mesmo em meio às *irregularidades* do *terreno* de nosso campo de pesquisa, com a apresentação do enorme número de variáveis envolvidas em todo o *trajeto de análise*, é imponente a idéia, ou mesmo o fato, de que a Terceira Idade é um recurso, *ferramenta*, para o idoso *ressignificar* o seu complexo processo de envelhecimento, abrindo novas possibilidades para se situar no mundo.

O poema do Sr. Cláudio da Silveira Dias (aposentado, 80 anos) nos revela, poderíamos dizer, imagens do que a Terceira Idade representa para os idosos da população pesquisada.

## VIVENDO A TERCEIRA IDADE

A velhice não me intimida

Porque a fé não me cansa

Com setenta e nove anos de vida

Com o sorriso de uma criança

Nessa dúvida em que ando

Às vezes uma dor me desespera

Sinto no outono  
O que perdi na primavera

DEUS me deu uma vida longa  
Mas ainda tenho muito o que aprender  
Fiz coisas que não devia  
Outras que devia, deixei de fazer  
Pois a vida é um mistério  
Vejo sempre o que não quero  
Em vez do que quero ver

Em uma explosão sincera  
Beijos e abraços sufoquei calado  
As poesias que escrevi  
Que faziam chorar ou sorrir  
Ficaram em meu coração guardadas

Quanto mais o tempo passa  
Mais a violência evolui  
Eu se não fui bom nessa vida  
Mau com certeza também não fui

Os grupos da terceira idade  
Tem aprendizagem a escolher  
Artesanato e história  
Teatro, conto e lazer  
É uma escola de cultura e arte  
Para os que quiserem aprender

Vivendo a terceira idade  
Com dignidade e sabedoria  
Mesmo sabendo que a morte está perto  
Mas ela me concedeu mais uns dias  
Enquanto isso vou fazendo prece

E escrevendo poesia

Feliz porque nasci  
 Feliz por envelhecer  
 Acho que aqui na Terra  
 Estou terminando a minha meta  
 Se tiver que nascer de novo  
 Queria voltar poeta.

Por meio do processo de *ressignificação da vida*, o idoso vislumbra o futuro de maneiras peculiares. Encontramos, nas entrelinhas de algumas falas, os anseios, os receios e os sonhos:

Olha, Gabriel, projeto a gente não faz, ele acontece! Eu penso assim! Está tudo na vontade de Deus. (Florides Maria de Freitas, pensionista, 60 anos)

Ah, viajar, continuar viajando, viajar bastante [...]. (Marivalda Alves de Almeida, aposentada, 55 anos)

Como idoso, ainda espero realizar muita coisa. Vitória da Conquista é uma cidade privilegiada porque tem professores [...], tem gestores que ainda nos dão certo apoio. Agora, como homem, como pai de família, eu acho que já cumpri o meu papel e muito bem! (Jairo Fonseca Ribeiro, aposentado, 65 anos)

Olha, eu não tenho muita coisa, não. O que eu pude fazer eu fiz e vou continuar nessa vida que eu estou levando. Não quero mais que isso! (Cláudio da Silveira Dias, aposentado, 80 anos)

Ter a minha saúde! É isso o que eu quero para mim! (Anna Amélia Ferraz Fontes, não beneficiária, 65 anos)

Pela idade e pelos problemas de saúde, eu vou continuando aqui mesmo, do jeito que está, mas nunca perdemos o sonho, não, sonho nós sempre temos [...]. (Zildinê Fernandes de Oliveira Souza, pensionista, 66 anos)

E eu não quero morrer agora, ainda quero fazer muita coisa aqui na Terra! Eu é que não quero saber de ficar dentro de casa, pensando na morte, eu vou pensar é no futuro. (Rosa Amorim Tavares, aposentada, 69 anos)

Que Deus me abençoe e me dê mais muitos anos, ainda, para ver a minha filha casar e me dar netos. (Euziza Alves Figueredo, aposentada, 70 anos)

Daqui para frente, eu não sei o que vai acontecer. Eu não espero vantagem, não. Eu espero viver. (Albertina Maria da Conceição, aposentada, 74 anos)



Olha, ter um dinheiro para fazer uma reforma em minha casa, aumentar mais um pouco a minha casa. (Alexandrina Gonçalves da Silva, aposentada, 77 anos)

Eu quero é sempre melhorar a minha vida daqui por diante! Eu também tenho um sonho que vou te contar. Tenho vontade de possuir uma sanfona e aprender a tocar. Se eu possuir, eu vou entrar em uma escola. (Maria Amaral Luz, aposentada, 67 anos)

O idoso, quando olha *adiante*, entre outras coisas, está buscando compreender a sua ação presente porque o futuro, a parte que lhe cabe, é o desdobramento da seqüência de *escolhas* e atitudes que são por ele adotadas diante do fazer da história da sua vida.

## CONCLUSÕES

Dentre as considerações a serem feitas para o fechamento deste trabalho, há de se mencionar que todo o processo foi conduzido dentro de um campo no qual a diversidade foi a sua maior marca. Essa característica conduziu o percurso da investigação por terrenos *movediços*, por ter a peculiaridade de não poder submeter o objeto de pesquisa, ainda que não tenha existido essa pretensão, aos simples esquemas de *explicação sistemática* em que fosse possível a construção de *equações* que pudessem *formatar* as respostas dentro de moldes definitivos. Trabalhar com esses *microcosmos*, esferas da vida e da percepção dos idosos, é trabalhar com singularidades, mesmo existindo tendências gerais e similaridades nas formas de o idoso administrar o aprendizado dos novos símbolos, trabalhados em seus *corpos* pela dinâmica do *estilo de vida* construído pelas políticas da Terceira Idade.

Uma das primeiras percepções neste trabalho foi a de que a população que iria ser investigada possuía peculiaridades que a diferenciava de idosos, ativos na Terceira Idade, apontados por pesquisas realizadas nos grandes centros, principalmente na região Sudeste. Nessas regiões que contrastam com o nosso campo, as construções das sociabilidades circulam entre os signos de uma sociedade forjada pelas relações urbanas, em grande parte pautadas pela dinâmica do *processo produtivo*, cujo compasso é um desdobramento da *lógica industrial*, de modo direto ou indireto. Nosso campo, de modo variado, é formado por pessoas que têm por referência de vida os elementos sociais, de modo mais contundente, das comunidades ditas *tradicionais* cuja estrutura tem a presença do aspecto *rural* muito marcado. Essa característica foi encarada, na pesquisa, como um *elemento chave* que foi cuidadosamente observado para se atingir uma melhor compreensão dessa população.

Partindo dessas particularidades regionais, foi percebido que as relações de trabalho vividas pelos idosos observados, ao longo do curso de suas histórias pessoais, circunscreviam referências de vida que os situavam como indivíduos pertencentes a uma sociedade. Nesse sentido, foi verificado que a presença das formas de *trabalho alienado*, muito comuns, caracterizadas pela falta de identificação do trabalhador e por seu caráter compulsório e *penoso*, é um elemento considerado pelo idoso em sua *revisão de vida* e que o conduz na construção de uma representação positiva da aposentadoria e da sua nova vida, experimentada a partir de seu convívio com a Terceira Idade. A vida na Terceira Idade é encarada por estes idosos como o fim do *martírio*, o início de uma vida de verdadeiras possibilidades de bem-estar e qualidade de vida. De modo próprio, os idosos observados que tiveram *experiências*

*positivas de trabalho* também constroem representações positivas acerca da Terceira Idade, pois encaram as suas participações nas atividades do programa como um meio *prazeroso* de *continuar na ativa*. Arriscaria dizer que a Terceira Idade, para eles, é quase uma *extensão* de suas vidas como *cidadãos produtivos*, contrariamente aos que vivenciaram o *trabalho alienado*, que demarcam a Terceira Idade como, de fato, o *início* de uma *nova vida*.

No âmbito das questões levantadas, no que tange ao *trabalho alienado*, temos imbricada a questão de *gênero*, trabalhada na pesquisa como uma das categorias de análise. As mulheres, maioria dos idosos do programa, em relação ao *trabalho alienado*, somam o fato de que, muitas vezes, as suas atividades, desenvolvidas ao longo da vida, sequer gozam do estatuto de serem categorizadas como *trabalho*. Muitas de suas *ocupações*, as relativas aos cuidados com os familiares, as *tarefas de casa* e etc, são invisibilizadas dentro da *lógica* do *processo produtivo*, não sendo valorizadas. Como pôde ser visto, na realidade das *comunidades tradicionais*, menos influenciadas pela industrialização, não é incomum as mulheres também vivenciarem a *violência* da sobrecarga de uma *jornada dupla*. O termo *jornada dupla* é, geralmente, utilizado para referir-se às *mulheres urbanas* que possuem certa independência financeira, que colocam em xeque a noção tradicional de divisão de papéis entre homens e mulheres, já que também são provedoras. Vimos que essa lógica não é tão diferente assim, como se pode pensar, nas localidades menos industrializadas. As mulheres observadas, em suas múltiplas realidades, são provas disso. Elas, além de dedicarem suas vidas aos cuidados dos seus familiares e à gestão da casa, também participam, ativamente, na construção da vida familiar ao lado, ou não, dos homens, indo para a lavoura, ajudando a construir a casa, costurando, lavando roupas, dentre outras atividades, chamadas *complementares*.

A questão da corporeidade, em se tratando das mudanças observadas nos idosos freqüentadores do programa, veio à tona, também, a partir da discussão da categoria *gênero*. A observação sugeriu que os idosos, ao longo do desenvolvimento das atividades, vão *se soltando*, em termos corporais, vão escapando da noção de que *corpos velhos* são, necessariamente, *mais lentos*. Além disso, no processo, observou-se uma busca dos idosos pela *autonomia de seus corpos*, num sentido mais profundo. As mulheres, que, em geral, possuem experiências de *repressão corporal*, vêem na Terceira Idade o meio de reconquistarem a sua *autonomia corporal*, abrindo possibilidades antes impensáveis, como a de poder falar, publicamente, dos assuntos referentes às suas sexualidades de modo mais aberto. Neste ponto, temos de ter o cuidado de colocar que essa dita *liberação corporal*, considerando seus limites, deve-se, consideravelmente, ao conjunto de discursos difundidos

na sociedade, conseqüência de transformações cumulativas que a sociedade ocidental vem passando há algumas décadas (Movimento Feminista, Movimentos das Minorias Étnicas, Movimento Gay, etc). Entretanto, é verificado, por esta e outras pesquisas, tendo elementos empíricos, que o engajamento do idoso na Terceira Idade torna estas questões muito mais *vivas*, comparando-o ao idoso não *engajado*. O envolvimento grupal proporciona o compartilhar de experiências, desencadeando uma maior *reflexividade* do idoso, o que lhe dá, de certo modo, suporte para aplicar determinadas mudanças de pensar e de agir.

As relações dos idosos com seus familiares também passam por consideráveis transformações que podem afetar a dinâmica das relações familiares de muitas formas. Foi verificado que o programa incentiva os idosos a terem uma maior *independência* com relação às suas famílias, no sentido de que devem ser poupados de certas obrigações. Vimos que o discurso reinante é de que o idoso, neste momento de sua vida, deve concentrar as suas energias para *aproveitar a vida*, pois tem o direito de gozar as merecidas *férias* após uma vida de *contribuições sociais*. Nesta questão, foi observado que isso pode gerar *tensões* que obrigam o idoso a se posicionar, já que, muitas vezes, essa *cartilha* da Terceira Idade frustra as comodidades e expectativas dos familiares frente aos idosos. Essa *tensão* que muitos destes idosos têm que vivenciar é *administrada* de variadas formas. Um fator de peso nesta questão é a realidade familiar de cada idoso, principalmente em relação à condição das necessidades materiais de seus filhos e netos. Não foi constatada, pelos dados levantados, nenhuma postura *radical*, seja do idoso assumir o ônus de *dar as costas* aos familiares que são, de um modo ou de outro, seus *dependentes*, seja do idoso *confrontar* essa *prescrição* do programa, ou mesmo ignorá-la. Assim, os idosos, realmente, *administram* os dois lados, pois continuam sendo, quando é o caso, o *suporte* de suas famílias, embora adquiram uma atitude mais afirmativa com seus familiares, tornando-se menos passivos. Eles passam a dar uma atenção maior às suas próprias necessidades que, em muitos casos, estavam sendo negligenciadas por conta das suas excessivas, talvez, *doações familiares*.

A *cidadania*, como discutimos, é trabalhada no programa de maneira espontânea, não obedecendo a uma sistematização a partir de um projeto que integre as atividades. Entretanto, a todo instante, são reforçadas para os idosos as questões que perpassam a conscientização de direitos e deveres, principalmente dos direitos, enfatizando a necessidade e legitimidade do ato de *cobrar*, constantemente, da sociedade melhoria das suas condições de vida.

A partir de todo o aprendizado proporcionado pelo programa ao idoso, acontecem as *revisões de vida*, as *ressignificações* que desenham novos contornos identitários para os idosos. Nesta questão, o programa não fugiu da regra em relação às outras pesquisas

apreciadas, pois, no processo, constatamos que se constrói, no geral, um sentimento de *jovialidade* que é *incorporado* pelo idoso, assim como a sensação de *capacidade* e o aumento da auto-estima, pautados pelas novas referências instituídas para a vida. Há, de fato, a criação de um *novo estilo de vida* cujo objetivo maior é a conquista do *bem-estar*.

Essa pesquisa, muito mais que lançar certezas, pretende demonstrar o quanto a complexidade das questões trabalhadas exige maiores empreendimentos científicos para poder desvelar seus meandros. Estudos de caso como este são demonstrativos de que a *diversidade* no campo das estruturas das relações sociais é algo concreto e de grande vastidão. Partindo deste modesto estudo, podemos reforçar a premência de estudos acerca do envelhecimento em sociedades diversificadas, para que se vislumbre um panorama mais próximo da multiplicidade das *realidades existentes* no âmbito nacional. A partir disso, o poder público, por meio de sua ação, pode, talvez, melhor gerenciar o *envelhecimento*, de modo a criar estruturas que, de fato, dêem suporte para a promoção do *bem-estar* e da *dignidade* de seus *tutelados*, ou melhor, de seus *cidadãos*. Além de poder servir, quem sabe, como meio de reflexão para a práxis dos grupos de idosos engajados na Terceira Idade.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ALENCAR, Francisco; et al. **História da sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Editora ao Livro Técnico, 1985.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC S.A., 1981.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Sexo e Envelhecimento. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.85-108.

BELTRÃO, K. I.; MÉDICE, A..**Seguridade social no Brasil: histórico e perspectivas**. Genebra: OIT, 1993.

BRASIL. **Informe nacional brasileiro**:Elaborado para a IIº Assembléia Mundial sobre Envelhecimento. Madri, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. **Desenvolvimiento de la ciudadanía en Brasil**. Pedregal de Santa Teresa: El Colegio de México, 1995.

DELGADO, G.; CARDOSO Jr., J. C.. **A universalização dos direitos sociais no Brasil: a previdência rural nos anos 90**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

DE PAULO, Antonio (org.); et al. **Estatuto do Idoso: lei 10.741/2003**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BELTRÃO, K. I.; PINHEIRO, S. S.. A Constituição de 1988 e o acesso da população rural brasileira à seguridade social. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos sessenta**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p.321-352.

BOSI, Ecléa. **Memória de velhos: lembranças de velhos**. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos Del “sexo”**. Buenos Aires:Piados, 2002.

CARDOSO, Doris de Moraes. **O significado e a percepção de ser idoso**. 2003. 77 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Os novos idosos brasileiros: muito além dos sessenta**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p.1-22.

COSTA LIMA, Gabriel Azevedo. **Os movimentos sociais da Terceira Idade e a vida na aposentadoria**: um estudo sobre velhos aposentados que participam de grupos da Terceira Idade do programa *Vivendo a Terceira Idade*, da prefeitura de Vitória da Conquista. São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2005. 22f. Projeto de Pesquisa.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EdUSP/FAPESP, 2004.

\_\_\_\_\_. O remapeamento do curso da vida. In: ANPOCS, 1993, Caxambú.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2004.

DURKHEIM, Emile. **A divisão do trabalho social**. Lisboa: Editorial Presença, 1991. vol.2.

ECKERT, Cornelia. Da duração contínua à Dialética da Duração. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, Donna M. (orgs.). **Políticas do Corpo e o Curso da Vida**. São Paulo: Editora Sumaré, 2000. p.153-166.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**: seguido de “Envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FEATHERSTONE, Mike; HEPWORTH, Mike. Envelhecimento, tecnologia e o curso da vida incorporado. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, Donna M. (orgs.). **Políticas do Corpo e o Curso da Vida**. São Paulo: Editora Sumaré, 2000. p.109-132.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artemed, 2005. 4ª edição.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 10ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GROISMAN, Daniel. A velhice entre o normal e o patológico. Revista: **História, ciência, saúde- Manguinhos**. Rio de Janeiro, vol. 9, n.1, p.61-78, jan.-abr. 2002.

- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (org.). **Infância e Velhice**: pesquisa de idéias. Campinas: Editora Alínea, 2003.
- HADDAD, Eneida G. de Macedo. **O direito à velhice**: os aposentados e a previdência social. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.
- HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções**: 1789:1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- IANNI, Octávio. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- JOHNSON, Allan G.. **Dicionário de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- LIMA, Mariúza Pelloso. Reformas paradigmáticas na velhice do século XXI. In: KACHAR, Vitória. **Longevidade**: um novo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, 2001. p.15-26.
- LOPES, Ruth Galehrter da Costa. **Saúde na velhice**: as interpretações sociais e os reflexos no uso do medicamento. São Paulo: EDUC, 2000.
- MARCUSE, Herbert. **Cultura e Psicanálise**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos**. Tradução José Carlos Bruni. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- MASCARO, Sonia de Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (coleção Primeiros Passos).
- MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer**: histórias, encontros, transformações. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MOTTA, Alda Brito da. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.109-144.
- NERI, Anita Liberalesso. Reminiscência e Revisão de Vida na Vida Adulta e na Velhice. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, Donna M. (orgs.). **Políticas do Corpo e o Curso da Vida**. São Paulo: Editora Sumaré, 2000. p.167-185.
- OLIVEIRA, F. E.B. de; et alli. O idoso e a previdência Social. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Os novos idosos brasileiros**: muito além dos sessenta. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p.411-426.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers; HEILBORN, Maria Luiza; BARROS, Miriam Lins de. Família Geração e Cultura. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.7-8.
- PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges (orgs.). **História da vida privada**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.121-186.



PACHECO, Jaime Lizandro. **Educação, trabalho e envelhecimento**: estudo das histórias de vida de trabalhadores assalariados. 2002. 140 f. Tese (Doutorado em Educação, área de concentração em Gerontologia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA. Programa Vivendo a Terceira Idade: 10 anos. **Conquista Cidadã**. Vitória da Conquista, p.01-04, nov., 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA. **Programa Vivendo a Terceira Idade**. 2005. Disponível em:  
<[HTTP://www2.pmvc.com.br/indexNoticiasEsataticas.jsap?area=07&subarea+44codItem+0](http://www2.pmvc.com.br/indexNoticiasEsataticas.jsap?area=07&subarea+44codItem+0)>.

PREHN, Denise; MATTOS, Flora Bojunga. O que eu fui, o que eu sou: trabalho e remuneração na vida atual da mulher idosa. **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**. Porto Alegre, vol. 4, p.43-59, 2002.

SABOIA, João. Benefícios não contributivos e combate à pobreza de idosos no Brasil. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Os novos idosos brasileiros**: muito além dos sessenta. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p.353-410.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. In: **Projeto história São Paulo**, fevereiro de 1998, p.297-325.

SILVA, Flávia Pereira da. **Crenças em relação à velhice**: bem-estar subjetivo e motivos para freqüentar a Universidade da Terceira Idade. 1999. 77f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SIMÕES, Júlio Assis. Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.25-56.

STANO, Rita de Cássia. **Identidade do professor no envelhecimento**. São Paulo: Cortez, 2001.

**ANEXOS**

## DIÁRIO DE CAMPO

**VIVENDO A TERCEIRA IDADE EM VITÓRIA DA CONQUISTA:** um estudo de caso acerca do impacto do programa da Terceira Idade da prefeitura municipal de Vitória da Conquista em seus idosos

Observação Participante com os grupos do Programa Vivendo a Terceira Idade (Prefeitura de Vitória da Conquista – Ba)

**2006**

### **15 de fevereiro (quarta-feira)**

Fui na minha primeira reunião de um dos grupos do Programa, que ao todo somam oito grupos. O grupo visitado foi o Grupo Primavera, do Bairro Ibirapuera, também chamado de grupo do Seminário, por razão do local em que se realizam os encontros (todas quartas-feiras), acontecer justamente em uma sala do antigo e tradicional Seminário da cidade.

Interessante ressaltar que pelo que pude observar e também pelas conversas informais, travadas com Ivone (coordenadora), uma parcela considerável dos idosos participantes dos grupos (principalmente das mulheres, que são maioria) também são membros ativos de grupos ligados às atividades realizadas pelas paróquias da cidade.

As reuniões realizadas nos grupos, nesta semana específica, que é a primeira após o recesso estabelecido pelo Programa por conta do carnaval, tiveram como pauta a finalidade de realizar uma avaliação coletiva com os idosos, acerca das atividades do Programa em 2005, além de fazer um levantamento de sugestões para 2006.

De início, em razão do pedido de Ivone, sentei-me ao lado dos coordenadores da reunião (a própria Ivone e Nalva, funcionária do Programa). Fui apresentado, sendo dito meu nome e a minha finalidade de estar ali, dizendo apenas que eu iria

*realizar um estudo pra faculdade*. Na minha impressão do momento, pareceu que a notícia gerou certa satisfação de alguns, apesar de não saberem direito que estudo era este. Ivone disse ainda que não se preocupassem, pois eu não faria exposição, em meu trabalho, ou mencionaria o nome de ninguém sem a prévia autorização da pessoa. Os olhares, bastante curiosos transitavam com cumplicidade. Uma senhora ao lado me dava as boas vindas com certa timidez.

Observei que dos 20 idosos participantes, aproximadamente, apenas dois eram homens. Sendo que um me dava a impressão de estar mais confortável de estar ali, enquanto o outro, aparentava ser mais arredio e um pouco tenso com relação ao grupo.

Quando começa a avaliação do grupo e Ivone perguntou, de modo geral, o que eles identificam como um dos problemas maiores daquele grupo em questão, uma senhora disse espontaneamente, mais ou menos assim: “Acho que aqui ta faltando mais amizade, tem gente aqui que quando acaba a reunião corre para pegar o ônibus sem se despedir de ninguém (...). Parece que é para não dar ousadia. Agente quando procura a terceira idade é à procura de amizade (...) Mas, quem quer ter amizade com velho? Por isso, é que quem gosta de mim sou eu, faço questão de me cuidar. Um rapaz do banco me chama carinhosamente de *cheirosa*. Mas, isso é porque eu me cuido!”. A fala da senhora causou certa indignação nas demais. Uma chegou a sugerir que o problema não é do grupo, e sim dela que não é simpática com os demais. Quando ela tenta revidar Ivone contorna a situação passando para outro ponto da pauta do encontro.

Ivone alerta o grupo de que precisa haver maior entusiasmo, pois segundo ela este é o grupo mais *devagar* do programa, cuja frequência dos idosos é mais fluida e falta iniciativa dos mesmos.

A reunião seguiu discutindo os itens da avaliação do grupo. Ivone disse estar preocupada com idosos que estão deixando de participar das viagens do grupo, por razão da família exercer certa “exploração”, não deixando que o idoso goze livremente de seus rendimentos, em função da *carga familiar*, por demais pesada, que lhes são “impostas”. Em reação ao comentário muitos sacudiram a cabeça em concordância, enquanto outros olharam mudos para chão. Ivone diz, ainda, que aqueles que não têm rendimentos devem tentar contar com a colaboração dos filhos

e familiares, gerando o seguinte comentário de uma senhora: “O problema é que filho já tem filho. Como é que eu posso pedir alguma coisa assim?”.

Seguem os informes para 2006. Ivone informou que dois dos monitores não trabalharão este ano, o que gera grande decepção, dando a entender que eram bastante apegados a eles. Idosa chega a dizer que os que virão no lugar deles devem ser carinhosos e animados como eles.

A reunião acaba. Muitos dos idosos vieram se despedir de mim e perguntam se eu continuarei indo ao grupo. Digo sim e vou embora após despedir-me.

### **17 de fevereiro (sexta-feira)**

Visitei o grupo do bairro Alto Maron (Grupo Esperança). A reunião realizou-se em uma sala cedida pela paróquia da Igreja de São Miguel.

Curioso que quando fui para sede do Programa, no centro da cidade, com a finalidade de pegar a Kombi da prefeitura para ir com o pessoal (coordenadores) no bairro do encontro, comentaram que o grupo a ser visitado tinha como características o tamanho, enorme, cerca de 90 inscritos, e o fato de seus membros serem bastante atuantes e polêmicos.

Compareceram, até o momento em que contei, 33 idosos, sem considerar os retardatários. Olhavam-me com bastante curiosidade, cochichavam, riam, além de alguns desejarem, espontaneamente, as boas vindas para mim.

A reunião, assim como a passada, também foi para fazer a avaliação conjunta do Programa no ano que havia passado. Muitas das falas repetiram-se, como: frisar a necessidade de autonomia que o grupo deve construir, para não ficarem dependentes dos monitores, etc.

Nessa reunião eu combinei com Ivone para não sentar ao lado dela, explicando que isso poderia marcar ainda mais a minha distância com eles, e meu objetivo era *me misturar com eles ao máximo*.

Na avaliação dos monitores eles queixaram-se de um que tinha perdido a paciência, em dado momento em que faziam barulho na hora da explicação de uma atividade. Idosa diz: “Sei que idoso tem hora que é igual a menino, ou pior, mas, tem que ter paciência e ser alegre com agente. Eu gosto dessa pessoa, mas conhecendo as pessoas aqui como conheço, sei que ela acabou comprando a

antipatia de muita gente aqui!” No momento desse comentário, a idosa que o faz se emociona, falando com voz embargada e mãos trêmulas.

Percebi que eles se orgulham com essa identidade que têm de serem animados e chegados em travar acaloradas discussões.

A identidade de *idoso*, dá para perceber, que já está bastante introjetada no grupo, pois referem-se a si, aos companheiros e ao grupo como *idosos*. A minha impressão é que o uso da expressão *idoso* por eles, para se auto denominar, acontece com muita fluidez ou mesmo automatismo, o que acredito configurar: a *naturalização* desse conceito contemporâneo, através do seu uso político trabalhado nesses programas de terceira idade, dotando a velhice e o envelhecimento de novos significados.

## **21 de fevereiro (terça-feira)**

Hoje foi realizado o baile de carnaval na sede do Programa, que fica no centro da cidade. O evento reuniu, neste dia específico, três dos grupos, uma vez que o local não acomoda todos os grupos do Programa, que juntos somam um total de aproximadamente 500 integrantes. Os grupos do dia foram: o Grupo Feliz (bairro Patagônia), o Grupo Amizade (bairro Jurema) e o Grupo Renascer (bairro URBIS VI). Os demais grupos seriam contemplados nos seguintes dois dias do evento.

A atividade programada para o baile foi basicamente o envolvimento lúdico espontâneo com os idosos, com músicas (antigas marchinhas e melodias carnavalescas contemporâneas), danças e comidas leves (refrescos e frutas). A monitora Paula, juntamente com a coordenadora Ivone, dançavam com desenvoltura, convidando com entusiasmo os idosos a participarem da folia, com muito jeito, sem obrigá-los. Pude observar que dos idosos presentes cerca de cinquenta por cento dançaram sem parar, com brevíssimos intervalos para um suco e uma fatia de laranja ou melancia. A outra metade dos velhos curtiam a festa sentados, conversando, tendo um ou outro que dançava um pouco e tornava a sentar.

Neste dia fiquei filmando e tirando fotos, o que chamava um pouco a atenção de todos. Achei prudente, inclusive, dar intervalos e tentar ser o mais discreto possível para não inibi-los. Muitos ainda não me conheciam e perguntavam aos outros quem eu era, quando não faziam a clássica pergunta se eu iria ser monitor

deles, e eu dizia: “Não, eu só estou realizando um estudo sobre o Programa.” Vale ressaltar que eles me viram ajudando em alguns detalhes da festa, como: tentar fazer o som funcionar, já que o técnico não estava presente; pegar com os coordenadores os bancos, etc.

Um fato chamou-me bastante atenção, que foi o de ninguém (dos idosos) me chamarem para participar das danças. Creio que o fato de estar manipulando uma câmera portátil digital, registrando tudo e todos, tenha criado, neste momento, uma imagem mais formal, acerca da minha presença ali.

Foi extremamente prazerosa a conversa que tive com o Sr. Cláudio, o *poeta* do Programa, que recitou para mim, de memória, vários de seus poemas. Os poemas tratavam basicamente das *coisas do sertão*, como ele próprio dizia, além das coisas corriqueiras da vida. Tudo com muita métrica e rima, conferindo muita musicalidade aos poemas. O simples fato de demonstrar atenção e satisfação ao ouvi-lo, fazia com que o Sr. Cláudio contasse suas história e declamasse seus poemas com muita ênfase e satisfação. Ao final de nossa conversa ele prometeu-me entregar escritos de seus preciosos poemas.

E assim foi este encontro: registros de imagens e ricas conversas, infelizmente não tive a desenvoltura de misturar-me um pouco mais com eles e, também, cair na dança.

### **8 de março (quarta-feira)**

Hoje participei da atividade contínua *Contador de Histórias*, ministrada pela monitora Paula (estudante de pedagogia) todas as quartas na sede do Programa.

Segundo conversas informais com a monitora as atividades buscaram criar um grupo de convivência entre idosos, para compartilhar da forma mais livre possível as experiências de cada um. Os idosos são motivados a contarem as suas histórias de vida, podendo ser relatos de casos passados isolados, o panorama de suas trajetórias, ou mesmo, contos ouvidos, *causos*, poemas, músicas de roda e, até mesmo, anedotas. Os relatos são gravados por meio de fitas, além de ser incentivado, aos que sabem escrever, passar para a linguagem escrita suas histórias. Há uma possibilidade de publicação destes escritos, o que os motiva ainda mais. Vale colocar, que os *contadores de história* do grupo são, freqüentemente, convidados a participar de eventos (em Universidades, escolas, teatros, etc),

contando publicamente suas histórias. O que é muito apreciado por alguns, que aguardam com grande expectativa estes momentos.

A atividade é sempre realizada numa sala pequena, o que de certa forma cria uma atmosfera de intimidade. Havia um número pequeno de idosos que participaram, considerando a quantidade de idosos inscritos no Programa. Os participantes eram, tirando eu e a monitora, três mulheres (Maria, Marinalva e Tereza) e dois homens (Cláudio e Jairo). Estes dois senhores são bastante freqüentes no Programa, sendo um o poeta (Sr. Cláudio) e o outro (Sr. Jairo) conselheiro do Conselho do Idoso.

Sou apresentado pela monitora, que esclarece sobre a minha pesquisa. Como parte do protocolo digo a eles para não sentirem-se intimidados com a minha presença, já que eu só fazia menção ao que fosse permitido, preservando a identidade e integridade dos que ali estavam compartilhando de suas experiências. A reação geral, ao ter colocado isso, é de muita gentileza, dizendo que eu ficasse à vontade. Uma senhora chega a dizer: “Estamos ficando é muito chiques!” .

Paula inicia a atividade pedindo para que o senhor Cláudio declame um poema de sua autoria, o que ele faz com muito prazer, sendo seguido de palmas dos que ouvem. Seu poema é sobre o *homem sertanejo*. Em seguida Dona Maria lê, escrito por ela própria, um acontecimento de sua vida em tom romanesco.

Em certo momento a reunião se dispersa um pouco, com conversas paralelas, parecendo *colegiais*. Paula retoma a “ordem”, fazendo com cada um conte alguma experiência. O Sr. Cláudio pede com certa ansiedade para falar. Paula explica que tem outros idosos tentando falar já há algum tempo e pede paciência.

Quando a reunião termina o Sr. Cláudio me entrega o poema que havia prometido, sobre a *Terceira Idade*.

Falo com todos e vou embora.

*P.S: o relato desse dia ficou de certa maneira pouco detalhado, por conta da minha negligência de ter deixado para escrevê-lo depois, e ter esquecido muita coisa. Daí senti na pele a necessidade de se ter uma disciplina espartana, quando trata-se, principalmente, do Diário de Campo.*



## 9 de março (quinta-feira)

Permitiram que eu participasse, como ouvinte, de uma reunião extraordinária do *Conselho do Idoso*, realizado à tarde na sede do Programa. O Conselho em questão agrega representantes da maioria das instituições, governamentais ou não, que lidam com os idosos do município de alguma forma (Programas da Terceira Idade, SESC, albergues, etc).

Bom destacar que alguns dos conselheiros são idosos que participam dos grupos, tendo voz e voto nas questões levantadas nas reuniões.

A pauta da reunião, muito diversa, teve alguns pontos que me chamaram mais a atenção, como por exemplo: a idéia de se criar comissões para cuidar de questões estratégicas, tais como, visitas aos idosos que deixam de comparecer ao Programa ; visitar as empresas de transporte coletivo da cidade, com a finalidade de fazerem cumprir o *Estatuto do Idoso*, em razão de denúncias de que os funcionários da empresa estariam sendo intolerantes e desrespeitosos com os velhos; etc.

Quando discutiam acerca da falta de cumprimento ao *Estatuto do Idoso* no município, sendo dado inúmeros exemplos pelos conselheiros, o Sr. Jairo (idoso, deficiente visual, integrante ativo do Programa) relata um acontecido pessoal. Conta ter sido desrespeitado no INSS, pois queriam que ele enfrentasse uma enorme fila para ser atendido. Isso o obrigou a falar firme e exigir ser atendido de imediato, completando com o seguinte comentário: "Cidadania não se ganha, se conquista!".

Dos quinze conselheiros participantes da reunião observei que sete eram pessoas com mais de sessenta anos de idade, sendo três delas (dois homens e uma mulher) idosos do Programa.

O conselheiro representante do albergue Nosso Lar, tradicional na cidade, contou casos acerca do acolhimento de idosos na instituição e a relação delicada com as famílias. Expõe casos em que os familiares não gostam de terem seus velhos acolhidos no albergue por razões financeiras, já que muitas vezes a aposentadoria deles é a principal fonte de renda de toda a família. Por conta disso, diz o conselheiro, não são incomuns as chantagens familiares que objetivam convencer o idoso a retornar ao ambiente familiar.

Saio antes de terminar a reunião, por razão de precisar pegar meus filhos na escola.

### 13 de março (segunda-feira)

Visitei o Grupo Feliz (bairro Patagônia), que aconteceu, novamente, na sala de um paróquia.

A líder desse grupo é a senhora Lidinalva Novaes Santos. Ela é quem toma a frente das questões de organização e representação do grupo (organiza as faxinas na sala de reuniões, verifica quem está faltando e o motivo, além de ser a porta-voz dos idosos para com a coordenação do Programa).

Assim que chegamos, na Kombi da prefeitura, e entramos na sala, os idosos que enchiam um amplo salão bateram palmas assim que viram a monitora Paula e a funcionária Nalva. Fomos de imediato verificar se havia uma tomada para poder ser realizada a dinâmica programada para o dia, pois era a primeira vez que a reunião aconteceria naquele espaço.

Contei nesse dia a presença de 43 idosos, só me esqueci de verificar a quantidade de homens *naquele mar de mulheres*. Lembro que havia entre 3 e quatro, sendo que um era novato, juntamente com duas senhoras.

Ao ser apresentado e me apresentar, todos bateram palmas alegres e desejaram as boas vindas. A esta altura eu já não era tão novidade assim, já travara conhecimento com alguns que estavam ali. Os conheci nas minhas idas à sede do Programa, no encontro dos contadores de história, na reunião do Conselho, etc.

No início da reunião é dado alguns informes, inclusive acerca de questões discutidas no último Conselho. Neste ínterim, idosos reclamam de maus tratos sofridos nos ônibus coletivos da cidade, contando experiências de desagravo. A monitora os orienta que nunca deixem de fazer reclamações nestes casos.

Dona Avenita, que também frequenta a atividade *Contador de Histórias*, é convidada por Paula (monitora) a contar uma de suas histórias. Ela (Avenita) levanta dizendo que se lembra melhor *das coisas* em pé, e que andar para se divertir contando a história. Conta uma história de estilo *fantástico* acerca de um filho que assassina o pai e vira uma flauta. Toda a sua história é intercalada por canções, o que emociona a todos. No final ela é aplaudida e senta orgulhosa.

Chega o momento de realizar a dinâmica que é a seguinte: todos amarram uma bola de soprar vermelha no tornozelo e dançam ao som de uma música animada, escolhem um parceiro, quando a música termina todos têm que defender sua bola e tentar estourar a do parceiro. Para encher as bolas nós temos que ajudar

muitos dos idosos que não conseguem o fôlego necessário para inflá-las. A senhora que faz par comigo estoura a minha bola sem dificuldades, pois fico meio sem jeito e com medo de machucar o seu pé.

A brincadeira termina com todos risonhos e ofegantes. No meio da atividade flagrei uma senhora que vai embora reclamando que não poderia participar por razão de não ter “pernas boas”, saindo da sala com expressão chateada.

Para terminar o encontro todos fazem um breve *relaxamento*, ao som de uma música suave todos alongam (movimentos simples e leves) e respiram cadenciadamente. Por fim, todos dão as mãos formando um grande círculo e correm até o centro dando um forte grito.

Todos ajudam a catar a sujeira deixada no salão.

Nos despedimos satisfeitos. O fim da tarde estava chuvoso e uma senhora do grupo nos leva ao carro protegendo-nos com o seu guarda-chuva.

#### **14 de março (terça-feira)**

Visitei o Grupo Viva a Vida (bairro Guarani). A reunião foi realizada em uma sala do Colégio Diocesano, mais uma vez um espaço ligado à igreja católica. Por razão das fortes chuvas que caíam na cidade esta semana, em especial neste dia, a frequência foi bastante reduzida. Dos 56 membros deste grupo só apareceram oito pessoas, não tendo inclusive a presença de nenhum homem.

Sou apresentado embora alguns já haviam feito contato comigo, nas minhas idas na sede.

A ausência em massa dos integrantes foi observado por idosa, com uma boa dose de reprovação, comentando: “Quando tem festa vem todo mundo, faça chuva ou sol !”

Mais uma vez, embora em tom informal, pois não estava na pauta do encontro, foi discutido acerca dos maus tratos aplicados aos idosos pelas empresas de transporte coletivo da cidade. Todos reclamam com veemência e indignação, fazendo relatos pessoais e de episódios acontecidos com pessoas conhecidas que corroboram a falta de respeito dessas empresas. Senhora chegou a mencionar o fato de ter falado severamente com um motorista, que não havia tido paciência de esperar que ela entrasse no ônibus, acelerando.

No dia Ivone direcionou um debate sobre a *mulher*. Diante da pergunta: “Pra vocês o que é ser mulher?”; a discussão fica acalorada. As respostas são inúmeras e pontuais: “ É tudo.” ; “É responsabilidade!” ; “É ter personalidade de mulher, ter responsabilidade, ser mãe!” ; “Cuidar do marido.”.

Idosa disse que tinha saudades do marido, que *cuidava*.

Ivone perguntou se a vida das mulheres “mais antigas” eram melhores, elas dizem: “ Não elas não tinham liberdade!” ; “Não tinham as facilidades de hoje!” ; “Meu marido não me deixava trabalhar!” ; “Hoje nós temos mais liberdade!” ; “Hoje eu tenho amigos, eu sou feliz, sou livre (...)!”.

Em função da discussão certa idosa contou, com desenvoltura, de sua experiência triste de ter sofrido agressões físicas do marido. Tal atitude reverbera com a atenção e silêncio de todos.

A conversa acaba por chegar nos assuntos da sexualidade, após termos comentado sobre as transformações ocorridas na sociedade com a “emancipação” feminina e a revolução sexual. O tema gerou certa agitação e revelou o lado *faceiro* de muitas idosas. Uma brincou com a outra, embora relate algo que realmente aconteceu, acusando-a de ter *roubado o namorado*. Já outra idosa exibiu um preservativo. Outra, surpreendentemente, lamenta “*nunca ter conhecido um motel*”. Uma idosa relata: “Eu conheço uma mulher que nunca fez um exame ginecológico, porque o marido não deixa!”.

Eu perguntei para elas, idosas, quais eram as suas opiniões acerca do porquê dos homens participarem bem menos que as mulheres dos grupos da Terceira Idade. Uma apenas respondeu, e as outras concordam sacudindo as cabeças: “Homem não quer assumir que é velho, por isso não frequenta a Terceira Idade.”.

Fizemos um relaxamento (alongamento com música suave) e a reunião terminou.

## **22 de março (quarta-feira)**

Participo de mais uma reunião da atividade *Contador de Histórias*, que acontecem na própria sede do Programa.

Neste dia o senhor Jairo me contou acerca de histórias das famílias de Tremedal, cidade do sertão baiano. Essa conversa se passa antes mesmo do início da reunião.

Nesse dia conto com a presença de nove idosos, sendo apenas dois homens, os de sempre, o senhor Jairo e o senhor Cláudio.

Paula, a monitora ministrante da atividade, cumprimentou todos com alegria. Ela me perguntou porque eu sumi. Explico que precisei realizar viagens para resolver questões pessoais, na semana passada.

A monitora se desculpou com Rosa (idosa) pelo fato de não ter conseguido ir visitá-la para verificar porque ela tinha parado de freqüentar as reuniões. Rosa agradece a preocupação, com certa timidez.

Este dia coincidiu com o aniversário da monitora. Sendo comunicado por ela própria sem embaraço.

Paula lê o poema do Sr. Cláudio a pedido dele, que justifica estar sem óculos. O poema trata-se de uma ode à raça negra. Todos aplaudem e começa uma discussão coletiva sobre o racismo na sociedade brasileira. Contribuí um pouco falando da dificuldade do brasileiro assumir a sua mestiçagem. O Sr. Jairo conta um pitoresco caso de um antepassado seu, um negro forro que se casara com uma moça branca. Dona Avenita conta, como caso verídico, uma história que justifica a abolição da escravatura pela princesa Izabel. Segundo a história da Sra. Avenita a princesa Izabel teria tido um filho metade gente e metade macaco, por isso ela se solidarizou com os negros.

O Sr. Cláudio declama uma poesia em homenagem à Paula, comovendo-a muito.

O fim da reunião é marcado por uma descontraída comemoração, ao sabor de chá de goiaba e biscoitos caseiros.

## **28 de março (terça-feira)**

Fui fazer uma visita ao Grupo Renascer (bairro URBIS VI), infelizmente não ocorreu a reunião por conta do falecimento do filho de uma vereadora da cidade.

Quando cheguei ao local perguntei para uma mulher que se encontrava em frente acerca da reunião. Ela me levou à casa da Sra. Flora que me explicou toda a situação, do motivo de não acontecer a reunião naquele dia, além de conversamos bastante sobre o Programa e outros temas. Tudo essa conversa se passou na sala da casa da Sra. Flora.

Dona Flora além de elogiar bastante o Programa disse que o idoso precisa de movimento, ao invés de esperar a morte sentado. Disse ainda que adora viajar com o grupo e que não *larga* a Terceira Idade por nada.

Nos despedimos e ela diz que me aguardará para a próxima reunião.

### **29 de março (quarta-feira)**

Fui à sede do programa para observar uma atividade que aconteceria, a exibição de um filme. Infelizmente não pude ficar, em razão da sala ter ficado pequena para tanta gente.

O pouco que fiquei pude observar que os idosos gostam muito dessas atividades na sede. Acredito que uma das fortes razões é o fator *novidade*, considerando que eles encontram idosos de outros bairros, diversificando mais as suas relações.

### **3 de abril (segunda-feira)**

Não aconteceram as reuniões dos grupos do dia, nos bairros Patagônia e Jurema. O motivo foi o falecimento da senhora que chamavam de Dona Santa, participante do grupo do bairro Patagônia.

Fiquei sabendo pelo pessoal que representantes do Programa compareceram ao velório. Ivone contou indignada que parentes que “*nem lembravam que Dona Santa existia*” vieram agradecer a elas (representantes do Programa), dizendo que a parente falecida gostava muito da Terceira Idade. Foi lembrado, ainda, do caso de uma idosa que dizia não ter parentes, *estar só na vida*, que quando faleceu apareceram inúmeros parentes. Esses parentes, conta Nalva indignada, nunca deram a menor importância para a idosa em vida, que vivia uma realidade precária.

Ivone me libera neste dia as fichas de cadastro dos idosos para que eu faça a catalogação, somente às tardes, turno em que a sede do Programa está aberta.

Fico então de iniciar a catalogação, para construir a planilha que trace o perfil social dos grupos, ainda esta semana.

**5 de abril (quarta-feira)**

Faço meu primeiro turno no processo de catalogação das fichas. Levo as planilhas em branco para preenche-las à mão e depois passar tudo para o computador. Fico a tarde inteira nesta *labuta*, dividindo uma mesa com Nalva (secretária). Nalva, muito simpática, me ajuda a separar as pastas e disse que me ajudará no que for preciso.

**10 de abril (segunda-feira)**

Catalogação, mais uma tarde! A esta altura já estamos familiarizados e, inevitavelmente, sou confundido com os funcionários do Programa por muitos idosos e visitantes. Até dei o tradicional intervalo coletivo, às quatro horas, para comer canjica e tomar café. O trabalho é realizado em meio a conversas informais, sobre todos os assuntos imagináveis (de problemas pessoais domésticos até sobre o noticiário local do dia).

**11 de abril (terça-feira)**

Catalogação, no esquema já relatado.

**17 de abril (segunda-feira)**

Catalogação (...)

**18 de abril (terça-feira)**

Visitei o Grupo Renascer (bairro URBIS VI). Lembrando que na minha última tentativa de visita (dia 28 de março) a reunião não aconteceu.

A reunião, *para não fugir à regra*, foi realizada no fundo de uma igreja católica do bairro, em uma área de improvisado semi-coberta.

No dia quem compareceu para ministrar as atividades foi Graça, funcionária do Programa, assistente de Ivone. Graça justificou a ausência de Ivone dizendo que

ela estava resolvendo o problema das camisas dos idosos, para saírem no bloco da Terceira Idade na Micareta (carnaval fora de época da cidade).

Contei um total de 27 participantes, sendo 4 homens.

Graça me pediu que a ajudasse com as atividades do dia. Fui apresentado e também me apresentei, cumprimentando os que já conhecia.

São dados os informes do dia, que são basicamente sobre a próxima reunião, em que será realizado o aniversário coletivo dos aniversariantes dos últimos meses. Também é feita a relação dos idosos do grupo que estavam dispostos a participar do bloco na Micareta, para pegarem as camisas. A euforia é geral, o Sr. Geraldo chega a cantar marchinhas que rememoram os antigos carnavais.

Nós, eu e Graça, dividimos os idosos em dois grupos e organizamos uma brincadeira de mímica. Eles participam com alegria e muito senso de competitividade, vibrando a cada ponto conquistado, além de darem boas gargalhadas com as peripécias feitas com as mímicas pelos parceiros. Nessa atividade pude observar que a desenvoltura corporal, ao longo do processo, se dá de forma muito mais solta que eu imaginava, ou seja, não parecem “*corpos de velhos*” se movimentando (dada a agilidade e fluidez). Percebo que a minha concepção de *velhice* e de *velhos* ainda está cheia de arraigados preconceitos, que criam em mim expectativas estereotipadas pelo *senso comum*!

O encontro termina e muitos vão embora prometendo *fazerem e acontecerem* na festa da Micareta.

## **20 de abril (quinta-feira)**

Fui na sede do Programa para ajudar o pessoal a distribuir as camisas da Micareta.

Nunca havia visto a sede tão cheia. Foram feitas quatrocentas camisetas, distribuídas aos membros dos grupos do Programa, além dos idosos do SESC e da UNIMED.

Houve um certo tumulto na entrega das camisetas. Os idosos, embora tivessem feito as filas como recomendado, faziam muito barulho e muitos mostravam impaciência na espera. Eu fiquei encarregado de entregar as camisetas aos idosos dos outros programas, SESC e UNIMED. Muitos queriam cortar a fila e, até mesmo, uma senhora chegou a me pedir *em off* que pegasse para ela uma camiseta sem



ninguém ver (já que estava fora da fila). Quando eu disse a ela que não seria possível, que ela por gentileza esperasse um pouco, ela me fulminou com um olhar desaforado e sentou-se, até chegar a sua vez.

Por fim, foi um exercício de *paciência*!

## **21 de abril (sexta-feira)**

O “dia D”. O dia tão esperado por muitos idosos, que vinham na expectativa de saírem no bloco da Terceira Idade na Micareta.

Quando fui pegar o ônibus da prefeitura, no local marcado com os idosos do meu bairro (URBIS VI), eram exatamente cinco e vinte da tarde, o horário combinado fora às cinco e meia. No ponto já se encontravam vários idosos, em torno de quinze, todos com as suas camisetas de cor verde e adereços que lhes conferiam destaque e individualidade. Achei interessante que a estética construída pelas vestes, na maioria dos casos, retratavam com fidelidade os carnavais de suas *mocidades* (serpentinhas, perucas brilhosas, chupetas penduradas, mamadeiras, colares e pulseiras coloridas, maquiagens extravagantes, etc).

Os idosos da URBIS VI, embora bastante animados, entraram no ônibus bastante *comportados*. Quando o ônibus foi ao bairro da Patagônia, pegar os idosos de lá, a alegria foi geral quando os dois grupos se encontraram. Os idosos da Patagônia já entraram no ônibus cantando cantigas de roda, cantigas folclóricas e de São João. Todos acompanhavam com entusiasmo. Uma idosa começou a *puxar* marchinhas antigas de carnaval, dizendo que deixassem aquelas outras cantigas para o São João. A maioria concordou e a acompanhou.

O ônibus então seguiu para o bairro Jurema para pegar o restante de sua *cota* de pessoas. O ônibus lota, tendo muitos em pé, mas nem por isso desanimados. Bom ressaltar que haviam outros ônibus cobrindo os outros bairros.

Todos os grupos se concentraram no Parque de Exposição da cidade, local em que sairíamos com o trio, que transportaria a banda Seca Gás, especialista em músicas dos *velhos carnavais*. Demorou cerca de trinta minutos para que chegassem todos os grupos do Programa, mais os idosos do SESC e os da UNIMED. Ainda teve idosos visitantes, que não participavam de nenhum grupo de terceira idade, que foram convidados e pegaram suas camisetas na hora.

O tempo passava e nada do trio chegar, o que gerava grande impaciência em muitos e preocupavam os organizadores do evento, que tinham medo de que muitos dos idosos desistissem dado ao cansaço. Para quebrar um pouco a espera e dar energia foram distribuídas bananas e garrafas de água mineral.

Ivone comentou chateada que só a metade das pessoas que pegaram as camisetas foram participar, o que dava aproximadamente umas 200 pessoas. O que, de qualquer modo, deu para formar um grupo expressivo de foliões que chamava a atenção por onde passava, tanto por causa do número como por causa da animação.

Quando o trio despontou no horizonte da avenida a empolgação de alguns foi tanta que não se contiveram, indo ao encontro do *grande caminhão sonoro*, sem nem mesmo esperar que ele encostasse-se no local especificado. Para arrumar os foliões, *agitadíssimos*, dentro da corda de segurança, foi um trabalho e tanto. Eles só queriam, e a intenção era essa, dançar e *avançar*. Não tinham paciência para esperarem até ficar tudo organizado, só queriam seguir na avenida. Mesmo com a dificuldade tudo foi contornado e resolvido.

Ao longo do trajeto o que me chamou bastante a atenção foi a reação que o bloco causava nos transeuntes que assistiam ao espetáculo. Tinha de tudo, desde aquelas pessoas que olhavam com encantamento para os velhos, naquela situação, até pessoas que dava para ler o preconceito claramente em suas feições. O preconceito, arrisco a dizer, embora isso seja muito subjetivo para se afirmar, por ser uma impressão pessoal minha do momento, era de duas formas: os que achavam graça mas toleravam, por considerar ridículo ver velhos naquele estado, uma idéia meio que *infantilizadora da velhice* (que não consegue enxergar o idoso como pertencente do mundo adulto); e também aquele tipo de preconceito mais duro, que reprova esse tipo de exposição pública para as pessoas de idade, pois elas teriam de *se dar ao respeito*.

Nós da equipe de apoio, que organizava o evento, usávamos camisetas amarelas que contrastavam com as verdes dos idosos, embora a estampa fosse a mesma (máscaras coloridas, pintadas em alto relevo).

O trajeto durou cerca de uma hora, ou mais, difícil dizer (a nossa noção de tempo fica um pouco alterada). Os *camisas amarelas* dançavam e coordenavam os foliões. Paula e Tony (ex-monitor) faziam gestos e coreografias que eram copiados por todos que estavam próximos, o que gerava enorme motivação.

Tinham idosos de mais de oitenta anos até aqueles mais jovens, de cinquenta a sessenta anos de idade. Uma senhora, muito baixa e com uma escoliose acentuada, segundo me disseram, tinha mais de noventa anos. Ela *cumpriu*, sem problemas, todo o trajeto. Observei que todos lhe devotavam uma atenção especial de cuidados, oferecendo água sempre, afastando-a da corda para que não machucar-se seu corpo, etc

Ao fim do percurso do trio foi distribuído o lanche (sanduíche e refrigerante). Parte depois se dispersou, indo embora por conta própria (a maioria não paga a condução), parte aguardou o ônibus da prefeitura para serem levados aos seus bairros.

Não que eu esperasse isso, mas tenho que registrar, que dos duzentos idosos (aproximadamente) que participaram, não houve nenhum registro de *mal-estar* de nenhum deles. Bom ressaltar, que esta foi uma atividade que exige bastante esforço físico. Inclusive, presenciei jovens adultos que participaram queixando-se de estarem cansados ao final. Diferentemente dos idosos, que embora cansados, ainda não tinham perdido o clima de descontração. Isso no geral, claro!

Fui embora com o pessoal da equipe. A Kombi da prefeitura nos levou em casa. No trajeto de volta rimos e descontraímos muito, relembando a nossa recente experiência.

### **10 de maio (quarta-feira)**

Neste dia observei uma atividade na própria sede do Programa. Pela primeira vez participei da alfabetização ministrada pela professora Conceição, que leciona no município já há algumas décadas. Ela vem realizando este trabalho junto aos idosos do Programa desde o início da existência do mesmo (1997).

Encontravam-se apenas duas idosas para assistir a aula, as senhoras Laurita e Paulina. Dona Laurita, interessante ressaltar, participa do Programa juntamente com o seu esposo e a sua filha. O que confirma de modo peculiar a convivência entre gerações nas atividades.

Conceição me recebe com muita tranquilidade dizendo que eu posso assistir sua aula “sem nenhum problema”. As alunas, que já conheço por tê-las visto já

algumas vezes, embora nunca tivesse tido um contato mais estreito, me recebem com simpáticos sorrisos em suas feições.

A aula começa com Conceição desenhando um dado no quadro. Pede em seguida que soletrem devagar o nome do objeto desenhado no quadro. As duas soletram com muita concentração. As vogais são ensinadas recebendo o nome de *amiguinhas*. A professora demonstra, com muita calma, as particularidades das vogais e consoantes.

Ao longo da aula a concentração das alunas é tamanha que chegam a esquecer da minha presença ali.

Em determinado momento elas sorriem de modo descontraído, gozando o prazer de terem acertado o nome de algumas vogais e consoantes após Conceição tê-las testado, perguntado fora da ordem do alfabeto.

Embora não seja este o foco da minha observação, quero registrar que achei motivador a forma de ensino empregada com os alunos e a resposta dos mesmos. Segundo a própria professora, ela utiliza uma espécie de “método intuitivo” que tem dado certo, pois das vezes que tentou aplicar as propostas pedagógicas impostas pelas muitas coordenações do município pelas quais passou o resultado não teria sido o mesmo, de quando aplicava seu próprio “método”. Ela sempre motiva o aluno a indagar e de uma forma muito perspicaz leva o aluno a chegar “por si” às respostas.

Por fim a professora passou uma atividade de caligrafia e passou a conversar comigo, ficou por um bom tempo rememorando com desenvoltura a sua experiência como professora ao longo da vida. Disse com satisfação que era abordada freqüentemente por ex-alunos, dos quais muitos nem se lembrava mais, recebendo elogios e agradecimentos pela participação dela na formação deles. Disse que apesar de “árduo” o trabalho com os idosos era muito gratificante. Um ponto interessante que ela me relatou foi que a evasão, desistência dos idosos que começavam a alfabetizar, era muito menor do que em outras faixas etárias. No caso específico da experiência pessoal dela, claro. Segundo ela não há nenhuma aluna dela com menos de 65 anos.

Dona Laurita, em certo momento de descontração, nos conta que não aprendeu a ler e escrever por conta da proibição dos pais. Segundo sua história: ela passou a infância na *roça* (zona rural) e naquele tempo seu pai dizia que moças que

aprendiam a ler só serviam para *dar trabalho*, escrevendo cartas de amor para os namorados.

A professora se encontra com mais de sessenta anos de idade e vive constantemente a dinâmica de trabalho e convivência com o Programa, mas não se identifica com a *categoria idosa*. Digo isso fundamentado em seu discurso quando diz: “Os idosos precisam e merecem a *nossa* ajuda e incentivo!”; além de conversas informais (*fofocas*) com funcionários que contam já a terem visto dizer que *não se vê como idosa*. Acredito que este fato seja um dado que corrobora a idéia de Debert e outros estudiosos, quando insistem em frisar que as *identidades*, referentes às etapas etárias dos indivíduos são bastante plásticas e não dependem, como o senso comum credita, meramente da idade, o que naturaliza as identidades etárias. Percebo ainda, que apesar da carga de militância política que acompanha os significados de *ser idoso*, pois denota *participação ativa* na interação dos *agentes* no seu trato com a sociedade, ainda perseguem a *categoria* a soma de depreciações atribuídas às pessoas *de mais idade*, tal como a cultura moderna classifica. Penso, sem ter ainda uma opinião formada, se o fato dos *velhos* abraçarem a bandeira da Terceira Idade, enquanto estilo de vida e auto-identificação, não soaria para muitos como *vestir a roupa da dependência de um assistencialismo institucionalizado*, que ao invés de situar os agentes nos *campos de poder* do cotidiano social, só reforça ainda mais as *separações*, neste caso entre adultos produtivos e *velhos dependentes* e *merecedores* de auxílio. No caso específico da professora, que me suscitou essa discussão, arriscaria a dizer que assumir a classificação de *idosa* seria como ser destituída de sua posição de *profissional que ajuda aos idosos* para uma outra, que está ligada à dependência. O que nos lembra um pouco a noção de velhice como “retorno à infância”, uma idéia de movimento circular do *curso da vida*, já que o indivíduo volta a ser destituído de defesas, fragilizando-o.

### **15 de maio (segunda-feira)**

Visitei o grupo do bairro Jurema, Grupo Amizade, que ainda não conhecia. A tarde estava bastante fria. Quando fui para a sede pegar a Kombi, para visitar o grupo com Paula, cheguei a pensar que haveria neste dia poucos idosos por conta do clima pouco confortável.

Neste dia contei ao todo 25 participantes, sendo que muitos chegaram após o início da reunião. Haviam somente 2 homens entre os participantes. Quero destacar que os dois homens presentes estavam acompanhados de suas respectivas esposas. Venho observando que boa parte dos homens do Programa, embora não saiba agora falar um número preciso, acompanham suas mulheres e não o contrário, uma vez que é notório o fato de que o ambiente do Programa é predominantemente feminino, não só com relação ao fato da maioria dos integrantes serem do sexo feminino, mas também em relação a *atmosfera* criada no cotidiano dos grupos. Esta minha observação de adotar uma perspectiva de análise que incide nas diferenças entre os *gêneros*, às quais nunca é demais reforçar que são produtos construídos dentro de tramas socio-históricas determinadas, portanto não são elementos *essenciais* (naturais) dos “sexos”. Aliás a própria idéia do conceito de *gênero* já presta esse papel de desnaturalizar os papéis e características dos ditos “sexos”.

A reunião é realizada em uma construção cedida pela associação de moradores do bairro. As paredes do lugar estão cheias de gravuras e fotografias que indicam que ali acontecem aulas de capoeira. O lugar não ajuda com relação ao frio, pois é uma espécie de “galpão” coberto com telhas de amianto e sem laje ou forro. Os idosos encontram-se sentados em cadeiras que formam um círculo e mostram-se um pouco encolhidos, envoltos em cachecóis, usando luvas e outros acessórios, que ajudam a combater o frio.

Paula dá os informes, que consomem um bom tempo, informações sobre as festas juninas (terá um quadrilha da terceira idade), um passeio a uma cidade próxima (Itapetinga) e outros.

Uma das senhoras que está com o marido, que não escuta muito bem, se interessa pelo passeio, mas quando lhe é pedido o nome marido, diz que quer ir sozinha para “aproveitar melhor”.

Os idosos levantam novamente (ponto que já presenciei a discussão em outros grupos) sobre o que chamam de “caída do Programa” por conta da saída de profissionais que eram muito estimados, como já comentei em momentos anteriores deste diário. Paula comenta a questão com eles dizendo que o Programa cresceu assim como os seus problemas. Explica o problema da quantidade diminuta de funcionários, além de reforçar o lado da importância da organização, motivação e iniciativa do próprio grupo (idosos). Neste ínterim, idosa aproveita e cobra mais palestras informativas, das quais sente falta.

Uma *jovem senhora*, Dona Júlia, 57 anos, me conta que quando o Programa teve início ela começou a freqüentar o grupo como visitante. Nesta época devido a sua idade, em torno dos 50, ela não poderia inscrever-se, conforme o regimento do Programa. Conta, com felicidade, que com a mudança das regras, que passaram a admitir pessoas a partir dos cinqüenta anos de idade, ela pôde enfim ingressar. Ela relatou: “Eu achava tudo aquilo tão lindo e implorava para que me deixassem entrar!”; diz mais: “Ver as pessoas de idade interessadas pela vida daquele jeito era uma benção para mim”. O caso desta senhora é bem diferente do caso da professora Conceição, discutido no relato anterior deste diário. A comparação destes dois casos distintos revela contundentemente a riqueza e complexidade do nosso tema e em específico o *caráter plástico* que envolve as *representações* e as *identidades*. No exemplo de Dona Júlia podemos observar uma postura que assimila de modo positivo a propaganda difundida pela atuação dos grupos ditos da Terceira Idade, em contraste com o da professora Conceição, que marca uma posição bem diferente.

Paula ministra uma dinâmica. São infladas umas bexigas com papéis enrolados dentro. Nestes papéis encontram-se conselhos para os idosos “levarem” o seu *dia a dia*, tais como: *paciência, perseverança, fé, paz* e etc. A dinâmica funciona como uma brincadeira, da seguinte forma: cada um vai imaginar a sua bola como sendo os seu problemas, *mazelas da vida*; ao som de uma música animada eles devem dançar com os seus *problemas* (bolas), de modo que busquem se divertir; quando a música encerrar devem sentar, descansar e estourar as suas bolas, para abrirem e lerem as mensagens contidas nelas, refletindo sobre o que estava escrito. No fim da atividade, Paula passa de um a um para ver suas mensagens, tendo que ler para alguns, por causa das vistas falhas ou do simples fato de não saberem ler. Curioso que alguns dos idosos choram e abraçam Paula, “*imagino*” que possa ser uma espécie de *projeção*, que associa a mensagem com as dificuldades que estão atravessando e realizam uma espécie de catarse que aliviam seus pesares. Ocorre então, sem a intenção de psicologizar minha observação, categorizando as condutas, uma socialização da vida privada e de suas dificuldades.

A reunião encerra em meio a abraços e um círculo feito com todos de mãos dadas, seguido de um opulento “*grito de guerra*”.

## 24 de maio (quarta-feira)

Mais um encontro do Contador de História que participo.

Treze pessoas participam, sendo que duas delas são homens e a maioria mulheres.

A quadrilha de São João é pauta do encontro, pois é combinado o local dos ensaios, além de combinarem sobre a festa de São João do Programa.

Paula comenta com eles acerca da última apresentação dos *contadores de história* na universidade (UESB – Universidade do Sudoeste da Bahia), em um evento acadêmico. Todos falam orgulhosos sobre o fato, comentando que tinha muitas pessoas que se emocionaram com as suas histórias. Trocam elogios entre si. Paula, ainda, parabeniza o grupo, pela *pontualidade*, *disponibilidade*, etc, pois considera a distância da universidade dos bairros, reconhecendo os esforços pessoais em terem honrado o compromisso feito.

Neste íterim, Paula coloca a possibilidade dos idosos apresentarem uma peça teatral na UESB. Notícia recebida por todos com grande satisfação.

Uma senhora, rindo, conta que por causa “*dessa terceira idade*” os seus netos passaram a reclamar, dizendo que ela está muito “*rueira*” e devota *pouca atenção* a eles. Puxando este fato é bom lembrar que: o idoso hoje, segundo inúmeros estudos, tem ocupado nos lares do país, numa quantidade expressiva de famílias, postos de comando, por razão de serem *importantes provedores*, que tentam garantir, inclusive, a educação e criação dos seus netos. Também é curioso observar as expectativas familiares, como estão expressas nas cobranças sofridas por esta idosa pelos seus netos. Com a Terceira Idade as posturas tradicionais dos *velhinhos*, disponíveis em casa para a família, e aos cuidados dela, está em clara “*crise*”.

Foram distribuídos por Paula livros de poesias, presentes de uma poetisa que é professora da UESB, Iza Pinto. Todos folheiam seus livros e lêem com alegria e atenção as dedicatórias. Paula lê para os que não sabem e sugere que eles peçam a seus netos, em suas casas, para lerem as poesias.

Leio um poema meu e sou saudado por todos. O Sr.Cláudio aproveita e recita um dos seus (O Matuto), despertando –como sempre- a admiração geral. Em seguida ele declama outra, que fez exclusivamente para o dia das mães.



Por razões pessoais tive que sair antes do término da reunião e levantei-me discretamente, para não atrapalhar, e fui embora.

## TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS

Entrevista nº 01 (21/08/2006) / Local: casa da entrevistada

DEPOENTE: Florides Maria de Freitas (pensionista-60 anos)

*Quais eram as expectativas da senhora para a vida na velhice?*

Bem eu não imaginava muita coisa, porque pra tudo Deus dá um jeito! A gente fala assim: “ A gente vai ficar sem o marido, não vai conseguir sobreviver (...)!”; mas eu acho que isso é um engano! Então eu fiquei viúva e a minha vida é essa, continuo a minha vida normalmente.

*Quais palavras a senhora usaria para descrever o que sentiu no momento da morte do seu marido, diante da expectativa de mudança na vida da senhora, em função deste fato?*

Momento de tristeza, saudade. Foram muitos anos de casamento! E é só!

*Como foi o primeiro ano da senhora como viúva?*

Tive que resolver muitos problemas, (...), resolver questão de documentos, muito trabalho e muita saudade!

*A senhora sentiu alguma mudança drástica na sua relação com seus familiares e amigos?*

Não, mudança coisa nenhuma, eu fui viver a minha vida mais ainda. Não é porque o meu marido morreu que eu dou graças a Deus, mas a minha vida em certo

ponto melhorou, porque eu não fiquei isolada, me acabando doente, sem sair. Não! Eu procurei foi sair, me distrair e ficar à vontade! Eu penso desse jeito, a vida está passando!(?) Passa! O dia de amanhã a Deus pertence!

*O que levou a senhora a procurar a terceira idade, quais foram as suas motivações?*

Aconteceu como eu já lhe falei: Istael veio e juntou um grupo com vários idosos e a gente foi participar. Começou com pouca gente e foi crescendo, pegando gente diferente. E foi levando até hoje...

*A senhora acha que a partir do momento que a senhora começou a participar da terceira idade houve alguma mudança na vida da senhora, na rotina, etc?*

Me senti melhor, porque sentia alegria em ter um movimento para fazer toda semana, encontrar as pessoas. Aí foi muito bom!

*O que os familiares da senhora acharam desse seu envolvimento com estas atividades?*

Bem, meu filho não falou nada. Agora, as pessoas de mais idade também têm de sair. Tem gente que ainda não tem a idade e está doida para completar, para poder participar também. Pois tem gente mais jovem do que eu que vive isolada, porque não tem nada para fazer. Tem uma mulher aqui que está doida para entrar, mas o grupo não pega antes dos cinquenta. Eu falo para ela: "Vai chegar a sua vez!".

Eu digo uma coisa para você Gabriel, é uma animação na vida da gente. Eu não participo de todas as coisas porque eu não tenho tempo, mas eu gosto do grupo. Agora parou mais, mas eu gosto de viagem. Quando eu entrei no grupo era

de duas a três viagens por ano, e eu não perdia uma! Agora é que está diminuindo, depois que Istael (fundador do programa) saiu diminuiu também.

*O que é ser idoso hoje para a senhora?*

Tudo mundo um dia vai ser idoso como eu. Eu acho que a gente tem de se conformar. Às vezes eu tenho uma doença, uma coisa, eu me conformo! Eu digo que isso é coisa da velhice mesmo. Porque idoso é assim Gabriel, quando tem uma doença, tem uma “sensação”, diz: “Eu nunca tive isso!”; eu digo: “Gente, é a idade!”. Hoje é dor no braço, amanhã é dor na perna, não sentia isso quando era nova – claro (!) -. O corpo é assim mesmo, vai ficando fraco. Embora eu hoje não me sinto fraca como outras pessoas da minha idade sentem! Graças a Deus! Mas acontece que a gente tem de se conformar e eu me conformo com isso. Eu me conformo com tudo o que Deus me der. Faz parte da vida! Eu vou me isolar por ficar doente? Eu não!

Acho que os idosos que são doentes deviam participar do Grupo, para passear, fazer uma viagensinha, uma ginástica (...). Mas muitos se isolam, ficam em cima de uma cama. Ah não, eu não quero ficar uma velha assim não. Eu quero ficar na ativa, viu!

*A senhora acha que esse momento da vida da senhora seria muito diferente se a senhora não participasse do programa?*

Eu acho que não, porque eu iria procurar qualquer coisa para fazer. Até mesmo um serviço de casa. Eu ia procurar uma atividade.

*A senhora poderia me dizer qual o seu papel como idosa e cidadã para a sua comunidade? (dona Flora pede que eu explique melhor a pergunta)*

Eu quero ser comunicativa com todos e me sentir realizada.

*Quais os planos e sonhos a senhora ainda pretende realizar na vida?*

Olha Gabriel, projeto agente não faz, ele acontece! Eu penso assim! Está tudo na vontade de Deus.

Entrevista nº 02 (23/08/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Marivalda Alves de Almeida (aposentada – 55 anos)

*Nas vésperas da senhora se aposentar, quais eram as expectativas para a sua vida na aposentadoria?*

Eu procurei aposentar para descansar daquela vida, daquela correria. Queria ter tempo para dedicar-me às outras coisas.

*Assim que a senhora aposentou, quando pôde dizer: “Estou aposentada!”; qual foi a sua sensação?*

Alegria! Eu achava que ia ser bom, poder viajar, passear, visitar os amigos. Só!

*Como foi o seu primeiro ano de aposentada, o que a senhora fez nessa época?*

A primeira coisa que eu fiz foi viajar. Fui pra Angra dos Reis. Nessa época a minha filha que morava lá. É isso (...)!

*O que mudou com a aposentadoria, em relação ao convívio da senhora com a sua família e seus amigos?*

Agora eu tenho mais tempo, não é? Para dedicar, conversar, participar da terceira idade. (...) Tudo isso!

*O que foi que motivou a senhora a procurar a terceira idade?*

Através de uma amiga que procurei fazer a inscrição e a freqüentar. Ela falava que era ótimo, que era maravilhoso, que tinha muitas coisas para preencher o meu tempo. E eu vim de coração aberto!

*No seu primeiro contato com o grupo, quais foram as impressões da senhora?*

Foi ótimo, eu conheci muita gente que não conhecia. Eu cheguei em um dia de festa, de comemoração, dos aniversariantes do mês. Foi assim, divino!

*O que mudou na rotina da senhora quando a senhora se tornou freqüentadora do grupo?*

Eu passei a ter uma rotina de sair de casa para ir ao grupo, ao invés de ficar em casa só comendo e engordando! (*risos*).

*E os familiares das senhora apoiaram essa nova atividade?*

Eles gostaram muito.

*O que é ser idoso hoje, para a senhora?*

Antigamente a gente tinha um mundo e hoje tem outro, não é. Era ficar dentro de casa, quietinha e tal.

Ser idoso é viver!

*Como a senhora acha que seria a sua vida se não participasse da terceira idade?*

Seria monótona, não é!? Seria assim (...), triste.

*Qual o papel da senhora como idosa e como cidadã para a sua comunidade, para a sociedade?*

Bem (...)! Ser uma pessoa útil!

*Quais são os planos que a senhora pretende realizar na vida?*<sup>26</sup>

Ah, viajar, continuar viajando, viajar bastante (...)!

---

<sup>26</sup>Quase uso a palavra ainda, o que teria uma conotação de preconceito arraigado, da minha parte, em relação às naturalizações construídas sobre as "fases da vida". Insinuando que ter projetos na "velhice", "aposentadoria", enfim, seria como algo supérfluo nesse momento da vida.



Entrevista nº 03 (30/08/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Jairo Fonseca Ribeiro (aposentado-65 anos)

*Quais foram as suas atividades no seu primeiro ano de aposentadoria?*

A minha deficiência é visual e eu fiquei com um trauma muito grande. Eu perdi a visão e não tinha quem me orientasse, para ter uma atividade diária normal.

*O senhor teve o apoio familiar devido? Ficou isolado em casa?*

Apoio total da família! Se eu não tivesse esse apoio não estaria aqui agora, dando esta entrevista.

*O que lhe motivou a participar das atividades da terceira idade?*

Rapaz, foi conversando com um, com outro, a minha esposa soube e nós fomos, e gostamos, e estamos até hoje.

*Qual foi a reação da família do senhor quando soube que estava participando deste grupo?*

Foi das mais diversas, uns com sarcasmo, brincadeiras até de mau gosto. Já alguns, uma minoria, com incentivo. Mas nenhum nos acompanhou nas atividades.

*O senhor poderia pontuar algumas coisas que mudaram na sua rotina por conta do seu envolvimento com o Grupo?*

Para mim o que mudou essencialmente foi que eu conheci novas pessoas, participar de grupos de cultura, até de nível (...), vamos dizer assim: social, econômico e cultural diferentes. Eu gostei muito! Pessoas que eu não esperava que pudessem dar tanto!

*Na sua opinião o que é ser idoso hoje?*

Ainda é discriminado, mas em vista do que era há vinte, trinta anos atrás, hoje eles vivem relativamente bem. Tem o estatuto, não totalmente cumprido, mas nós temos ele. O idoso hoje tem garantias que antigamente nós não tínhamos.

*O senhor, como conselheiro do Conselho do Idoso aqui no município, o que acha que seria a maior dificuldade que o conselho atravessa para se fazer cumprir o exercício da cidadania dos idosos no município?*

Praticamente o conselho não dispõe de nada, do apoio econômico, do apoio político. O apoio social é nenhum! O conselho vive hoje da boa vontade da presidente e dos conselheiros, mas para cumprirmos tudo dependemos de outros fatores que ainda estão engatinhando.

*O senhor consegue imaginar como seria a vida do senhor hoje sem essa militância na terceira idade?*

Não seria monotonia total porque nós temos uma entidade dos portadores de necessidades especiais. Mas sem o grupo da terceira idade, principalmente o da prefeitura, a minha vida seria uma monotonia.

*Qual é o papel do senhor, como idoso, para a sociedade, na sua opinião?*

Eu me considero um cidadão pleno, tenho os meus direitos e tenho os meus deveres. Mas a sociedade não cumpre os seus deveres para com a gente. Mas a gente vai levando, um dia melhora!

Gostaria de saber o que o senhor vislumbra para o futuro? Quais os planos quer realizar?

Como idoso?

*Como idoso e para a vida do senhor em geral!*

Como idoso ainda espero realizar muita coisa. Vitória da Conquista é uma cidade privilegiada porque tem professores (...), tem gestores, que ainda nos dão certo apoio.

Agora, como homem, como pai de família, eu acho que já cumpri o meu papel e muito bem!

Entrevista nº 04 (30/08/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Cláudio da Silveira Dias (aposentado-80 anos)

*Quando o senhor ainda estava trabalhando, como que imaginava a sua futura aposentadoria?*

Toda a vida, muito antes de aposentar, eu sabia que a aposentadoria não iria resolver o meu problema. Por isso eu tive que trabalhar e fazer uma certa economia, para que quando viesse a aposentadoria eu tivesse essa ajuda. Tanto que eu pagava quatro salários mínimos, que comecei a pagar há quase trinta anos atrás. Aposentei com dois e hoje eu recebo quase um salário. Só que como eu fiz uma certa economia, eu não estou sentindo dificuldade para conseguir a “feira”.

*O senhor imaginava como ia ser a vida do senhor, a partir do momento em que se aposentasse?*

Eu tinha em mente a poesia. Eu escrevia poesia há muitos anos, que não dava para me dar renda para sobreviver, mas dava para preencher o tempo. Se não houvesse o Contador de Histórias da terceira idade, eu tava por aí contando histórias “a torto e à direita”, do mesmo jeito!

*No seu primeiro ano de aposentado o que o senhor sentiu de mudança na sua vida?*

Não mudou nada, porque a renda que veio era muito pequena. Nesse tempo eu ainda trabalhava, tinha comércio. Então a renda do comércio era maior do que a da aposentadoria. Achava que a aposentadoria era uma ajuda, mas não que eu fosse viver daquilo.

*No ano em que o senhor se aposentou o senhor ficou muito dentro de casa, ou não mudou nada nesse sentido?*

Não, não, eu sempre tive uma atitude na minha de não ficar de cabeça baixa. Eu sempre trabalhei e quando me aposentei procurei fazer qualquer coisa. Então (...), eu não fiquei apavorado, não!

*O que levou o senhor a freqüentar o grupo da terceira idade?*

Olha, certa vez eu declamei o poema "Pau de Arara", aí na praça Barão do Rio Branco. Aí a diretora Ivone disse: "Você não quer fazer parte da terceira idade?"; aí eu disse: "O que é isso?" – nem sabia o que era (!). Aí ela me deu o endereço e eu fui lá. Lá eu encontrei Paula, logo me escrevi, liguei direto. Não paro não! É uma ajuda muito importante, para a gente preencher esse tempo que tem na vida.

*Qual foi a reação da sua família e de seus amigos quando souberam que o senhor estava participando da terceira idade?*

Minha família me apoiou, já o povo de fora não levou muito a sério! Achavam que era uma coisa sem importância. (...) Eu conheço uma quantidade de homens que vivem aí de cabeça baixa, que acham que não resolve nada, não levam nada a sério, que não se interessam (...)! Não levam em consideração que essa pode ser uma oportunidade, que a gente tem de preencher esse espaço na vida!

*E na casa do senhor, como é que foi?*

Bem, a minha mulher recebeu muito bem!

*Ela não participa, nunca se interessou?*

Nunca!

*O quê que mudou na vida do senhor com a sua participação na terceira idade?*

Não mudou muita coisa não porque eu sempre tive os meus afazeres. Eu faço parte da Academia de Letras, da loja maçônica Cavaleiro do Oriente. Sempre tive oportunidade de acompanhar esses eventos, de declamar poesia. Mas melhorou!

Não sou intelectual, mas tem pessoas, (...), acadêmicos que não fazem o que eu faço.

*Para o senhor qual é o papel do idoso hoje?*

Bom eu posso dizer por mim. O papel do idoso é ele reconhecer que é idoso, em primeiro lugar! É ele não achar que porque ele é idoso ele é inferior aos outros! É ter a consciência tranqüila e cumprir com os seus deveres. Esse é o papel do idoso. Agora, aquele idoso que chega em idade avançada e espera por um salário mínimo, esse sofre muito, viu! Um salário mínimo não dá, a não ser que ele tenha outros recursos, a família o ajude, não pague aluguel! Mas uma aposentadoria de um salário mínimo não é fácil não!

*O senhor se sente reconhecido pela sociedade de hoje?*

Eu me sinto como eu era novo. Porque até onde eu tiver condições de lutar, eu estarei ali. Quando eu sou convidado (...). Eu nunca me ofereço! Mas quando eu sou convidado eu vou! Dentro das minhas limitações eu faço! Então eu sinto que sou uma pessoa plena! Eu sei que a morte é certa e não está muito longe, pela minha idade, mas eu vou viver como se fosse novo! O ontem já passou, o amanhã ainda virá (...)!

*Quais seriam os projetos que o senhor ainda não realizou e pretende realizar?*

Olha, eu não tenho muita coisa não, o que eu pude fazer eu fiz e vou continuar nessa vida que eu estou levando. Não quero mais que isso!

Entrevista nº 05 (05/09/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Anna Amélia Ferraz Fontes (não aposentada-65 anos)

*A senhora pensa em fazer o quê quando receber o pagamento mensal da aposentadoria?*

Eu não vou conseguir aposentar (..), já tem dois em minha casa.

*(A depoente mostra profundo desconhecimento acerca dos seus direitos. Recomendo a ela para procurar os dirigentes do Programa para instruí-la.)*

*Quem foi que chamou a senhora para participar do Grupo?*

Foi eu que vim e estou até hoje!

*O que foi que mais chamou a atenção da senhora quando começou a freqüentar a terceira idade?*

\*\*\*\*\**resposta inaudível*

*O primeiro ano da senhora, como participante da terceira idade, quais foram as mudanças em sua vida, por conta dessa atividade?*

Teve sim (...)

\*\*\*\*\**argumento inaudível*

*Já há quanto tempo a senhora faz parte da alfabetização aqui no programa?*

Há mais de três anos.

*A senhora pensa em largar a terceira idade?*

Não. Enquanto eu puder andar, agüentar, eu venho.

*A senhora se acha uma pessoa ativa?*

Eu acho!

*A senhora acha que seria diferente isso se não fosse a terceira idade?*

Eu acho que ia estar mais em casa. Ia ser mais chato, não é?

*A família da senhora apóia o seu envolvimento com a terceira idade?*

Apóia. Meu filho brinca, diz: “É duro(!), de manhã eu levo a minha filha na escola e à tarde a minha mãe.”

*Planos para o futuro?*

Ter a minha saúde! É isso o que eu quero para mim!



Entrevista nº 06 (05/09/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Manoel Messias Moreira Silva (não aposentado-50 anos)

*Senhor Manoel, como foi essa experiência sua de vim participar do Programa?*

Eu queria aprender mais na escola, participar mais da vida desse pessoal. E é assim, aquelas pessoas vão passando o que sabem para aquelas que ainda não sabem.

*Como o senhor ficou sabendo desse programa da terceira idade?*

A minha cunhada mora na URBIS V. Eu estava interessado em estudar de dia. À noite eu estudava lá, mais quase não tinha aula. Às vezes você quer aprender, mas não aprende porque fica chateado. Aqui na terceira idade é mais tranqüilo, porque todo mundo é do mesmo porte. Aí um vai aprendendo junto com os outros.

*O que mudou no dia a dia do senhor com a terceira idade?*

Eu achei muito legal! O pessoal é legal, então, eu não tenho o que comentar e sim que continuar! Mesmo aposentando eu vou continuar na sala de aula.

*(O excesso de barulho externo, em razão da sede está movimentada, não permitiu que se compreendesse o restante da entrevista para a realização da transcrição)*

Entrevista nº 07 (06/09/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Zildinê Fernandes de Oliveira Souza (pensionista-66 anos)

*Quais eram as expectativas da senhora para a aposentadoria?*

Olha, eu fui pega de surpresa. Até então eu estava com boa saúde, trabalhando, ganhando meu dinheirinho. Só que em 1975, quando o meu filho caçula nasceu, eu tive câncer de mama. E aí eu tive que deixar meu filho com nove meses de idade e partir para São Paulo, porque na época aqui não se fazia essa cirurgia. Eu fui operada lá numa clínica na avenida Brasil e fiz sete quimioterapias. A partir dessa data que eu encerrei a carreira de cabeleireira, em salão de beleza. Porque eu não tinha tempo de dar assistência aos clientes, e eu nunca gostei de fazer as coisas assim de qualquer modo. Só que, entre aspas, eu deixei de trabalhar. Os clientes chegavam, eu estava em casa, e eu atendia também. E pra cá eu continuei trabalhando só, em casa mesmo, como doméstica, dona do lar, e só.

*E como foi o primeiro ano depois destas mudanças?*

Não foi fácil. Porque é como eu acabei de dizer, eu gozava de boa saúde e de última hora eu fui pega assim de surpresa por uma doença que até hoje é tão temida, não é (!)! Falou em câncer todo mundo espanta logo. Na época eu pedi muito a Deus que me curasse, porque eu precisava criar o meu filho. Na sexta quimioterapia Deus me curou de uma maneira formidável, que até hoje é só me lembrar que eu fico emocionada! Ao invés de ter ido fazer a quimioterapia eu fui para Garanhuns, em um congresso de nossa igreja. Eu virei para a médica e disse: “Olha doutora eu não preciso mais fazer a quimioterapia, porque Deus me curou!”; e ela disse com ar de pouco caso: “Foi(!)? E quem é médica aqui, eu ou você?”; aí eu disse: “A senhora.”; ela disse: “Se eu estou lhe dizendo que precisa de doze é porque precisa de doze!”. Quando chegou na terceira injeção eu passei mal. Para você ter uma idéia, a quimioterapia naquela época era cinqüenta e quatro injeções. Aplicava-se o soro e depois vinha aplicando ampola por ampola, quando terminava a última você enxergava pouco, atacava a visão, você tinha náuseas (...). Eu, graças a Deus, nunca vomitei, mas tem gente que vomita, obra ao mesmo tempo, é uma série de

efeitos colaterais na hora que termina. Eu nunca tive nenhuma dessas coisas. Então, na terceira injeção a enfermeira chamou a doutora. Ela que há cinco minutos tinha me perguntado se a médica era eu ou era ela disse: “Zildinê você está de parabéns, a partir de hoje você não precisa mais fazer a quimioterapia, basta fazer a revisão de ano em ano.” Então, eu estou grata ao meu senhor Jesus Cristo, na benção de Deus! *(fala com bastante comoção)*

Agora, hoje eu não gozo de boa saúde porque eu estou hiper-tensa, diabética, tenho muita insônia, tive um comecinho de depressão, justamente por causa dessa coisa de não poder comer isso e aquilo. Então, você ficar privado de usar as coisas boas que a vida oferece é muito chato, não é(!)?

*Como foi para a senhora a experiência no grupo da terceira idade, de conviver com tantas pessoas diferentes!*

Eu, como já lhe disse, fiquei um pouco depressiva. Eu ouvi falar desse grupo da terceira idade, que até então não tinha, e quando eu descobri que era tão próximo da minha casa eu comecei a freqüentar. Sou grata a Deus, por este grupo, eu louvo ao senhor por essa providência divina. Mesmo nem todos tendo passado o que eu passei, são muito carentes. Além de o programa oferecer um bom relacionamento, oferece também a terapia ocupacional. Os idosos ao invés de ficarem preocupados com a enfermidade, com a hora de tomar remédio, nem percebem a hora passar. Isso aqui para mim é um tratamento!

*A sua família incentivou as suas atividades como participante da terceira idade?*

Eu tenho o meu esposo e quatro filhos. Eles são pessoas esclarecidas, entendem a minha situação!

*O que é, para a senhora, ser idoso hoje!*

É ter passado pela vida, ter participado das coisas boas e ter tirado proveito de cada uma delas!

*Se a senhora não participasse do Grupo, como acha que estaria a sua vida, qual seria a diferença?*

Se eu não participasse do Grupo não teria essa comunhão gostosa que nós temos aqui, tão gratificante. Como eu acabei de dizer, tem dia que eu estou meio depressiva, por causa dos problemas da minha idade, mas eu digo: “Em nome de Jesus eu vou!”; então eu venho e me sinto bem.

*Quais são os projetos que ainda pretende realizar?*

Pela idade e pelos problemas de saúde eu vou continuando aqui mesmo, do jeito que está, mas nunca perdemos o sonho não, sonho nós sempre temos (...)!

*(depoimento espontâneo da filha da depoente que encontrava-se presente):*

Nós percebemos uma mudança na saúde de minha mãe. Ela se encontrava muito depressiva e quando começou a freqüentar foi melhorando, ao ponto de parar de tomar os remédios, que já não estavam fazendo bem para ela. Ela hoje não usa esse medicamento, que parou por conta própria. Com as atividades daqui ela melhorou, está mais animada.

Entrevista nº 08 (01/11/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Vicenta dos Anjos Menezes (aposentada-73 anos)

*(em função das dificuldades de dicção da depoente e da sua voz fraca, de baixo volume, não foi possível realizar a transcrição)*

Entrevista nº 09 (20/11/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Bernardina Santos Araújo (aposentada-66 anos)

*Quais eram as expectativas da senhora para a sua vida após se aposentar?*

Eu esperava ganhar dois salários, pelo menos!

*Mas o que a senhora pensava em fazer, quais atividades, como planejava preencher o seu tempo?*

Eu esperava namorar muito ainda, ter a minha casinha para viver de forma independente. Queria morar sozinha, cuidar das minhas coisas. Eu moro com a minha filha. Porque às vezes a gente mora com a nossa família, mas tira o espaço deles e eles o nosso.

Lá no Rio de Janeiro antes de aposentar eu trabalhava na casa de pessoas idosas e ganhava por plantão, ganhava mil e quinhentos reais. Quando eu vim para aqui não dava mais, porque eles pagam um salário para acompanhante. Aí minha filha falou fica aí que nós te ajudamos.

*Assim que a senhora se aposentou o que passou na sua cabeça?*

Eu trabalhava nas residências com pessoas idosas, tirando soro, cortando as unhas do paciente, essas coisas assim que acompanhante faz. Agora eu estou em casa tomando conta dos filhos dela (da filha). A menina já está com sete anos, eu a peguei nos panos. O menor ela colocou na creche, porque eu tava muito cansada. Tive que fazer eletro-encefalograma. Estou me tratando.

Eu sinto muita saudade do trabalho, porque eu pretendo (...), depois que eu tirar o curso de pintura (que faz no Programa), eu quero vender toalhas de prato, essas coisas!

*Quem foi que mais influenciou a senhora para vim para a terceira idade?*

Paula (monitora), porque ela é amiga nossa. Aí um dia ela falou: “Eu vou levar a sua mãe para fazer parte, ela só fica dentro de casa com as crianças!” E aqui (*referindo-se à cidade*) é um lugar que não tem nada para nós vivermos. Assim, para sair de casa, então eu não gosto de ficar parada, eu gosto de fazer as minhas coisas.

*Qual foi a primeira impressão do Programa, assim que a senhora chegou?*

Olha, primeiro eu achei as pessoas muito comunicativas! Elas me receberam com muito carinho. Eu vim para cá e fiquei muito feliz, tem outras pessoas, tem a pintura que eu estou fazendo e me dando bem. E é isso.

*E a família o que achou de tudo isso?*

Achou bom! A Núbia (filha) me apoiou, compra os materiais para que eu possa fazer as pinturas. Ela falou que está gostando. Até falou que quando ela fizer uma casa vai fazer o meu ateliê para a minha pintura, costura e outras coisas.

Entrevista nº 10 (20/11/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Rosa Amorim Tavares (aposentada-69 anos)

*Quando a senhora se aposentou e percebeu o tempo livre que tinha, o que lhe passou pela cabeça ?*

Vi que tinha meu tempo e dinheiro livre para descansar, viajar, dormir à vontade, passear. Eu não tinha como passear porque eu estudava o tempo todo para dar aula e chegar com tudo direitinho para os alunos. Eu tinha dois contratos, ia dormir tarde, dormir preocupada. Aí ninguém dorme não é, pensando! Chegava em casa para almoçar correndo, porque uma hora eu tinha de estar no colégio de novo (...).

*Como foi o primeiro ano de aposentada?*

O primeiro ano foi ótimo! Quando eu peguei o diário oficial e vi que estava aposentada, que eu cheguei no colégio e a diretora disse; “Rosa, a partir de hoje não precisa você vim mais e nós vamos fazer uma festinha para você!”. Eu disse: “Eu não quero nada, eu só quero que vocês peçam a Deus por mim e amanhã eu estou de viagem para Salvador.” E aí eu fui para Salvador passar uns quinze dias, para me divertir, tomar banho na praia e tal. Aí eu retornei para Vitória da Conquista. E nesse clima foi o meu primeiro ano em que me aposentei.

*E com relação à família, mudou o quê?*

Com a família melhorou mais, porque eu dei mais assistência aos meus filhos. Eu não tinha nenhum tempo de me comunicar com eles. Eles também trabalhavam, um é motorista a outra é professora, e não dava quase para a gente se encontrar. Agora tem a tranqüilidade de estar em casa com eles, de criar os meus netinhos.

*O que levou a senhora entrar na terceira idade?*



Lá em Caatiba (*município baiano no qual teve a sua primeira experiência com a terceira idade*) foi eu mesma. Eu morava pertinho e um dia resolvi, fui e fiz a minha matrícula e fiquei um ano e pouco. Uma hora eu vou até trazer o retrato para você ver, eu desfilei com o Tiro de Guerra de Itapetinga, passeava (...). Ah, era jóia! Aí eu vim embora para aqui. E essa menina Miralva, mais essa outra, ficaram: “Vamos, vamos, vamos!”.; aí na sexta feira eu fui fazer a matrícula, mas o padre pediu o salão, e no outro dia eu fui lá fazer.

*Qual foi a impressão da senhora no início de sua participação na terceira idade?*

Lá foi ótimo, eu gostei muito e aqui também. Eu adorei, gostei mesmo, achei ótimo!

*A sua família lhe apoiou?*

Apóia! Só falou assim: “Mãe, é o dia todo lá?” ; isso porque eu estou com um netinho bem novinho, que está lá no Esaú Matos (*hospital da cidade*). Quando eu saio daqui eu vou para lá e fico com ele, chego em casa quase seis horas. Do Alto Maron (bairro em que mora) para lá são quatro ônibus, dois para ir e dois para voltar. Eu não pago ônibus, por isso que ela me cobra que eu vá para lá.

Estão dizendo que agora o aposentado vai poder viajar de graça para fora também, não é? Eu não sei se é verdade. Se for verdade, aí agora eu vou para tudo quanto é lugar. Dizem que é assim: se chegar dois (idosos) os dois entram, mas se chegar três, o terceiro paga metade. Nós vamos dormir lá (risos)!

*A senhora acha que teve mudança na sua rotina, com a participação no grupo!*

Para mim ficou ótimo porque eu venho mais para aqui. Ficou bom por isso (...)!

*O que é ser idoso hoje, na sua opinião!*

Bom, muitos pensam que a pessoa é idosa quando está bem velha e não serve mais para nada. Bem eu estou velha, estou com sessenta e nove anos, mas

eu não acho que estou velha porque o meu coração é jovem, meu coração é de uma criança, a minha memória é de uma pessoa jovem. Então eu me considero uma pessoa jovem, para mim. Eu não, eu estou com essa idade, mas eu gosto de estar junto de pessoas jovens. Gosto de dançar. Adoro dançar, não pode ter uma seresta que eu vou. Toda a vida eu sou vaidosa. Eu não gosto de vestir aquelas roupas (...); “isso não assenta em você”, vai caçar o que fazer que eu não vou vestir aquelas roupas batendo aqui (toca no tornozelo), aqueles *trenhão*. Eu visto é roupa decotada, curta, se eu tiver vontade. O que eu tenho vontade, eu faço! Eu não quero nem saber. Não dou satisfação à sociedade!

*A senhora acha que seria como a sua vida sem participar da terceira idade?*

Bom, eu ia ficar dentro de casa. Uma tristeza não é(!)? Cabeça vazia só pensa o que não presta, não é isso(!)? Eu ia ficar no sofá, porque eu não aprendi fazer crochê (...). Um professor meu de psicologia, Rubens, dizia: “Aprende crochê para a velhice!”; e eu dizia: “Que nada Rubens, deixe de ser besta, você acha que eu vou ficar velha fazendo crochê? Eu vou fazer outras coisas, vou namorar, vou aproveitar, eu não estou isolada, não estou morta!”.

Quando eu morrer também eu já falei com os meus filhos, eu gosto tanto de viver, gosto tanto deste mundo, que quando eu morrer (...) sabe aqueles discos de Leandro e Leonardo e de Roberto Carlos (?), coloca a noite todinha e deixa o povo dançar, deixa o povo cantar, não quero choro. Isso é besteira, “Morreu, meu deus do céu!”, não, ele está bem, já cumpriu a missão dele aqui na Terra. E eu não quero morrer agora, ainda quero fazer muita coisa aqui na Terra! Eu é que não quero saber de ficar dentro de casa pensando na morte, eu vou pensar é no futuro.

Entrevista nº 11 (21/11/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Euziza Alves Figueredo (aposentada-70 anos)

*Quais eram as expectativas da senhora para a vida na aposentadoria?*

Era o meu maior desejo aposentar porque eu tava sentindo falta das coisas, passando dificuldades, porque eu não tinha dinheiro e a minha menina estava desempregada. Tinha tempos que ela estava trabalhando e tempos que ela ficava sem trabalho. Nós duas estávamos passando muito aperto. Para mim essa aposentadoria foi uma maravilha, porque eu vivo disso, toda a minha despesa é feita com a aposentadoria, os remédios (..), ela é o meu apoio. Ela (*a filha*) agora está sem trabalho e com problema de coluna, de uma queda que tomou, por isso não acha trabalho, pois está toda *entrevada*. É um caso então de louvar a Deus, por ter esse dinheirinho da aposentadoria. E eu batalhei, não foi pouco, para essa aposentadoria sair. Então (...), a nossa vida é essa.

*(a senhora Euziza viveu a sua vida sendo lavradora na zona rural de Itiruçu, cidade da caatinga baiana, onde problemas como a sazonalidade do trabalho marca a vida da maioria de seus habitantes)*

*E com relação ao tempo livre da senhora, o que a senhora pensou em fazer?*

Eu pensava assim, quando eu receber a minha aposentadoria eu não vou mais ficar sem os meus remédios, eu não vou mais ficar com fome. Tem gente que reclama que é pouco, para mim é pouco, mas é um pouco abençoado, e eu pensava em ter ele para me alimentar, pagar a minha comida e comprar os meus remédios. Eu preciso tomar remédio para pressão, para os ossos e outros remédios.

*Como foi o seu primeiro ano de aposentadoria?*

Nessa época eu paguei umas dívidas que eu tinha, eu comprei uns óculos, porque eu tava numa situação precisando de óculos, mandei fazer uma chapa (*dentadura*), a minha casa eu mandei cobrir, que tava molhando muito. Molhava de

um jeito (...), tinha dia que tava chovendo e a gente tinha que colocar uma coisa na cabeça, porque o telhado não valia nada. Pois é, ajeitei a minha casa, depois fiquei comprando os remédios certinho. Foi assim, para mim uma maravilha! Foi uma benção!

*O que levou a senhora a procurar a terceira idade?*

Eu vivia muito dentro de casa, muito chocada, muito triste, sozinha (...). Aí eu achei umas amigas que faziam parte do grupo e elas me convidaram e eu aceitei, gostei. Gosto muito de vim aqui, de fazer as atividades, de está pesquisando um pouquinho também, eu comecei a estudar também. Tem também as festinhas que eu gosto. É muito bom isso aqui!

*O que mudou na vida da senhora quando começou a participar da terceira idade?*

Fiquei mais alegre, fiquei com muito mais coragem. Agora mesmo eu tava em casa com uma dor de cabeça, sem querer sair e ela (filha) disse: “Minha mãe vai cortar o cabelo, o pessoal não está cortando o cabelo na terceira idade? Você não está acostumada a ir lá todo dia, vai lá distrair!”; aí eu peguei a bossa e saí. Você vê que eu estou com mais disposição, com mais coragem.

*A sua filha lhe apoiou no início?*

Ah, ela me apóia muito, às vezes eu estou sem querer ir e ela vira para mim e fala: “Vai, é melhor do que você ficar dentro de casa *chocando*.”

*O que é ser idoso hoje para a senhora?*

Ser idoso hoje é uma maravilha. Antes as pessoas achavam que estava tudo ruim, só pensando que iam morrer, que não tinham mais valor. Agora a terceira idade, do jeito que está, a gente está quase igual aos jovens, muito alegres, satisfeitos, temos mais facilidades para as coisas. Já temos direto do passe para viajar de ônibus. Temos mais direitos. Então eu acho que isso é uma maravilha para nós.

*Como a senhora acha que estaria a sua vida sem participar do grupo?*

Estaria como era antigamente ou pior. Muito sem graça, só vivia dentro de casa, muito isolada.

*Qual o papel do idoso hoje para a sua sociedade?*

É um cidadão de grande valor, que tem mais oportunidades que antes não tinha. Nós estamos mais ativos que antes.

*Quais são seus planos para o futuro?*

Que Deus me abençoe e me dê mais muitos anos, ainda, para ver a minha filha casar e me dar netos.

Entrevista nº 12 (22/11/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Albertina Maria da Conceição (aposentada-74 anos)

*Quais eram as expectativas da senhora para a aposentadoria?*

Eu sempre disse que se eu tivesse a minha casa própria eu não seria mais pobre. Eu com o meu dinheirinho eu sei controlar. Eu pago aluguel. Com a minha aposentadoria eu pago o sindicato. Mas com esse dinheiro eu agradeço a Deus por isso. Se não fosse esse dinheiro eu tava morando em uma roça, com o tanto de filho que eu tenho.

*O que a senhora pensou quando soube que estava aposentada?*

Eu vou te falar que o que eu pensei é que a vida ia melhorar para mim, não ia ser aquela vida que eu levava. Eu levava uma vida dura, eu tava sem marido, meus filhos eram todos pobres. O meu filho mais velho é que me ajuda. Eu estou aposentada, mas ele me ajuda até hoje, todo mês ele vai lá em casa me entregar um dinheirinho. Mas eu fiquei contente, porque eu passei a morar numa casa melhor e veio uma renda para eu manter a minha vida. Eu tive uma vida muito difícil. Eu só não passei fome. Graças a Deus! Mas eu passei muitos tempos difíceis, porque eu não tinha dinheiro, eu não tinha ninguém, eu não tinha nada.

*Como a senhora viveu em seu primeiro ano de aposentada?*

Eu morava em uma casa de fundo. No ano em que aposentei eu falei: “Agora eu vou mudar de casa!”; aí eu mudei para uma casa melhor.

Eu sou uma pessoa simples. Assim, é o meu jeito, eu gosto muito de agradar as pessoas. Com esse dinheirinho mesmo (...), de vez em quando, chega um neto meu: “Oh vó, me arruma tanto aí que depois a gente paga”; e aí vai um pouquinho aqui e lá. Eu digo: “Não precisa pagar não meu filho, deixa que Deus aumenta, que não vai faltar!”; sempre é assim. E graças a Deus eu vou levando a minha vida!

*O que te levou a procurar a terceira idade?*

Olha, primeiro chegou a terceira idade no SESC e um dos meus filhos falou: “Vai mãe!”; e a minha cunhada até me convidou. Eu estava até balançada, mas era contramão, não tinha carro, era difícil para mim ir. Só que aí a minha vizinha chegou para mim: “Vai ter a terceira idade aqui no Bom Jesus.”; aí eu entrei.

*E como foi no início, a senhora o que achou?*

No início eu viajava muito. As mulheres achavam que eu era até rica. Eu fiz muita viagem e elas diziam que eu estava bem de bolso.

*O que a sua família achou de tudo isso?*

Gostaram demais! No início a minha família, quando tinha alguma coisa lá, eles dançavam mais a gente e tudo! Depois se acostumaram. Eles me dão muito apoio. Inclusive a minha filha caçula disse que quando ela chegar na idade ela não vai largar a terceira idade por nada.

*O que é ser idoso hoje, para a senhora?*

Não é muito de futuro não, não é (!)! Porque os velhos não tiram muita vantagem. Não é todo mundo que gosta. São muito desprezados, não têm apoio de ninguém. Mas graças a Deus o meu lado não é assim não.

*A senhora já parou para imaginar como seria a sua vida hoje se não participasse do Programa?*

Eu sempre fiz as minhas coisinhas, meu ponto de cruz, eu sempre estou apegada em alguma coisa. Quando eu estou no meu cantinho vou para perto dos meus filhos, passear (...). Eu nunca fui daquelas velhas de viver nos cantos. Eu acho que eu nunca vou ficar para viver nos cantos.

*Qual é a função do idoso hoje para a sociedade?*

Eu acho que está melhorando. Tem muito jovem que dá valor às pessoas de idade.

*Quais os sonhos da senhora para o futuro?*

Daqui para frente eu não sei o que vai acontecer. Eu não espero vantagem não. Eu espero viver.



Entrevista nº 13 (22/11/2006) / Local: Sede do Programa

DEPOENTE: Maria Silva de Jesus (aposentada-67 anos)

*Como a senhora imaginava que seria a sua vida na aposentadoria?*

Eu pensava que (...). Eu dormia direto no trabalho, saía de casa de manhã e chegava de noite, no outro dia eu tornava sair. Eu pensava que quando eu aposentasse eu ia parar de trabalhar. Não ia mais ser costureira de ninguém, não ia mais trabalhar na fábrica. E foi o que aconteceu.

Eu pensava em ficar em casa quando me aposentasse.

*Assim que a senhora se aposentou o que passou em sua cabeça, naquele instante?*

Nada, não pensei em nada não! Pensei só em ficar em casa, curtindo a vida, brincando com os netos. Depois foi embora o mais velho (filho), foi embora todo mundo e eu fiquei só!

*Como foi o primeiro ano de aposentadoria da senhora?*

O primeiro ano eu ainda trabalhei, trabalhei um ano. Depois eu disse que queria que eles me mandassem embora, que não queria mais trabalhar, pois eu queria descansar. Me mandaram embora e eu fui descansar.

*Como foi no início essa experiência de ficar mais em casa, a senhora estranhou?*

Eu não sei (...), foi bom! De quando eu comecei trabalhar em São Paulo foram quase trinta anos trabalhando direto. Aí eu já estava aborrecida, eu queria deixar essa vida, de chegar em casa à noite e sair já de manhã.

*O que levou a senhora a procurar a terceira idade?*

O que me levou a entrar foi porque era pertinho lá de casa e eu entrei, e achei bom, e gostei, e estou nesta vida até hoje.

Eu já conhecia Estael e Nalva (membros do Programa), então já era uma coisa da minha confiança.

*Como foi no início, o que a senhora achou já no primeiro contato?*

Eu gostei. Gosto muito das viagens. Gosto muito de acompanhar a terceira idade.

*E a filha da senhora lhe apoiou?*

Apoiou, gostou!

*A senhora acha que mudou a sua rotina por causa da terceira idade?*

Foi bom, é diferente de ir pro trabalho. E as viagens nas praias bonitas! Agora já tem dois anos que a gente não viaja para as praias!

*O que é ser idoso hoje, na sua opinião?*

Não sei, não vem na minha cabeça o que eu ia dizer.

*Qual o papel que a senhora acha que tem o idoso hoje?*

Não está no meu pensamento.

*Quais os planos a senhora pretende realizar?*

Eu pretendo ainda viver um tempinho. O resto é Deus quem sabe!

Entrevista nº 14 (22/11/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Maria Alves da Rocha (aposentada-59 anos)

*Quais eram as expectativas da senhora, antes de se aposentar, para a vida na aposentadoria?*

Olha, eu graças a Deus sou muito sociável. Eu sempre trabalhei e não tive tempo de pensar em não fazer nada. Eu apesar de já ter tido três enfartes, de ter diabetes há vinte e três anos.

A minha infância foi muito boa, nós vivíamos muito bem. Depois da morte dos meus pais eu passei por dificuldades. Eu tive que optar entre uma vida de mais fartura ou por uma casa. Eu optei pela casa.

Eu trabalhei de tudo. Se você tivesse uma roupa para lavar eu lavava. Trabalhei em farmácia, trabalhei em balcão. Eu ia para banco fazer qualquer coisa que me mandassem fazer, fazia depósito (...).

Eu sabia que ia ficar velha um dia e esperava poder pagar as minhas coisas.

*Assim que a senhora se aposentou, o que lhe passou pela cabeça?*

Eu pensei em fazer coisas que tinha vontade de fazer. Viagens (...); depois que eu entrei na terceira idade eu viajei muito.

Nós éramos muitos irmãos, dezessete vivos e muito unidos.

Não teve muita mudança assim com o dinheiro porque é um salário mínimo. Você sabe que um salário ajuda, mas também não é coisa assim que vai mudar muito. Mas a vida continua a mesma coisa. Toda a vida eu pensei o quê eu podia gastar, nunca gastei mais do que podia, nunca fiquei devendo. Sou assim, se eu pegar cem eu só gasto setenta.

*Com relação a sua família, o que mudou após a aposentadoria?*

Olha, a minha filha, quando eu aposentei, não estava casada. Eu sempre me esforcei para que ela estudasse. Ela fez faculdade de História.

*(segunda metade da entrevista, por razões desconhecidas, ficou inaudível)*

Entrevista nº 15 (27/11/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Alexandrina Gonçalves da Silva (aposentada-77 anos)

*Quais eram as suas expectativas para a sua vida na aposentadoria?*

Passava uma esperança de um dia eu me aposentar e ter uma vida melhor, porque essa vida de ficar de porta em porta vendendo, implorando aos outros para comprarem, não é muito boa. Depois que eu me aposentei, eu parei.

*Assim que a senhora se aposentou, o que lhe passou pela cabeça?*

Eu fiquei alegre, porque eu já estava doente, com problemas de pressão, de osteoporose. E aí eu achei um alívio.

*E com a família, o que mudou?*

Mudou. Antes eu chegava em casa até mesmo dez horas da noite, e eles se preocupavam comigo. E depois que eu me aposentei eu ficava lá deitada em minha casa. Em minha casa eu faço tudo, graças a Deus!

Agradeço muito à terceira idade, que é muito boa, passeio muito.

*Como foi que a senhora veio fazer parte do Programa?*

Porque a doutora Josi é a minha médica há nove anos, ela é geriatra. Ela é dirigente do grupo da catedral. Ela disse: “Oh dona Alexandrina, porque que a senhora não entra na terceira idade? Pode ajudar até a senhora melhorar. Você só fica em casa, tendo problemas de coração, de pressão, dores (...). Aí a senhora vai andar e se dar muito bem”. Então eu fui.

Eu gostei desde o início, porque ela é médica, e ela já levava para lá a malinha, tomava a nossa pressão, se precisasse, levava a gente no consultório dela. Aí eu fui ficando, porque era pertinho da minha casa.

Eu já desmaiei, mas tive toda a assistência. Então eu me sinto segura. Mas, eu me sinto ótima. Já aprendi tanta coisa de artesanato aqui. Virei até cantora!

(risos) Os médicos são umas maravilhas. Sabe que um médico me achou até bonita (!)? Ele falou que eu sou delicada, que eu sei falar!

*E como a sua família reagiu com o fato da senhora estar freqüentando a terceira idade?*

Adoraram! Quando o coral vai cantar aqui na praça vai marido, vai neto! Só você vendo!

*O que é ser idoso hoje, na sua opinião?*

É muito bom porque todos têm que passar por essa, não é (!)! Graças a Deus! Ontem mesmo eu estava dizendo para o meu esposo que eu não sei o que é idade. Sou muito feliz, com tudo o que eu tenho, com tudo o que eu sou. Graças a Deus.

*A senhora consegue imaginar a vida da senhora hoje sem a terceira idade, como seria?*

Ah, eu estava agora sentada no sofá assistindo televisão, só engordando (...).

*Qual o seu papel para a sociedade, enquanto idosa?*

Acho que tem muito preconceito ainda. Falam que a gente é dos tempos antigos. É isso!

*Quais são seus planos para o futuro?*

Olha, ter um dinheiro para fazer uma reforma em minha casa, aumentar mais um pouco a minha casa.

Entrevista nº 16 (27/11/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Júlia Delfina da Silva Souza (aposentada-69 anos)

*Quais eram as suas expectativas para a sua vida na aposentadoria?*

Eu esperava ter uma vida melhor. Eu pegava o dinheiro da minha aposentadoria e aplicava tudo na roça. Fazia a minha feirinha (*compras do mês*) e aplicava tudo na roça. Tinha aquela pressão de fazer isso, fazer aquilo outro, de plantar não sei quanto de capim, de palma (*planta nativa usada para alimentar o gado*) e tal. Palma mesmo ficou mais de um hectare. Capim, ficou bastante capim! Mandioca ficou bastante. Banana eu plantei quase cem pés de banana.

Então, eu fiquei muito apaixonada, porque eu vim embora. Há quatro meses e pouco eu vim embora, abandonei a terra. Eu não tinha mais ninguém para ficar comigo na terra e tive que vir embora. Sozinha eu não podia ficar. Eu ficava com medo de dar uma dor de noite e morrer. Ou então uma cobra me pegar lá no mato e morrer por lá mesmo. Quem é que ia me achar? Só o urubu, não é?

Depois de enfrentar aquilo eu disse: “Meu Deus do Céu! Está em suas mãos, meu Senhor Jesus, para resolver este problema!”. Eu não queria perder a minha terra. (*fala com grande comoção, tendo lágrimas aos olhos*)

Eu trabalhei bastante. Aprendi a trabalhar de foice, coisa que o meu pai não me ensinou. Com a enxada eu era como um leão! Não era todo homem que trabalhava com a enxada igual a mim! É tanto que eu colocava gente para trabalhar comigo, homem, e eu descia e trabalhava o dia todinho.

Por um lado foi um descanso ter aposentado. Não foi melhor por causa disso. (*ter perdido a terra*)

*O que passou na cabeça da senhora assim que se aposentou?*

Trabalhar menos, ter uma vida melhor. Mas a coisa que eu mais gosto é de trabalhar. É tanto que eu peguei uns retalhos de pano da minha cunhada, para eu entreter, não ficar *pressionada*. Eu tive depressão e até hoje a minha cabeça dói. É tanto que eu cheguei lá da roça e fiz exame. Disseram que era para eu tomar remédio por um bom tempo.

*Como foi o seu primeiro ano de aposentada?*

Aplicando o meu dinheiro na roça meu filho. Continuei trabalhando.

*Como a senhora veio para a terceira idade?*

Eu vim logo depois que cheguei da roça. Vim porque é um trabalho bonito. Já estou me sentindo feliz, já estou aprendendo umas coisas, já estou pintando. Ainda vou aprender a fazer muitas coisas aqui.

*O que mudou no dia a dia da senhora?*

Eu estou me transformando (...), assim, em outra pessoa. Sei lá! Eu estou me sentindo muito bem. E só assim que eu vou deixando aquela saudade de lá.

*O que a sua família achou da senhora participar da terceira idade?*

Não, eles apoiaram! Meus filhos me apoiaram. As minhas filhas estão achando bom, admiram as amostras que eu levo (*artesanato*). Estou ensinando até umas coisinhas para os meus netinhos, minhas netinhas, e eles estão aprendendo. É por isso que eu estou aqui, para aprender mais coisas e ensinar aos meus netos.

*O que é ser idoso hoje, na sua opinião?*

Eu acho que mudou hoje, porque parece que a gente renova. Parece que a gente fica mais nova. Eu mesmo estou me achando! Todo mundo está achando que eu estou mais nova do que quando eu estava lá na roça.

E eu me sinto feliz! Graças a Deus!

*Na sua opinião, qual o seu papel para a sua comunidade?*

Eu acho bom a gente conversar com as amigas, para ver se elas também participam da terceira idade, que é muito bom!



*Quais seus planos para o futuro?*

Cuidar da minha casa. Ajeitar a minha casa, pois os meus filhos vão lá. Deus vai me ajudar que antes de morrer eu verei a minha casa ajeitada.

Entrevista nº 17 (27/11/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Maria Amaral Luz (aposentada-67 anos)

*Quais eram as suas expectativas para a sua vida na aposentadoria?*

Eu desejava que fosse melhor, para acabar com o meu sofrimento. Ia ter um dinheiro para me alimentar bem. E depois que eu aposentei melhorou cem por cento.

*Assim que a senhora se aposentou o que lhe ocorreu?*

Eu fiquei muito alegre. Prometi um guarda-roupa para a minha filha, que não tinha. Ela colocava a roupa na bolsa. Aí eu falei para ela que quando eu me aposentasse o meu primeiro dinheiro eu iria tirar um guarda-roupa para ela. Daí eu tirei e dei para ela! E aí fui conseguindo fazer a minha casinha. O meu filho caçula me deu um terreno, nós fomos juntando material de pouco a pouco, então construímos dois cômodos. Foi aí que eu construí essa casinha que eu estou morando.

*Mudou alguma coisa com a família, após a senhora ter se aposentado?*

Eu vendia coisa na rua e até adoeci, de *quentura*. Meu marido me deixou a pensão, mas para poder sustentar quatro filhos e ainda cuidar da casa (...). Aí eu aposentei e vim para cá. Então, eu *lutei* com esses filhos só com a pensão e vendia coisa (*antes de se aposentar*). E com a aposentadoria melhorou.

*O que levou a senhora a participar da terceira idade?*

Foram umas amigas da terceira idade e a minha irmã, que disseram que seria bom se eu entrasse. Como eu não trabalhava mais e nunca tive essa chance de curtir a minha vida. Pois a minha vida sempre foi lá na roça, do rio para casa e da casa para roça. Era essa a vida. Então a terceira idade foi uma oportunidade. Quando tem uma dança eu sinto uma alegria! Quando eu me lembro do que eu já

passei, de quando era jovem, e eu contei para Ivone, eu não agüentei e chorei. (*fala com a voz embargada*)

*A sua família lhe apoiou, pelo fato de participar da terceira idade?*

Apoiou, tanto os daqui como os de fora! Eles não querem que eu saia. E o homem (*marido*) fica lá jogando o dominó dele e eu venho para cá, curtir a minha vida. E vamos levando!

*O que é ser idoso hoje, em sua opinião?*

O velho de primeira vivia nas casas dos filhos pedindo para sobreviver. E ficava *recanteado (isolado)*, tinha uns que morriam *azulados (expressão usada para expressar o isolamento do idoso)*, uns tinham até medo de gente. Hoje ninguém vê isso, é difícil! Os idosos hoje estão na ponta, muito felizes!

Eu quando me mudei para aqui era muito *apocada (cismada)*, quietona, tinha medo de sair, tinha medo de conversar. Então eu melhorei cem por cento!

*E como a senhora acha que estaria a sua vida agora sem a terceira idade?*

Podia estar melhor! Mas não igual quando eu passei para aqui! A gente chega aqui e conversa, sorri, prosa com as amigas (...). Eu sei que melhorou muito.

*Para a comunidade da senhora, em sua opinião, qual o seu papel?*

Eu sei é que tudo melhorou para a gente. Hoje eu falo que a gente está rico! E Deus preparou tudo para mim na minha idade!

*Quais são os seus planos para o futuro?*

Eu quero é sempre melhorar a minha vida, daqui por diante! Eu também tenho um sonho que vou te contar. Tenho vontade de possuir uma sanfona e aprender a tocar. Se eu possuir eu vou entrar em uma escola.

Entrevista nº 18 (28/11/2006) / Local: sede do Programa

DEPOENTE: Agnêlio Alves Sena (aposentado-71 anos)

*Quais eram as suas expectativas para a sua vida na aposentadoria?*

Eu não imaginava nada. Eu nem sabia que existia, essa aposentadoria! Eu fui doente me aposentar!

*Assim que o senhor se aposentou o que lhe passou pela cabeça?*

Eu fiquei triste porque eu trabalhei muitos anos e me deram um salário muito fraco. (...)

*O que o senhor fez em seu primeiro ano como aposentado?*

Eles (o Governo) me garantiram que iam me mandar a carta lá em casa. Me mandaram, eu vim (...). Nesse tempo era INPS. Aí quando eu cheguei a moça disse: "Sr. Agnêlio o senhor ganhou!"; aí me mandou ir lá na sala pegar os documentos e me entregou o carnê. Era um trocadinho tão pequeno que eu já nem me lembro mais!

Quando eu melhorei, eu não gostava de ficar muito em casa, não! Eu gostava de ficar visitando os amigos e fazendo uns servicinhos, para ver se melhorava mais.

*O que lhe trouxe para a terceira idade?*

Foi Ivone que convidou a minha esposa e depois eu acompanhei.

Eu vim com vontade e estou com vontade! Não pretendo sair, não!

*E a sua família, os seus amigos, o que eles acharam?*

Teve uns que agradaram, tiveram outros que eu chamo e dizem que vêm, que não vêm. Já outros acham que é ruim.

*O que é ser idoso hoje na sua opinião?*

Bem, eu ainda queria ser mais velho do que já sou. Estou com setenta e quero viver mais uns anos!

*Como o senhor acha que seria a vida do senhor sem a terceira idade?*

A terceira idade é boa (...). Não tenho nada para falar, a gente brinca bastante, fica alegre. Eu vou nos programas que eles marcam, nos passeios, eu acompanho (...). Eu só não vou naqueles que eu não estou preparado!

*Quais os planos do senhor daqui para adiante?*

Ter uma casa para morar. Eu fiz o cadastro na prefeitura há dois anos, para me darem uma casa porque eu não tinha condições de construir. Até hoje a prefeitura não resolveu nada. E eu estou aí, a dona da casa já me pediu a casa. Qualquer hora eles irão bater no pé de pau! (*expressão que significa que a dona da casa exigirá que ele entregue o imóvel*)

Depois de tudo eles (*a prefeitura*) querem me dar um terreno. Como é que eu vou construir! (*fala com um tom aborrecido*)

Eu quero ter a minha casa!